



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

**NAYANA DUARTE DA SILVA**

**DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E SAÚDE: O CICLO JORNALÍSTICO  
DOS DISCURSOS SOBRE DENGUE NOS JORNAIS FOLHA DE S.  
PAULO, O GLOBO, MEIO NORTE E O DIA**

**CAMPINAS,  
2017**

**NAYANA DUARTE DA SILVA**

**DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E SAÚDE: O CICLO JORNALÍSTICO  
DOS DISCURSOS SOBRE DENGUE NOS JORNAIS FOLHA DE  
S. PAULO, O GLOBO, MEIO NORTE E O DIA**

**Dissertação de mestrado apresentada ao  
Instituto de Estudos da Linguagem e  
Laboratório de Estudos Avançados em  
Jornalismo da Universidade Estadual de  
Campinas para obtenção do título de  
Mestra em Divulgação Científica e  
Cultural, na área de Divulgação Científica  
e Cultural.**

**Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurelio Barbai**

**Este exemplar corresponde à versão  
final da Dissertação defendida pela  
aluna Nayana Duarte da Silva e  
orientada pelo Prof. Dr. Marcos Aurelio  
Barbai**

**CAMPINAS,  
2017**

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

Si38d Silva, Nayana Duarte da, 1987-  
Divulgação científica e saúde : o ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue nos jornais Folha de S. Paulo, O Globo, Meio Norte e O Dia / Nayana Duarte da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Marcos Aurelio Barbai.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Dengue - Brasil. 2. Análise do discurso. 3. Jornais brasileiros - Aspectos da saúde. 4. Saúde na comunicação de massa. 5. Divulgação científica - Brasil. I. Barbai, Marcos Aurelio, 1976-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** Scientific divulgation and health : the journalistic cycle of dengue discourse in the Folha de S. Paulo, O Globo, Meio Norte and O Dia newspapers

**Palavras-chave em inglês:**

Dengue - Brazil

Discourse analysis

Brazilian newspapers - Health aspects

Health in mass media

Scientific divulgation - Brazil

**Área de concentração:** Divulgação Científica e Cultural

**Titulação:** Mestra em Divulgação Científica e Cultural

**Banca examinadora:**

Marcos Aurelio Barbai [Orientador]

Cristiane Pereira Dias

Greciely Cristina da Costa

**Data de defesa:** 11-12-2017

**Programa de Pós-Graduação:** Divulgação Científica e Cultural



## **BANCA EXAMINADORA**

**Marcos Aurelio Barbai**

**Cristiane Pereira Dias**

**Greciely Cristina da Costa**

**IEL/UNICAMP  
2017**

**Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra  
no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.**

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria dos Reis e Benedito Duarte, a quem devo tudo o que sei e o que sou, minha eterna gratidão e reconhecimento por todo sacrifício que fizeram em prol da minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus Pai, por me dar forças para seguir em frente, paz e serenidade nos momentos difíceis e a alegria de mais essa vitória;

Aos meus pais, Maria dos Reis Silva e Benedito Duarte da Silva Filho, por sempre está ao meu lado, comemorando cada vitória; Por me oportunizar desde a infância o estudo; pelo carinho, paciência, compreensão nos momentos de estresses, incertezas e tribulações. Muito obrigada por tudo!

Ao meu irmão, meus familiares e amigos, pela torcida, pelo carinho e por estarem sempre ao meu lado;

Ao meu orientador, Marcos Aurélio Barbai, pela orientação tão respeitosa e atenta. Muito obrigada por acreditar nesse projeto, confiar no meu Trabalho, pelas serenas advertências, pela compreensão e paciência. Muito obrigada por acreditar em mim quando eu mesma cheguei a duvidar do meu potencial. Tens minha gratidão e admiração;

Ao professor Paulo Fernando de Carvalho Lopes pelos ensinamentos e, que de uma forma ou de outra, contribuiu para a minha formação;

À professora Jacqueline Lima Dourado que proporcionou autonomia e tranquilidade necessárias para conseguir conciliar trabalho e estudo.

Aos amigos, em especial a: Hodercine, Edison, Letícia, Alyne, Mariana e Maria da Guia. Obrigada pelas conversas e por todos os momentos que me ajudaram a sorrir, relaxar e entender que não estava sozinha. Vocês também fizeram parte e foram muito importantes na minha vida nesses últimos anos.

## RESUMO

Tomando por base a Análise de Discurso, buscaremos, neste trabalho, compreender como os sentidos sobre dengue, ou melhor, como o dizer sobre dengue é posto em movimento nos discursos dos jornais, uma vez que, a doença é um acontecimento que se materializa nas formas do discurso jornalístico utilizando conjuntos de formulações de modo a mencionar, calcular, domesticar um sentido de dengue, de doença, de epidemia. Por meio da construção do conceito e características do Ciclo Jornalístico analisaremos as múltiplas leituras e interpretações produzidas numa cena discursiva durante os momentos da constituição, da formulação e da circulação da dengue. Para tanto, selecionamos matérias, reportagens, notas, colunas publicadas nos jornais: Folha de S. Paulo, O Globo, Meio Norte e O Dia, durante o ano de 2014 como objeto de investigação, totalizando 191 textos, para compreender os efeitos de sentidos nas notícias sobre dengue em quatro jornais; mapear os elementos de construção da narrativa jornalística por meio da circulação do dizer e dos efeitos sociais do discurso nas notícias sobre Dengue; verificar como a notícia sobre dengue é produzida e qual o seu lugar no jogo noticioso de sua divulgação; mostrar o funcionamento do ciclo jornalístico de divulgação de notícias sobre dengue; buscar compreender o silenciamento constitutivo da cobertura das notícias sobre dengue e o apagamento de sentidos pela sobreposição de um discurso a outro e por fim avaliar criticamente o papel da comunicação quando o assunto é saúde.

**Palavras-chave:** Dengue, Ciclo Jornalístico, Análise do Discurso, Divulgação Científica.

## **ABSTRACT**

Based on the Discourse Analysis, we will try, in this work, to understand how the senses about dengue, or rather, how the saying about dengue is put into motion in the discourses of the newspapers, since, disease is an event that materializes in the Forms of journalistic discourse using sets of messages so as to mention, calculate, domesticate a sense of dengue, disease, epidemic. Through the construction of the concept and characteristics of the Journalistic Cycle we will analyze the multiple readings and interpretations produced in a discursive scene during the moments of the constitution, formulation and circulation of dengue. To do so, we selected materials, reports, notes, columns published in the newspapers: Folha de S. Paulo, O Globo, Meio Norte and O Dia, during the year 2014 as object of investigation, totaling 191 texts, to understand the effects of meanings In the news on dengue in four newspapers; Map the elements of the construction of the journalistic narrative through the circulation of the saying and the social effects of the discourse in the news about Dengue; To check how the news about dengue is produced and what its place in the news game of its disclosure; Show the functioning of the journalistic cycle of dissemination of news about dengue; Seek to understand the constitutive silence of the coverage of the news about dengue and the erasure of meanings by the overlapping of one speech to another and finally to critically evaluate the role of communication when the subject is health.

**Key-words:** Dengue, Journal Cycle, Discourse analysis, Scientific divulgation.



## **LISTAS DE FIGURAS**

|                                                                                             |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1:</b> Diagrama do ciclo jornalístico do discurso sobre dengue.....               | 35 |
| <b>Figura 2:</b> tipos de discursos e formatos jornalísticos.....                           | 43 |
| <b>Figura 3:</b> Cruzamento dos níveis e séries produtivas de cenário: marcos do Ciclo..... | 57 |
| <b>Figura 4:</b> modelo da falha do ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue.....      | 97 |

## **LISTA DE QUADROS**

|                                                                                             |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Quadro 1:</b> títulos e trechos de notícias que se repetem, com algumas variações.....   | 33 |
| <b>Quadro 2:</b> editorias.....                                                             | 43 |
| <b>Quadro 3:</b> fontes.....                                                                | 44 |
| <b>Quadro 4:</b> temas/ assunto.....                                                        | 45 |
| <b>Quadro 5:</b> quantitativo da dengue nos quatro jornais em 2014.....                     | 54 |
| <b>Quadro 6:</b> temas.....                                                                 | 55 |
| <b>Quadro 7:</b> cruzamento dos níveis e séries produtivas de cenário: marcos do ciclo..... | 58 |

## **LISTA DE GRÁFICOS**

|                                                                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Gráfico 1:</b> comparativo dos quatro jornais com número de notícias sobre dengue nos meses do ano de 2014..... | 55 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                            |            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                                                                    | <b>11</b>  |
| <b>1º Capítulo: Discurso sobre a Dengue e divulgação científica: um jogo de interpretações.....</b>                                                                        | <b>15</b>  |
| 1.2. Dengue: uma doença negligenciada? .....                                                                                                                               | 22         |
| <b>2º Capítulo: Construção do conceito e características do Ciclo Jornalístico sobre a dengue.....</b>                                                                     | <b>32</b>  |
| 2.1. Nível Amplo – Histórico .....                                                                                                                                         | 36         |
| 2.2. Nível Específico - Institucional .....                                                                                                                                | 41         |
| 2.3. Nível Relacional caracterizado pela sociedade e sujeitos sociais.....                                                                                                 | 49         |
| 2.4. Marcos do Ciclo .....                                                                                                                                                 | 53         |
| 2.5. Cruzamento dos níveis e séries produtivas de cenário: Marcos do Ciclo .....                                                                                           | 57         |
| 2.5.1. Primeiro Marco do Ciclo: Gerenciamento.....                                                                                                                         | 59         |
| 2.5.2. Segundo Marco do Ciclo: Surto .....                                                                                                                                 | 61         |
| 2.5.3. Terceiro Marco do Ciclo: Manutenção.....                                                                                                                            | 62         |
| 2.5.4. Quarto Marco do Ciclo: Fim .....                                                                                                                                    | 64         |
| <b>3º Capítulo: Análise do Cruzamento ou intersecções das Fases do Ciclo Jornalístico sobre Dengue .....</b>                                                               | <b>66</b>  |
| 3.1.1. Análise do Primeiro Marco do Ciclo: Gerenciamento (janeiro a março).....                                                                                            | 67         |
| 3.1.2. Análise do Segundo Marco do Ciclo: Surto (abril a julho) .....                                                                                                      | 80         |
| 3.1.3. Análise do Terceiro Marco do Ciclo: Manutenção (agosto a outubro) .....                                                                                             | 84         |
| 3.1.4. Análise do Quarto Marco do Ciclo: Fim (novembro e dezembro).....                                                                                                    | 88         |
| 3.2.5. Análise da quebra do ciclo: movimento, falha e equívoco no Sentido do Nome: Primo Chico, prima da dengue, Chiku, Chikumaconha, Família Dengue, Becos da dengue..... | 96         |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                                                                        | <b>107</b> |
| <b>5. REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                                                                                | <b>117</b> |

## INTRODUÇÃO

Diariamente, quando folheamos os jornais, nos deparamos com notícias sobre dengue organizada numa estrutura temporal, coerente, sem falhas, com personagens e suas histórias encadeadas em causas e consequências dentro de um cenário explicativo de modo a manter um vínculo de pertencimento entre os discursos que ecoam e se repetem e a sociedade.

São discursos construídos, armados, mitificados, centrados no mosquito *aedes aegypti*; na forma como a população que reside em regiões aos arredores dos grandes centros urbanos, nos quais não existem ações de desenvolvimento e nem atividades de higiene no ambiente privativo do lar se organizam, são exageradamente regidos, gerido, preservado, contado nos jornais em forma de notícias.

Essas notícias que são produzidas, que relatam, divulgam e discursivizam sobre dengue são gerenciadas e projetadas nos jornais compondo um sistema que produz um movimento cíclico de informações que são padronizadas, reconfiguradas, fixadas e, ao mesmo tempo, produzem o apagamento, rescrevem, reinventam discursos, constituindo, tecendo e destecendo interpretações sobre dengue. Esse sistema nós denominamos de: ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue.

A ideia de desenvolver um trabalho voltado a explicar o conceito, a composição e funcionamento do ciclo jornalístico, surgiu quando notamos nos jornais: *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *Meio Norte e O Dia*, durante o período de (01) janeiro a (31) de dezembro de 2014, um funcionamento da cobertura jornalística composta pela sazonalidade, repetição e regularidade de temas sobre dengue que tinha semelhança com ciclo biológico de produção do mosquito *aedes aegypti*, vetor causador do vírus dengue. Uma organização que agrupava as notícias de modo a explicar como as informações sobre dengue eram postas em movimentos nas páginas dos jornais e como o acontecimento dengue que se materializa na forma de discurso jornalístico era utilizado de modo a mencionar, calcular, domesticar, silenciar, negligenciar um sentido de dengue, de doença, de epidemia.

Assim, o nosso ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue foi formado a partir dos três elementos que compõem o processo de produção de sentidos: a constituição, a formulação e a circulação dos discursos. Ele foi imaginado assim, para darmos conta e observamos o processo de produção, reprodução e consumo das notícias, o movimento de repetições e falhas presentes naquilo que os jornais diziam sobre dengue e não somente utilizar o ciclo para realizar um calendário de atividade sobre dengue ou contagem do tempo, mas sim notarmos a

atualização dos sentidos na temporalidade do dizer, os processos que equilibram e normatizam os discursos sobre dengue nos jornais.

Para o melhor detalhamento do funcionamento do ciclo, utilizamos nesta dissertação, as noções, conceitos, procedimentos dentro da análise do discurso para diferenciar as fases da dengue; observarmos as discursividades diferentes ao falar sobre dengue que desenvolve uma falsa ordenação sintomática do falar sobre dengue nos jornais estabelecendo um “circuito” de publicização da dengue contínuo e homogêneo; interrogarmos a estrutura e movimento do ciclo jornalístico para perceber por meio das explicações dos níveis e cruzamento dos marcos do ciclo que os textos têm temporalidades que diz, mostra e interpreta a dengue.

Deste modo, neste trabalho, o *corpus* selecionado durante o ano de 2014 foi usado para compor a estrutura e funcionamento do ciclo jornalístico. Os 191 recortes selecionados operam trabalhando a temporalidade dos processos discursivos e não a temporalidade cronológica do discurso permitindo delinear e acompanhar quando um discurso remete a outros discursos disseminados no tempo, com tendências históricas e movimento que sustentam as redes de filiações da dengue.

Para tornar este trabalho de longo alcance, vamos analisar os discursos sobre dengue nos jornais: Meio Norte, O Dia, O Globo e Folha de S. Paulo durante o ano de 2014, seguindo os seguintes objetivos:

- Analisar o funcionamento ciclo jornalístico dos discursos sobre Dengue nos jornais Folha de S. Paulo, O Globo, Meio Norte e O Dia;
- Trabalhar os processos de constituição, formulação e circulação em torno do ciclo de repetição dos discursos sobre dengue nos jornais;
- Pensar na divulgação científica e notícia em relação a dengue;
- Mostrar o funcionamento da espacialização do tema da dengue, por meio dos diferentes lugares do jornal, como forma de descrever a divisão de leitura posta no próprio modo como o tema dengue se especializa nos jornais;
- Notar como as notícias fazem as engrenagens do ciclo jornalístico girar;
- Verificar o funcionamento do aposto e o equívoco nos discursos sobre dengue.

E para melhor resolução das problemáticas expostas, utilizaremos as seguintes hipóteses que nos ajudarão a perceber a produção, o funcionamento e a circulação dos sentidos sobre dengue:

- A narratividade atua na ordem do cotidiano e agenda os assuntos sobre a dengue para os que os leitores possam pensar e organizar direções de leituras sobre o assunto;
- Cada jornal constrói uma narrativa, um drama epidêmico característico; os jornais de amplitude nacional noticiam mais sobre a dengue do que os jornais de abrangência local;
- Os divulgadores de informação sobre dengue qualificam as informações, confrontam as fontes em relação a problemática;
- A notícia sobre a dengue segue uma sequência de etapas que atravessa um período de surgimento inicial dos casos e primeiras medidas preventivas, período de surto, um período de declínio e fim (reinício das atividades de combate e prevenção), fazendo com que a problemática tenha seu próprio ciclo.

Este trabalho é um olhar oportuno sobre os discursos a respeito da dengue, pois traz uma visão detalhada e os silêncios da má coordenação do Estado na prevenção, tratamento, controle ou eliminação da dengue, mostrando por meio das análises dos jornais Folha de S. Paulo, O Globo, Meio Norte e O Dia, como o direito à saúde por meio dos aspectos de monitoramento clínico e laboratorial é negligenciado.

Além disso, esta dissertação é relevante e oportuno para a área acadêmica, pois servirá de fonte de pesquisa tanto para divulgação científica quanto para área da Saúde ou outras áreas do conhecimento que pesquisam sobre a incidência, perpetuação e funcionamento dos dizeres sobre a dengue, uma vez que, há uma escassez de material organizado, principalmente, por pesquisadores da Comunicação e Divulgação Científica sobre a problemática.

A dissertação está estruturada em três capítulos. Após a Introdução, o primeiro capítulo fornece uma discussão acerca do Discurso sobre Dengue e divulgação científica como um jogo de interpretações; discute a biopolítica enquanto prática democrática que pensa a vida humana e o corpo da população como um elemento político, onde o Estado administra, intervém em políticas públicas para controlar o corpo da população; faz uma reflexão sobre a dengue como um fenômeno de população, gestão de cidade, de Estado, de saúde, de discurso político e, acima de tudo, a falta de comunicação ou informação, pois uma formação social gerida e administrada como um regulação que produz desinformação, produz má gestão, interdita conhecimento. Nesta parte do capítulo 1, temos como base Foucault, o teórico fundamental para discutirmos e situarmos a dengue como problema social, histórico. Assim como, debater sobre as “causas das causas” da dengue, os fatores sociais que estão por trás da produção/reprodução/distribuição/

ocorrência (ou não) da doença; fatores sociais, políticos, culturais, econômicos, que interferem na dinâmica de transmissão da doença e geram condições favoráveis à permanência da dengue.

No capítulo dois, desenvolve-se o conceito Ciclo Jornalístico, além da construção das características dos marcos do ciclo, cruzamento dos níveis e séries produtivas de cenário, como também a representação de cada fase ou giro, como forma de metodologia, arquivo da pesquisa, estrutura de coleta de dados e procedimentos para analisar as notícias.

O capítulo três, Análise das Fases do Ciclo Jornalístico sobre Dengue, no qual analisamos as sequências das fases do ciclo jornalístico, para assim percebermos como o discurso da dengue foi construído e organizado como de notícia em um jornal e num ciclo. Além disso, vamos analisar o equívoco, momento em que a engrenagem falha e acontece a quebra do ciclo

E as considerações finais, onde buscamos apresentar uma visão geral da análise.

## 1º Capítulo: Discurso sobre Dengue e Divulgação Científica: um jogo de interpretações

A cada ano, milhares e milhares de pessoas são vítimas de doenças transmitidas pela picada da fêmea do *aedes aegypti*. Os riscos à saúde e ações de combate ao mosquito são assuntos conhecidos que se destacam nos jornais, porém necessitam de uma discussão mais profunda a respeito da divulgação científica e jornalismo que produz essas notícias.

O objetivo deste capítulo é justamente realizar um debate para pensarmos qual o lugar e papel da notícia? Qual o papel e lugar da divulgação científica quando o assunto é dengue? Estes questionamentos surgiram a partir da organização do *corpus* deste trabalho, no qual se constatou que a maior parte do corpo da pesquisa era composta por notícias.

Para início de conversa, vamos nos atentar para o funcionamento da divulgação científica e notícia. De modo mais amplo, a divulgação científica aparece, então, como instrumento de mediação entre os cientistas e público leigo. Esse intermédio é uma modalidade de difusão de informações que tem maior extensão na sociedade e pode ser realizados por meio da utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações ao público amplo e diversificado, os resultados de pesquisas científicas.

E a notícia segundo Amaral (1966, p.39), é “tudo o que o público necessita saber, tudo que o público deseja falar”, incluindo que ela é “a inteligência exata e oportuna dos acontecimentos, descobertas, opiniões e assuntos de todas as categorias que interessam aos leitores”, no qual de acordo com Silva (2002, p.133), ela pode produzir apagamento da prática científica, de suas consequências e um nivelamento sobre o fato científico.

Dessa maneira, como explica Orlandi (2013), a divulgação científica e a notícia, são formas de discurso e segundo a autora, o discurso é o lugar onde estão as questões sobre a língua, o sujeito e a história. Assim, temos que entender que a relação entre divulgação científica, notícia e quem lê a informação está longe de ser direta, automática, mecânica, estanque, unidirecional e verticalizada, pois no procedimento de significação há processos que podem alterar a maneira como os sentidos são lidos, compreendidos e tomam unidade.

Podemos afirmar, então, que a divulgação científica não é sinônima de tradução de uma linguagem especializada para um público leigo ou um instrumento que torna acessíveis informações e propicie o diálogo entre os laboratórios e os públicos, onde o jornalista ou divulgador repassa aquilo que lhe põe nas mãos reforçando para as pessoas um dizer evidente e natural, fortalecendo os sentidos institucionalizados que depositam na divulgação uma prática de tradução e de transmissão de informações, como se a relação entre o jornal e o leitor fosse

sem falhas e tensões, pois isso é silenciar tudo que faz parte dos processos históricos de produção e também, silenciar a própria produção de sentidos.

A divulgação científica é mais que isso. É mais que tradução. A divulgação é articulação, pois segundo Authier-Revuz (1999, p.11), ela está incluída nas práticas de reformulação, onde se singulariza “continuamente, como dois exteriores, o discurso exterior fonte e o discurso familiar do grande público” com finalidade de restabelecer um diálogo rompido entre os especialistas e o público geral.

Essa é uma característica diferente que notamos na prática dos discursos jornalísticos, pois na notícia existe todo um processo em que entram em jogo fatores organizacionais, rotinas de produção e valores de noticiabilidade, determinando a notícia como objeto voltado para informação de consumo, onde são carregadas de uma dupla função, a de informar e distrair para atingir o número máximo de leitores.

Dessa maneira, uma matéria produzida por um jornal parte de uma pauta que pode ser intencional, ocasional ou procurada e essa pauta se relacionam ou se centralizam em tendências da sociedade dando ênfase em informações da realidade ou no que as pessoas almejam, tais como: uma novidade, emoções, temas mais particulares voltados ao bairro, cidade e etc. informações que variam no dia a dia, de um país ao outro, de cidade a outra e, sem dúvida de um jornal para outro.

Nas notícias, os discursos são inscritos numa relação de atos políticos que estabelecem uma direção e divisão do que é produzido pelo jornalista ou divulgador diante de um texto científico, que sustentam e funcionam como guia, tradutores, facilitadores e etc.

Nos processos de construção da notícia, além de ser uma articulação que transporta a informações dos fatos a quem não os presenciou, também atua disponibilizando determinadas interpretações e não outras, pois a linguagem jornalística é constituída de múltiplas vozes.

Orlandi (1983, p. 20) explica que no processo discursivo, os sentidos não estão prontos nos objetos ou nas palavras. Eles estão sempre em movimento fluindo entre paráfrase e polissemia – “formulações diferentes para o mesmo sentido” ou “retorno constante a um mesmo dizer segmentado” e, de outro, “multiplicidade de sentidos” ou “uma tensão que aponta para o rompimento” – que, segundo a autora, estes dois processos funcionam como o imaginário na construção dos sentidos e no trabalho da memória. Um não trabalha sem o outro, no entanto, a relação entre eles é contraditória, visto que o retorno e transferência de sentidos são diferenças necessárias e constitutivas do sujeito e dos sentidos. Esses dois processos dependem de vários momentos: o da constituição, da formulação e da circulação.



Segundo Orlandi (1983), a linguagem se torna realidade, a memória se renova (se atualiza), os sentidos se definem, o sujeito se apresenta e se oculta na constituição, formulação e circulação dos discursos. Esses momentos são igualmente importantes, porque no processo de produção de sentidos existem possibilidades enunciativas ligadas tanto a períodos históricos quanto a condições que deslocam os sentidos, ou seja, além do funcionamento da paráfrase e polissemia, ocorre também o deslocamento dos sentidos que é perpetuado e conservado nos discursos por meio da produtividade e organização, noções importantes no ponto de vista do fio discursivo, pois, produzem a variação do mesmo em quantidade; define a relação do sujeito com o sistema significante, ou seja, quando ele escreve ou fala; define e nomeia a palavra. Assim, ao falar e definir a dengue, o interlocutor formula sentidos que contribuem para a manutenção de determinadas ideologias e colocam em jogo posições discursivas distintas.

Essas possibilidades, chamamos de interpretação. Um conceito que não podemos perder de vista, pois são múltiplas leituras produzidas numa cena discursiva. “Qualquer modificação na materialidade do texto [que] corresponde a diferentes gestos de interpretação contribui para compreender que o sentido não está alocado em lugar nenhum, mas se produz nas relações dos sujeitos, dos sentidos” (ORLANDI, 2004, p. 14).

A interpretação está presente em toda e qualquer expressão da linguagem. É onde percebemos as discursividades diferentes, a não transparência, marcas, traços, inferências, pressuposições, vínculos, rupturas, tensões, negociações, os sentidos dos acontecimentos, a construção da realidade e etc.

Assim sendo, na produção de sentidos sobre dengue e divulgação, o jornalista tem que ser, acima de tudo, um mediador ou articulador. Estar no entremeio, entre o discurso científico e jornalístico, pois nestas diferentes discursividades não há somente transmissões de informação, mas efeitos de sentidos que relacionam diferentes formas de discurso no mesmo texto, produzindo um duplo movimento de interpretação, porque ao se construir gestos interpretações, a partir de uma forma específica de autoria, desenvolve-se uma *versão* do discurso, que é a “passagem de uma discursividade que se textualiza em outra forma de linguagem” (ORLANDI, 2001, p 23).

Esse funcionamento do discurso sobre dengue e os efeitos produzidos pela comunicação na sociedade, de colocar numa forma acessível ao público informações científicas por meio de substituições, transformações – reformulações - é que nos interessa discutir neste capítulo.

O que propomos é interpretar como esses discursos que funcionam como mediadores, atuam na institucionalização de sentidos; como esses discursos se organizam em diferentes dizeres para falar de discursos dos outros; quais os efeitos que eles produzem na sociedade;

mapear os elementos de construção da narrativa jornalística por meio da circulação do dizer e dos efeitos sociais do discurso nas notícias sobre Dengue; verificar como a notícia sobre dengue é produzida e qual o seu lugar no jogo noticioso de sua divulgação; investigar como funciona o lugar do jornalista como divulgador de informação sobre dengue.

Não interessa descrever o discurso do médico, do pesquisador ou do paciente nos discursos dos jornais. Nem interpretar o discurso jornalístico como um mero transmissor de informação, mas sim, compreender os efeitos de sentidos desse discurso que participam do funcionamento da sociedade, por meio do jornalismo ou da divulgação científica, com suas condições de produção históricas e sociais distintas.

Como explica Orlandi (2001, p. 23), “o jornalista lê em um discurso e diz em outro”, ou seja, quando ele está na atividade de produção de texto, ele coloca em contato várias operações que possibilitam a passagem do discurso científico para outro, formulando assim uma versão da informação, uma vez que quando o jornalista ou divulgador fala sobre algo, ele fala para um público leigo e fala de um lugar da sociedade que pode interferir nas relações sociais participando do processo de produção de sentidos, contribuindo, assim, para a mudança do sentido conforme as modificações das condições de produção.

Destaca-se aqui, a possibilidade do jornalista exercer uma prática mais complexa do que realizar uma tradução, a qual está prática chamamos de divulgação científica ou jornalismo científico, ou seja, o jornalista/divulgador toma um discurso construído num ponto de vista diferente, formula de outro modo, mas mantendo, sobretudo o conceito de cientificidade.

Não é apenas informar; Não é apenas ampliar o espaço de circulação da ciência ou de informações sobre dengue, nem reproduzir de maneira mais acessível a mensagem do especialista, pois se o divulgador fizer isso ao informar, circular e reformular estes sentidos, ele vai provocar uma ruptura ou uma divisão social entre ciência e saber e a ilusão de seu recobrimento, gerando assim, um problema de linguagem que autoriza o sujeito a dizer ou ter poder, dividindo a sociedade entre os que tem conhecimentos e os ignorantes.

Essa é uma ilusão que faz parte do funcionamento de nossa sociedade com relação à dengue. O que temos que fazer efetivamente é associar informação e saber fazendo operar toda uma discursividade, para que na passagem de um discurso para o outro exista metaforização e historicização, ou melhor, deslocamento ou transferência de sentidos que se constitui na determinação histórica tanto que ele vai atribuir um novo significado a outro lugar, produzindo efeitos que apresentam os sentidos que estão sendo produzidos para outra discursividade (ORLANDI, 2010, p. 1-16).

Orlandi (2001) afirma que, a divulgação científica é uma relação estabelecida entre duas formas de discurso – o científico e o jornalístico – em uma mesma língua. No entanto, de acordo com Bueno (1984), a divulgação científica não é sinônima de jornalismo científico. Embora estejam muito próximos, estes dois conceitos não é a mesma coisa. Ainda que ambos se destinem ao chamado “público leigo”, com a intenção de democratizar as informações (pesquisas, inovações, conceitos de ciência e tecnologia) com qualidade e eficácia para que o leitor tenha acesso ao dizer do especialista, eles não podem ser considerados unívocos.

Segundo o autor (1984), o jornalismo científico refere-se à divulgação da ciência e tecnologia pelos meios de comunicação de massa, conforme os critérios de produção jornalística (senso de oportunidade; impacto; significado; pioneirismo; interesse humano; personagens célebres ou de ampla exposição na mídia; proximidade; variedade e equilíbrio; conflito; necessidade de sobrevivência; necessidades culturais; necessidade de conhecimento), ou seja, é onde se observa a atividade jornalística, notícias, artigos voltados para temas de ciências e tecnologia. No entanto, nem tudo que está publicizado nos jornais é jornalismo científico. Pode ser uma informação sem crítica, sem considerar aspectos didáticos; notícia voltada para publicidade, promoção de produtos, institutos de pesquisas, de pessoas ou apenas um mero discurso que o jornalista interpretou superficialmente e com improvisação no uso das fontes; que não possui peculiaridades, objetivos e compromissos.

Ainda de acordo com Bueno (1984), o discurso científico praticado pelo jornalista/divulgador só garante efeito de exterioridade, se a prática de produção, formulação e circulação ultrapassar esses obstáculos que promovem o analfabetismo científico; supervalorizam a imagem ou lucros de empresas e institutos de pesquisa; a fragilidade na relação entre jornalista / cientistas e etc.

Na divulgação científica é para acontecer o deslocamento da informação e não do conhecimento. Orlandi (2001. p. 27) explica que, ao produzir informação, o jornalista transmite conhecimento por uma rede de notícias, de tal maneira, que vão se instituindo os sentidos numa estrutura da comunicação científica caracterizando assim a divulgação como decisiva, pois a informação vai circular em seus diferentes espaços, de modo a interferir na constituição de sentidos. Segundo a autora, a informação científica “Não é o discurso ‘da’, é o discurso ‘sobre’”.

Mariani (1998, p. 60) explica que devemos definir o *discurso sobre* como discursos ‘mediadores’. Um discurso que ao falar sobre um discurso outro, situa-se entre este e o interlocutor. “De modo geral, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que o falar sobre transita na correlação entre

narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor” (MARIANI, 1998, p. 60-61).

No processo de produção do discurso, haverá outros sentidos produzidos, outras relações no processo comunicação, no qual um discurso pode falar discursos outros, ou seja, todo discurso é feito, decisivamente, no meio do já-dito de outros discursos, como uma narrativa sobre a dengue que é composta por uma dispersão de sujeitos e sentidos, pode falar por diferentes parâmetros sociais que interferem na composição do interlocutor, dos sujeitos e do dizer, isto é, na perspectiva de análise do discurso, não se fala da mesma posição ou de um mesmo sentido (ORLANDI, 2004, p.137).

Segundo Orlandi (2008, p. 44), o discurso sobre é “uma das formas cruciais de institucionalização dos sentidos” entre o discurso ‘original’ e o do interlocutor. Assim, quando vemos nos jornais discursos que falam sobre dengue, percebemos especialistas, médicos infectologistas, pesquisadores, pacientes, moradores de regiões periféricas ou regiões bem favorecidas falando sobre a doença. E eles falam a partir de lugares de fala que os autoriza a descrever os sintomas da dengue, a representá-la, a nomeá-la e produzir diversos sentidos sobre ela.

Quando as fontes jornalísticas falam sobre a dengue, em seus discursos são mobilizados distintos dizeres sobre a dengue, porque como diz Orlandi (2008, p. 44) é no discurso sobre que se trabalha o conceito de polifonia. Ou seja, o discurso sobre é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (do discurso de). Assim, o discurso sobre dengue, é parte integrante da interpretação dos sentidos dos discursos do vírus dengue.

Essa maneira de constituir, formular e circular um discurso nos jornais ou na mídia é administrado, visto que o divulgador ou jornalista tem que gerir uma variedade de informações, desde notícias que abrangem naturezas, políticas, econômicas até as que são sobre dengue, que deslizam por várias editoriais dentro do jornal, envolvendo desde a política, sociedade, saúde, ciência até tipologias que descreve a opinião.

Na divulgação/comunicação observamos um discurso que ocupa um lugar do outro. Uma fala que transpõe um discurso existente em função de um interlocutor como se o leitor estivesse em relação direta com o discurso científico, ocupando a posição jornalista/divulgador, quando este ouve o cientista, como se não houvesse relações mediando esse processo, ou seja, “se há no real dessa discursividade uma distância irreconhecível, há também um mecanismo pelo qual o sujeito leitor é levado a ‘sentir’ que essa distância foi suturada, pela encenação” (ORLANDI, 2004, p.140).

Desta maneira, percebemos sempre uma interpretação se fazendo e se materializando para o leitor de modo que ele possa notar as idas e vindas do discurso científico para o discurso do cotidiano. Além disso, notarmos que na divulgação científica existem características quanto a nossa forma social, histórica de se apropriar do conhecimento, pelo fato de sermos sujeitos da informação tem deslocamento nas formas de produção e circulação do conhecimento que nos leva a participar da sociedade praticando forma de socialização do conhecimento.

A divulgação científica, segundo Orlandi (2004), produz em um texto, gestos de interpretação que constituem e caracterizam o modo como o leitor se apresenta na circulação dos sentidos numa formação social dada, organizando o sujeito na medida em que vão interagindo e praticando políticas sociais ligadas ao espaço urbano.

Com estas reflexões que introduzem o funcionamento do discurso sobre dengue e divulgação científica como um jogo de interpretações – assunto que será mais detalhado no capítulo 2: A construção do conceito e características do Ciclo Jornalístico sobre dengue – são discussões necessárias para percebermos a organização e divisão do político, na sociedade, por meio da divulgação científica e seus discursos institucionalizados, que concebem, viabilizam, administram, regem, estabilizam e fixam sentidos para o público como a intenção de dar respostas às demandas sociais projetando nos discursos sobre dengue noção de: civilidade, disciplinarização, polidez etc., para produzir projeções a essas demandas na história.

Há uma tirania do sentido em que o referente é construído, identificado, classificado, comparado, colocado em ordem, em tabelas, infográficos, reunido, separado, para mostrar como a relação comunicação e o apagamento do político tem se construído ao longo dos tempos num esquema de transmissão de informação buscando instruir, proteger, vigiar, organizar, administrar a vida das pessoas e levando-as a desenvolver habilidades.

Esse regimento/administração apaga completamente o político, contribui para que haja a produção da homogeneidade e para que a comunicação seja considerado um discurso que normatiza tudo, desde a relação de cada um com seu próprio corpo e seu meio social imediato até a informação, ao ponto que as pessoas vejam os discursos como evidente, um já sabido, apagando as outras possibilidades de sentidos, como a que iremos discutir no próximo tópico ao questionarmos se a dengue é uma doença negligenciada.

## 1.2. DENGUE: uma doença negligenciada<sup>1</sup>?

Prosseguindo nas discussões, este tópico faz-se necessário para refletir sobre o conceito de biopolítica para entender um pouco sobre a prática do Estado e das instituições frente às formas de atender as necessidades dos sujeitos de uma sociedade da informação e o funcionamento das normas estabelecidas por estes para marcar seus lugares de organização, de gestão pública diante as atitudes das pessoas que precisam se ‘integrar’ a um estilo de vida em sociedade para ser regulado, enquadrado, disciplinado, educado para que ele desenvolva hábitos no cotidiano.

Segundo Foucault (2010), a biopolítica é uma prática que pensa a vida humana e o corpo da população como um elemento político, onde o Estado administra, intervém em políticas públicas para controlar o corpo da população, ordenando suas vidas com regras e atitudes, cujo direito de manifestar opinião é regulada por mecanismos em benefício da manutenção do consenso e da ordem social.

Este conceito é utilizado neste trabalho para pensarmos a questão do Estado enquanto poder regulamentador e disciplinador do corpo social que passa a se ocupar da gestão da saúde, buscando prevenir ou não as epidemias, diminuir as taxas de doenças endêmicas, tratar da higiene, da alimentação, da natalidade, dos costumes das pessoas traçando diariamente ações que visam assegurar bem-comum da população.

O autor é importante neste momento, pois nos faz refletir sobre as condições do nosso mundo, os jogos de poder que atravessam a sociedade e sujeitos sociais para compreendermos as relações de poder que promovem políticas que vão funcionar em prol da regulação da vida do sujeito, no que diz respeito à sua intimidade até o modo que eles agem gerenciando a si mesmos a partir das normas impostas.

No seminário *Em Defesa da Sociedade*, a aula do dia 17 de março de 1976, Foucault aborda os mecanismos que influenciam nas condições de vida, de saúde e de adoecimento das pessoas e populações. Essa referência é importante, pois nos auxilia na compreensão das condições de produção do nosso objeto de pesquisa e possibilita fazer uma (des) construção de sentidos sobre dengue como uma doença tropical e mostrá-la como uma doença negligenciada.

---

<sup>1</sup> De acordo com a associação Brasileira da Ciência (Souza, 2010), o vocábulo negligenciada provém de negligenciar, que, por sua vez origina-se de *nec* (LATIM) e *lego* (grego). *Nec* chegou em português como *neg* e significa *não*; *Lego* em grego denota reunir para si, escolher e também ler. Portanto. *Neg-lego* significa não reúno para mim, não escolho, não leio. Assim o termo negligenciada equivale a não escolhida, não eleita, não lida ou enxergada. Esse significado original foi sofrendo mudanças e hoje carrega a conotação de menosprezo, pouca atenção e descaso.

Foucault (2010) nos ajuda a entender que a dengue não poder ser mais incluída apenas no grupo de doenças tropicais justamente porque essa abordagem meramente quantitativa e categórica da doença é redutora e não diz da dimensão política, disciplinar das relações de poder que se pode exercer sobre as populações a partir de um discurso. Essa dimensão, que a análise de discurso chamará de discursiva. Dimensão importante para uma compreensão ampla das relações de poder do discurso da dengue. Além disso, o autor (idem), nos leva a refletir e observar quais condições políticas, sociais e históricas permite a dengue se constituir da maneira como está e se manifestar na história e na vida das pessoas.

Durante o seminário, Foucault (idem) explica que, o poder soberano e o biopoder durante anos foram utilizados para legitimar uma determinada posição do Estado perante o direito à vida e à morte de um indivíduo ou de uma população. O racismo, por exemplo, foi o elemento que uniu e permitiu que ambos representassem de uma só vez o mesmo objetivo. O racismo não correspondia ao ódio pelo outro, mas sim a uma justificativa de dominação de uns sobre os outros e a utilização dessas formas de dominação sobre os mais fracos.

O direito do poder soberano é o “de fazer morrer ou de deixar viver” e no biopoder surge como um novo direito o “de fazer viver e de deixar morrer”, uma forma de poder regulamentador que intervém na sociedade para fazer viver a população, controlando-a dos possíveis eventos aleatórios, fazendo aumentar o tempo de vida, deixando a morte passar cada vez mais longe da população (FOUCAULT, 2010).

O poder do Estado que é soberano exerce um direito sobre os indivíduos. Na medida em que pode tanto matar os seus súditos quanto exercer direitos sobre a vida destes. Esse atributo que o Estado tem para exercer direitos sobre a vida das pessoas vem desde a época do contrato social, no qual os súditos (indivíduos) confiavam poderes ao soberano, “por perigo ou necessidade, para proteger a vida” (FOUCAULT, 2010 p. 203).

Para exercer esse domínio sobre os indivíduos, o Estado utilizava-se de mecanismos de organização, que são eles: o disciplinar e a biopolítica. O disciplinar interferia diretamente regulando, organizando, vigiando e eventualmente punindo o homem no seu sentido individual, ou seja, seu corpo, suas atividades e seus movimentos. Era uma técnica que lidava com o indivíduo e o seu corpo.

Já a biopolítica uniu-se à técnica disciplinar durante o século XVIII, não apenas para reger sobre o “homem-corpo”, mas sim, para gerir o “homem-espécie ou massa global” (FOUCAULT, 2010).

Foucault explica ainda, que estes mecanismos de gerenciamento da sociedade fizeram parte de um processo histórico que surgiu desde a expansão marítima do século XVI, passando

pela explosão demográfica ocorrida em meados de 1940, 1950 e 1970 em alguns países, como é o caso do Brasil, testemunhando a substituição da supremacia da agricultura e pecuária por uma economia voltada para indústrias. Nos anos 1960, menos da metade dos brasileiros moravam em cidades.

Segundo Gubler (1998, p. 480-96) *apud* Teixeira (2009, p.1-13), com a globalização, o espaço, as fronteiras e o tempo se encurtaram, e com isso a probabilidade e a facilidade de infestação por vírus ficou ainda maior entre as regiões, pois a intensidade e a velocidade das pessoas e dos objetos em ambientes terrestres e aéreos foram maiores, contribuindo para o transporte de doenças de uma cidade para outra, de um país para outro e de um continente para outro, afetando a dinâmica política, social, econômica dos lugares por onde estes vírus e esta doença passavam.

De acordo com Giddens (2007), as consequências da globalização provocaram crises. Como resultado do grande avanço do conhecimento ficaram evidentes os ambientes de risco, as incertezas e as alterações que afetavam as práticas e as relações sociais. Segundo o autor, os riscos e as incertezas são as peças mobilizadoras de uma sociedade que deseja mudança. Para viver na sociedade as pessoas tinham que enfrentar diariamente uma diversidade de situações de risco.

Essas mudanças ocorridas na história foram importantes para a introdução definitiva da biopolítica. Para Foucault, com as intervenções da biopolítica na sociedade foi possível entender e controlar os fenômenos que por um lado são universais e por outro são acidentais. Fenômenos intimamente ligados à população, ao gerenciamento do Estado e ao fenômeno sanitário.

Os livros *Segurança, Território e População* (1998) e *Em Defesa da Sociedade* (2010) trazem ferramentas necessárias para pensarmos uma sociedade entendida como insegura. Além disso, Foucault discute a população como um novo conceito que surgiu para dar conta da dimensão coletiva que até então não era objeto de estudo no campo dos saberes. Para o autor, a própria ideia de população é um equívoco, já que nela está toda a classe social. A população é o “corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável” (FOUCAULT, 2010, p.292). Ou seja, a população foi uma maneira inventada pelo Estado e demais ramificações do poder para controlar o corpo social (população) e o corpo das pessoas, por meio de disciplinas, leis, medidas administrativas e etc.

A biopolítica trata da “população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder” (Foucault, 2000, p. 292-293). Preocupa-se, portanto, com os processos biológicos relacionados ao homem-



espécie, formando sobre os mesmos uma condição de regulamentação para compreender e conhecer melhor esse novo corpo que deixa de ser algo característico do homem e passa a ser pertinente a um “modelo” de qualquer ser que integra esse corpo múltiplo, que suporta os mais variados processos e que é afetado pela natalidade, mortalidade, incapacidades biológicas, efeitos do meio: geográfico, climático, hidrográfico, problemas dos pântanos, epidemias e etc. (FOUCAULT, 2010 p. 206).

A população é, portanto, de um lado, a espécie humana e, de outro, o que se chama de “público”. Aqui também a palavra não é nova, mas seu uso sim. O público, noção capital no século XVIII, é a população considerada do ponto de vista de suas opiniões, das suas maneiras de fazer, dos seus comportamentos, dos seus hábitos, dos seus temores, dos seus preconceitos, das suas exigências, é aquilo sobre o que se age por meio da educação, das campanhas de convencimento. (...) Da espécie ao público: temos aí todo um campo de novas realidades, novas realidades no sentido de que são, para os mecanismos de poder, os elementos pertinentes, o espaço pertinente no interior do qual e a propósito do qual se deve agir (FOUCAULT, 1998, p. 98-99).

Por isso que neste cenário inserimos a dengue. Porque ela, assim como outras doenças conceituadas como negligenciadas, afeta a população por meio de grandes epidemias, podendo ser tratada também como um problema científico, político, biológico, de poder, de comunicação e, principalmente, um problema de ordem de discurso.

Além disso, a dengue é uma enfermidade complexa. Uma doença que não está ligada apenas a um país, a uma cidade, a um clima, um grupo de pessoas ou uma região ou estilo de vida. Consequentemente, é difícil compreender a dengue como doença tropical ou negligenciada, pois a dengue é uma doença considerada de “fronteira”, que tem o vetor completamente urbanizado que depende de condições climáticas favoráveis, podendo estar relacionada à pobreza e à negligência.

Negligência segundo Foucault (1985, p. 29) é “um puro e simples silenciar”. É omissão ou aquilo que não é dito ou visto. É um elemento determinante para percebermos as diferentes formas de não dizer, os discursos silenciados e autoritários. Negligenciar a dengue é negar os verdadeiros determinantes que provocam a doença.

A negligência nos discursos sobre dengue encontradas nos jornais que fazem parte do corpus deste trabalho, sempre se encontra relacionada ao ambiente doméstico, principalmente em situações que remetem ao que não é feito pelas pessoas. Uma esfera da sociedade que não se vê ou se fala qualquer coisa, por isso percebemos nos discursos sobre dengue nos jornais uma lista de situações, casos e reações que identificam a negligência, tal como podemos ver expresso nas seguintes falas reproduzidas no discurso da mídia:

Moro aqui há quase 34 anos e o dono nunca apareceu. Nós é que tentamos zelar por esse lugar. Já houve época em que até chamávamos a Comlub para limpar. E, quando eles não vinham, a gente pagava para que o serviço fosse feito. “Além do matagal, temos vizinhos muito mal educados que jogam lixo aqui, desabafou a moradora” (O GLOBO. A sujeira como vizinha, 11.01.2014)

A gente tem cuidado de não molhar muito as plantas, checar os ralos, usar repelente e calça comprida, mas se o vizinho não cuida do mesmo jeito, não adianta nada (O GLOBO, Zelo em casa, risco no vizinho, 16.01.2014)

O ‘não’ fazer (o dono nunca apareceu) corresponde a um ‘não’ visto e um ‘não’ dito, considerando- se que não se vê ou se fala qualquer coisa, mas aquilo que é possível ver e falar a partir de um determinado lugar, como:

“Segundo indica o Ministério da Saúde, é importante que a população verifique o adequado armazenamento de água, o acondicionamento do lixo e a eliminação de todos os recipientes sem uso que possam acumular água e virar criadouros do mosquito” (O DIA, Prevenção - Pesquisas para criação de vacina contra a dengue avança no Brasil, 14.01.2014);

“A população deve ficar atenta ao acúmulo de água em reservatórios como pneus, latas, depósitos plásticos, manilhas e tambores, pois estes recipientes podem se tornar potenciais criatórios do mosquito. Além disso, é preciso vedar ralos e vasos que não sejam usados com frequência. Manter a água de piscinas tratadas e fazer a manutenção de calhas e marquises também são atitudes necessárias”, reforça” (O DIA, Cuidados - Casos de dengue aumentam com as chuvas, 01.03.2014).

A negligência descrita nas notícias diz respeito a uma certa política e forma de governo que se refere, principalmente, ao descuido com o ambiente doméstico onde se apaga os verdadeiros determinantes e responsáveis pelos problemas, que são: concentração demográfica, desordenada urbanização, a inadequada infraestrutura urbana, o aumento da produção de resíduos não-orgânicos, os modos de vida na cidade, a debilidade dos serviços e campanhas de saúde pública (como a falta de saneamento básico, habitação, condições de higiene, entre outros fatores, assim como o despreparo dos agentes de saúde para o controle da doença), contribuindo para o risco e vulnerabilidade de grupos sociais com recurso e habilidades insuficientes para lidar com possibilidades, oportunidades e problemas em sociedade.

Desta maneira, qualquer indivíduo tem o mesmo risco e condições de ser infectado, de se curar e até de morrer de dengue. Independentemente da cor, da faixa etária, da profissão, da

localidade, todas as condições e meios propícios, o risco de morbidade e de mortalidade é o mesmo. O vírus e o agente etiológico do dengue atingem o indivíduo seja ele rico ou pobre, e desde lugares com ótimas condições de vida até favelas são propícios para o desenvolvimento do mosquito. O que pode variar são as condições de vulnerabilidade de cada classe social, vulnerabilidade que pode deixar mais expostas as classes menos abastadas que são acometidas, são deixadas à margem por falta de planejamento urbano, falha no suprimento adequado de água e condições sanitárias satisfatórias, como explica o trecho do texto de Tauil (2001, p. 99-102):

O saneamento básico, particularmente o abastecimento de água e a coleta de lixo, mostra-se insuficiente ou inadequado nas periferias das grandes metrópoles. Uma das consequências desta situação é o aumento do número de criadouros potenciais do principal mosquito vetor. Associada a esta situação, o sistema produtivo industrial moderno, que produz uma grande quantidade de recipientes descartáveis, entre plásticos, latas e outros materiais, cujo destino inadequado, abandonados em quintais, ao longo das vias públicas, nas praias e em terrenos baldios, também contribui para a proliferação do inseto transmissor do dengue. O aumento exorbitante da produção de veículos automotores tem gerado fatores de risco para proliferação, criadouros preferenciais dos mosquitos vetores, por meio de um destino inadequado de pneus usados, e para a disseminação passiva destes transmissores, sob a forma de ovos ou larvas, em recipientes contendo água, como vasos de flores, plantas aquáticas e outros (GUBLER, 1997, p. 1-22; TAUIL, 1997, p. 100).

O planejamento urbano desordenado desenvolveu nas cidades áreas de risco, onde estão presentes populações que na maioria das vezes recorrem aos seus próprios meios e constroem habitações como podem, de forma irregular e com padrões precários de ocupação, como encostas, fundos de vales e várzeas, sem qualquer atividade de controle de vetores, ou seja, populações que foram e são excluídas por um modelo de desenvolvimento que concentra renda na mão de poucos e nega direitos, dignidade e cidadania para muitos por causa de fatores políticos, econômicos e sociais. Processo que resultou em diferenças e desigualdades entre as regiões.

A globalização econômica não favoreceu "uma globalização social, porque o capital procura ambientes em que exista mão de obra mais barata para se desenvolver, e não considera as condições de vida das pessoas e dos trabalhadores. Como o Estado não taxa as empresas, ele não arrecada. Nesse processo de globalização, a arrecadação é restrita à indústria, que oferece emprego, mas o Estado não tem condições de proteger as populações. Essa é a raiz do 'enfavelamento' e também, de certo modo, da proliferação de algumas doenças" (IHU Unisinos, 2012, p. 1-5).

É possível dizer então que a dengue é um fenômeno de população. É um problema de gestão. É um problema da cidade. É um problema de Estado, político e, acima de tudo, de ordem de discurso. É uma doença difícil de erradicar, controlar e que às vezes não é encarada como epidemia e sim como surto “que se introduz sorrateiramente na vida, a corrói perpetuamente, a diminui e enfraquece”, atingindo milhares de seres humanos ao longo da história. É uma doença com “a forma, a natureza, a extensão, a duração, a intensidade reinante numa população” (FOUCAULT, 2010, p.203).

Desse modo, podemos afirmar que a dengue é uma doença negligenciada, pois se trata de uma doença sem investimento de indústrias farmacêuticas; sem prioridade de políticas públicas; não recebe investimento significativo para pesquisa e estudo.

Mas, não é apenas a dengue a principal negligenciada da história. As populações que são atingidas por ela também são negligenciadas, principalmente, as populações de baixa renda que vivem em países em desenvolvimento e subdesenvolvimento com maior desigualdade social; mais predispostas a problemas de saúde, acessos a serviços de saúde e medicamentos ineficazes e com maior exposição a fatores de risco como: enchentes, desmoronamentos, poluição dos recursos hídricos, poluição do ar, impermeabilização da superfície do solo, desmatamento, congestionamento habitacional, violência, falta de educação, saúde de qualidade e exposta a outras doenças infecciosas (OMS, 2014; MOREL, 2006), como podemos perceber nestes recortes:

#### **Recorte 1**

Mais de 70% dos casos de foco de dengue são em residências. É importante o alerta para que não haja água parada jamais”, afirma Lima (MEIO NORTE, Febre Chikungunya - Ministério da Saúde alerta sobre entrada de novo vírus no Brasil, 23. 04. 2014).

#### **Recorte 2**

Essa situação é mais grave quando se dá em áreas populosas, como São Paulo, mas pode estar ocorrendo também em outros Estados. É preciso que haja identificação e documentação, assim como ocorreu agora” (FOLHA DE S. PAULO, Pela primeira vez estado de São Paulo tem os 4 subtipos da doença diz estudo, 07. 06. 2014).

#### **Recorte 3**

Estamos próximos do Maranhão, Tocantins e temos um fluxo muito grande de pessoas devido à produção de milho e soja. Concentramos pessoas de todos os Estados”, disse (MEIO NORTE, Saúde - Sesapi alerta municípios de fronteira sobre controle da febre Chikungunya, 23. 10. 2014).

Todos nós sabemos que a responsabilidade de combater a dengue não é somente do cidadão que já enfrenta vários problemas sociais e que no seu dia a dia tenta manter a casa limpa, sem lixo acumulado, sem depósitos que possam armazenar água parada ou ambiente propício para a reprodução do mosquito. Mas, como o cidadão pode ajudar no combate e prevenção do mosquito se existe a precarização do saneamento básico, moradias inadequadas, fatores culturais, ausências de políticas públicas e educacionais? Estão mais predispostos a problemas de saúde, a ineficazes serviços de saúde e medicamentos e com maior exposição a fatores de risco como: enchentes, desmoronamentos, desmatamento ou congestionamento habitacional?

A população reverbera um discurso, que é ao mesmo tempo vítima e culpada<sup>2</sup> por essa atual situação de crescimento da dengue. Isso acontece porque muitas vezes falta informação voltada para a sua realidade; as propagandas veiculadas nas mídias estão voltadas para eliminação de água acumulada em pneus ou garrafas, o fato de não ter esses elementos em casa, não quer dizer que não tenham outros possíveis locais como criadouros. Por outro lado, os órgãos responsáveis pelo controle do inseto utilizam ferramentas não muito eficazes, a avaliação dos grupos químicos que não fazem mais efeito inseticida é realizada de forma deficiente, não é conduzido um mapeamento de áreas que necessitam do uso de inseticidas e de áreas que possam ser submetidas a outras formas de controle.

Já com relação às esferas políticas e/ou estatais, as questões de gestão das grandes cidades devem ser repensadas. As problemáticas incluem: a responsabilidade dos indivíduos e do poder público, a inadequação de infraestrutura urbana (habitação e saneamento ambiental), baixos investimentos em educação, acesso insuficiente aos serviços de saúde, entre outros. Assim, o entrelaçamento desses fatores de suas dimensões evidencia a complexidade da problemática da dengue e de suas dinâmicas de transmissão e da doença. O

---

2 A dengue é uma doença da ordem do sujeito, da ordem da percepção, pois ao se construir a noção de culpa, tornada responsabilidade pessoal jurídica, subjetiva desdobra-se um discurso de sempre se buscar um referente para a dengue. Referente este que nunca se encontra nos relatos sobre a dengue. Em todo ciclo da dengue procura-se um culpado. Um culpado para a epidemia, mas não se encontra nenhum. Somente a população, mas a população – uma massa anódina – tem culpa? O indivíduo é culpado por quê? De ficar doente? Nós somos culpados pelo fato do mosquito nos picar e ficarmos doente? Nós não controlamos esse vetor que nos pica. A população é um corpo onde as campanhas não se engajam, pois, por ser militante não produz significação, não tem referente algum.

Nós somos uma sociedade em que buscamos culpar o outro, mas que nos culpamos o tempo inteiro. A culpa é um conceito moral, é um conceito jurídico, religioso, mas se conceituarmos a culpa por meio de Freud veremos que a culpa é uma inibição. A culpa são todos os atos que nós fazemos na relação com nós mesmo para nos proibir das coisas e todo ato que a nós fazemos na relação com outro para proibi-lo. Em Lacan, o conceito de culpa é diferente. A culpa vai desembocar na vergonha e a vergonha é o grande afeto do capitalismo, pois as pessoas que não produzem são as que vivem a vergonha de não consumir, de não morar bem, de não comer bem, de não ter carro, de não ter roupa e etc.

problema extrapola em muito o setor Saúde, evidenciando todo o processo de determinação social da dengue (SANTOS E AUGUSTO, p. 56, 2011).

Segundo Foucault (2010), a biopolítica determina uma cadeia de condutas analisadas adequadas à população, sugerindo que se as pessoas executarem, de forma espontânea e rotineira, algumas estratégias, como por exemplo, a remoção e destruição de objetos que possam se transformar em criadouros de mosquitos; como lidam com o lixo, gerariam resultados desejados. Esse tipo de mecanismo opera na sociedade a manter o caráter disciplinar, caracterizando etapas, ciclos, metas e fazendo as pessoas assumirem novos hábitos e comportamentos. São ações que dão para o cidadão a possibilidade de escolher fazer ou não ações possíveis de combate e controle, são ações que visam alcançar objetivos a partir da mudança de comportamento da população, mas só que percebemos a grande dificuldade do Estado em garantir a proteção das pessoas com relação à dengue. O gerenciamento e a administração do poder público são falhos, pois ele não é capaz de dar conta da sua obrigação que é controlar o território em que administra. E isso nós podemos perceber em vários discursos sobre dengue nos jornais por meio de falas que denunciam o descaso e a falta de comprometimento no controle e prevenção da doença, como por exemplo:

#### **Recorte 1**

Um terreno entre os números 964 e 1.024 da Rua Joaquim Murtinho, em Santa Teresa, está abandonado há meses, segundo vizinhos, que temem a possibilidade de o lugar ter focos do mosquito da dengue e que o local seja invadido. “Já tentaram entrar, foi um sufoco. Já entramos para tentar limpar, viramos até caixa d’água abandonada. Recentemente funcionários da obra do bonde passaram a jogar restos de comida, pães. Isso agrava a situação, está atraindo ratos, pombos e mosquito”, diz o leitor Rufino de Almeida (O GLOBO, On line / Eu repórter - Terreno vira lixeira em Santa Tereza, 05.06. 2014).

#### **Recorte 2**

Retiraram as janelas, o teto e as portas e depois a obra parou. Esse terreno só serve para acumular água e lixo. O cheiro que sai daí é nauseante, devido ao acúmulo de lixo, de urina e de fezes. Eu não passo mais por esta calçada. Sempre atravesso a rua, pois tenho medo de algo possa cair em mim. Uma vizinha minha disse que já foi assaltada por um homem que saiu do prédio – afirma a moradora (O GLOBO, Há perigo na esquina, 24. 05. 2014).

Existe um discurso de corresponsabilidade que se reproduz nesses discursos sobre dengue. Discursos que levam o cidadão a pensar na sua própria proteção e da comunidade em que vivem, muitas vezes de forma individualista, podendo às vezes ser aliado do Estado ou se opor a ele exigindo mais ações. Deste modo, segundo Foucault (2001, p.215), o cidadão “torna-

se um vigia”, isto é, não é apenas o estado que promove a vigilância, eles são autorizados a exercer um controle ou constante vigilância, fazendo as próprias pessoas se policiarem suas ações: observando, recriminando, cuidando mais dos quintais e etc. É um discurso que não produz laço social.

Além da falta de uma vigilância mais eficiente das esferas do poder público, outros aspectos ainda garantem o negligenciamento da dengue, que é o diagnóstico incorreto e o silenciamento dos níveis de notificação social da doença, havendo muitas vezes discordância quanto à taxa de incidência da doença. Por isso, para compreendermos a dengue como doença negligenciada<sup>3</sup> é preciso entender a sua multicausalidade, como um fenômeno de ordem física, química, biológica, ambiental, social, econômica, psicológica e cultural e não apenas buscar quem é o responsável pela falta de controle ou pelo aumento da proliferação, pois isso é recriar um quadro tranquilizador, reconstituir uma coerência da qual sairá logicamente a indicação de soluções para a problemática. É necessário refletir sobre o impacto causado pela dengue, pois o modelo de discurso que vemos ecoar nos processos de produção, formulação e circulação das instituições, são aqueles que trazem as causas de um mal sanitário que permanece na sociedade até hoje.

---

3 Uma doença seriamente incapacitante ou com risco de vida pode ser considerada negligenciada quando as opções de tratamento são inadequadas ou inexistentes, e quando o seu potencial para o mercado de drogas é insuficiente para atrair prontamente uma resposta ao setor privado. A resposta do governo também é insuficiente. Em que suma, para as doenças negligenciadas, há uma falha do mercado e uma falha de política pública.

## 2º Capítulo: Construção do Conceito e Características do Ciclo Jornalístico sobre Dengue

A ideia de ciclo surgiu quando começamos a realizar a identificação e a análise dos períodos com maior incidência de notícias sobre dengue no jornal. De início tentamos organizar o *corpus* seguindo o desenho original do ciclo biológico de reprodução do vírus dengue, pois se notou uma semelhança com a periodicidade da cobertura jornalística apresentada nos quatro jornais.

Catalogamos as notícias publicadas nos jornais: Folha de S. Paulo, O Globo, O Dia e Meio Norte, durante o período de um ano, entre (01) janeiro a (31) de dezembro de 2014 considerando todas as editorias para realizarmos um levantamento quantitativo e posteriormente percebermos a sazonalidade da dengue, os destaques, marcas, recortes, repetição, regularidade que circularam nos jornais durante o ano.

A organização do ciclo consistiu em agrupar as notícias que foram extraídas do sistema digital dos jornais durante o ano de 2014. Foram examinados 1.460 exemplares. Deste total geral, montamos um arquivo significativo com 191 notícias sobre a doença, para posteriormente construir um desenho que explicasse como o dizer sobre dengue é posto em movimento nos discursos dos jornais, uma vez que, a doença é um acontecimento que se materializa nas formas do discurso jornalístico utilizando conjuntos de mensagens de modo a mencionar, calcular, domesticar um sentido de dengue, de doença, de epidemia.

Durante o percurso de coleta constatou-se a formação de um ciclo discursivo, que foi organizado a partir daquilo que os jornais dizem sobre dengue, ou seja, foi construído partindo de recorrências no discurso jornalístico durante o ano de 2014.

Para o melhor detalhamento do funcionamento do ciclo, nos dedicamos a organizar o esquema seguindo as noções, conceitos, procedimentos dentro da análise do discurso como forma de ponto de apoio para interrogarmos a estrutura e funcionamento do ciclo jornalístico.

O conceito de ciclo jornalístico nasceu como forma de pôr em discussão o modelo de comunicação voltado para a transmissão de informação de notícias. Um esquema que não possui uma linearidade no processo de endereçamento de mensagens. Vamos imaginar o ciclo a partir dos três elementos que constituem o processo de produção de sentidos, que é a constituição, a formulação e a circulação dos discursos, para assim observamos no processo de produção, reprodução e consumo das notícias, o movimento de repetições e falhas presentes nos já-ditos sobre dengue.

Partimos do pressuposto que a que as notícias veiculadas nos jornais produzem uma fala vazia, no qual procura organizar a vida das pessoas. Estabelece contato, diálogo, endereçamento



de mensagens para população, mas essa informação não produz significação, pois é uma ação vaga, ou seja, nós estamos lidando com uma tensão contraditória o tempo todo no processo de funcionamento do acontecimento, pois não é um ‘modelo’ dividido em séries, onde “alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor” (ORLANDI, 2013, p. 21) que registraria sem impedimentos (o que eu digo, o outro entende e obedece), como se fosse transparente.

Vamos pensar o ciclo jornalístico do discurso sobre dengue, como sinônimo de comunicação numa perspectiva decisiva, que está aberta a falha e ao equívoco. Um espaço que demonstra a renovação de processos já cristalizados que mantêm a sociedade num retorno constante ao mesmo espaço dizível.

O ciclo é uma forma de mostrar que os discursos sobre dengue produzem ao longo do ano uma variedade do mesmo discurso cristalizado, com notícias que obedecem a uma produção que faz com que as problemáticas se repitam, com algumas variações (quadro 1).

| <b>Títulos e trechos de notícias que se repetem, com algumas variações.</b> |                                                                                                                                                                           |
|-----------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1.                                                                          | “Morte por dengue subiram 36% no ano passado”                                                                                                                             |
| 2.                                                                          | “Chuvas potencializam riscos de dengue”                                                                                                                                   |
| 3.                                                                          | “Com a chegada da temporada de chuvas é importante estarmos atentos ao acúmulo de água...”                                                                                |
| 4.                                                                          | “... É importante que a população verifique o adequado armazenamento de água, o acondicionamento do lixo...”                                                              |
| 5.                                                                          | “Mais de 70% dos casos de foco de dengue são em residências...”                                                                                                           |
| 6.                                                                          | “O número de mortes por dengue caiu 87% no primeiro trimestre de 2014, comparado a igual período de 2013...”                                                              |
| 7.                                                                          | “Já são mais de 17 mil casos registrados da doença neste ano, 146% a mais do que ao longo de todo o ano passado...”                                                       |
| 8.                                                                          | “A sujeira acumulada na parte de dentro, junto ao mato alto, e também na calçada, atrai bastantes ratos e mosquitos, inclusive o aedes aegypti, transmissor da dengue...” |
| 9.                                                                          | “Cai número de cidades em risco de epidemia de dengue...”                                                                                                                 |
| 10.                                                                         | “O verão está se aproximando, é urgente que uma providência seja tomada, já que o risco de proliferação dos focos da dengue é iminente...”                                |

**Quadro 1 - Títulos e trechos de notícias que se repetem, com algumas variações.**

No processo de funcionamento do discurso da dengue, o ciclo funciona como um lugar para organizar o arquivo – que em seu regime de funcionamento não é opaco e nem reflexo inerte de uma instituição. Ele “não é simples documento onde se colocam os referentes. Ele se oferece a uma leitura que descobre os dispositivos, as configurações significantes” (Barbai, 2014) – das notícias sobre a doença que é produzida, acolhida, absorvida, reconfigurada, reformulada e apagada durante momento discursivo.

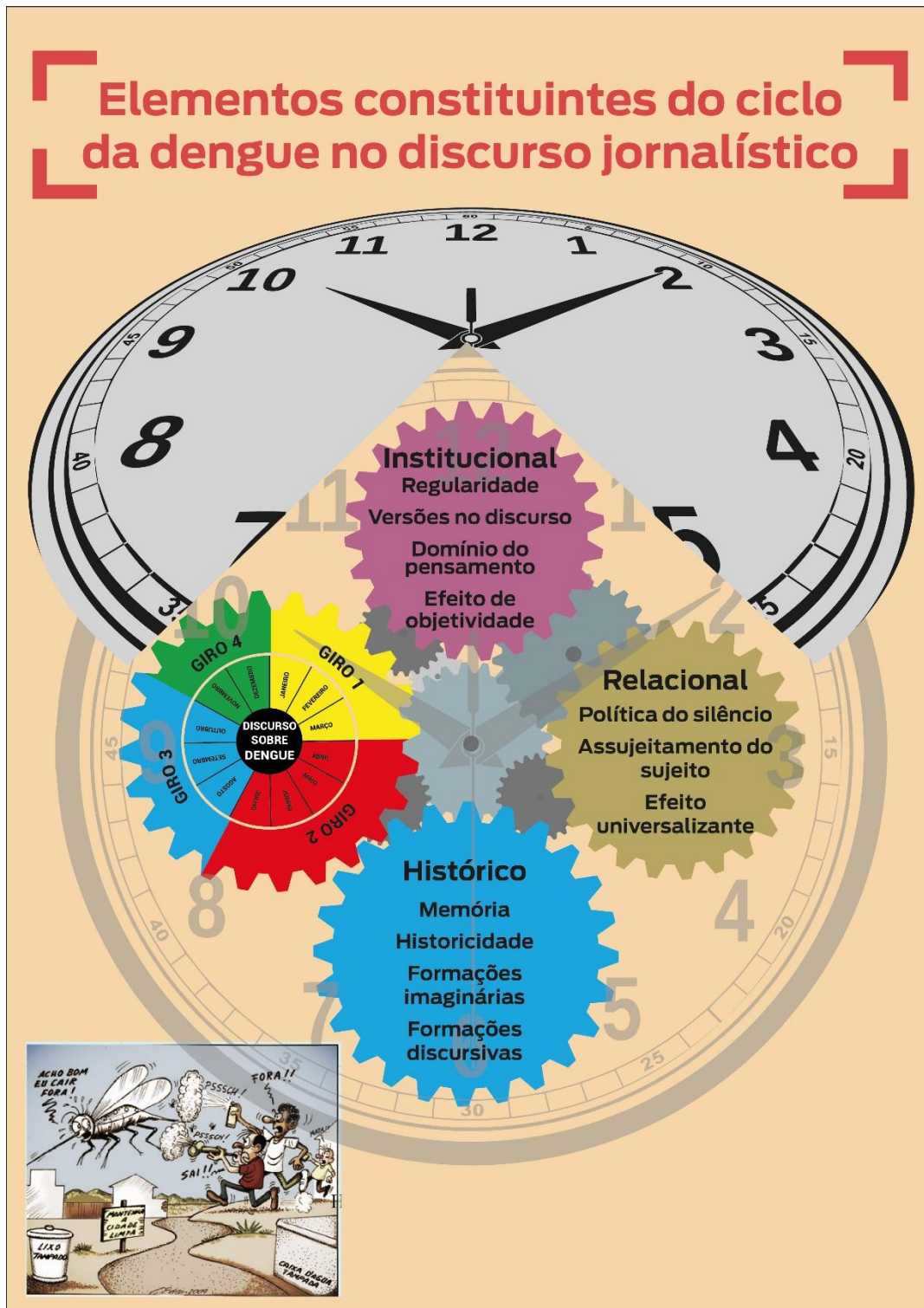
Além disso, vamos pensar o ciclo como um espaço enunciativo do “pré-construído”. Uma dispersão de discursos que assumem forma na estrutura do interdiscurso, que são articulados entre si por repetição, paráfrase, e etc., e que podem representar discursos que foram ditos antes, em outro lugar, seguindo uma variedade na materialidade e que pode estar presente no discurso atual.

Assim, quando notamos nos jornais uma notícia sobre dengue temos que estar cientes que no discurso produzido são inseridos elementos formulado por outros, em outro espaço e outro momento sob outras condições sócio históricas que circulam nos discursos atuais sobre dengue.

Na figura a seguir apresentaremos os elementos constituintes do ciclo jornalístico do discurso sobre dengue. O esquema é dividido em três níveis <sup>4</sup>que marcam o funcionamento do arquivo sobre dengue nos jornais: o nível **amplo**, denominado de histórico ou condições de produção; o **específico** chamado, institucional e um **nível relacional** caracterizado pela sociedade e sujeitos sociais (figura 1).

---

4No texto “O inteligível, o interpretável e compreensível” publicado no livro Discurso e Leitura, de 1993, da Ed. da Unicamp, Orlandi explica que pela noção de compreensão sabemos que não há essa relação direta e automática, já que nem o sujeito nem o texto são transparentes e tampouco mantém uma relação unívoca, termo a termo, quanto à significação; A compreensão, no entanto, supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, que é atravessada pela reflexão e pela crítica.



**Figura 1 – Diagrama do ciclo jornalístico do discurso sobre dengue**

O ciclo não é a contagem do tempo. Não é uma instância pressuposta. Ela é atualização dos sentidos na temporalidade do dizer. É onde encontramos as regularidades, repetições, a inclusão do sujeito na estrutura, como processos que equilibram e normatizam os discursos sobre dengue nos jornais.

Como veremos mais adiante, o jornal na perspectiva da análise do discurso, define-se como estrutura que comporta leis, envolve características de totalidade, autorregulação e sujeitos que conduzem o funcionamento da estrutura, por meio de estratégias que mobilizam, mostram suas posições, determinam relações e a diferenciação. Por isso que notamos discursividades diferentes ao falar sobre dengue. O ciclo proporciona isso, pois o tempo de cada jornal se instaura à medida que a temporalidade do dizer se atualiza, se diferencia.

O ciclo jornalístico do discurso sobre dengue diferencia as fases da dengue, desenvolve uma falsa ordenação sintomática do falar sobre dengue nos jornais estabelecendo que “circuito” de publicização da dengue seja uma série contínua e homogênea. O que vamos perceber mais adiante através das explicações dos níveis do ciclo e cruzamento dos marcos do ciclo que isso é errado, pois nos textos tem temporalidades que diz, mostra e interpreta a dengue.

## **2.1. Nível Amplo – Histórico**

O nível amplo ou histórico é um espaço que contribui para desconstruir o funcionamento de linguagem que faz o discurso sobre dengue girar nos jornais. É uma estrutura usada para perceber o furo desse funcionamento, pois vamos compreender por meio da história e memória – processos fundamentalmente constitutivos da produção de sentidos – que, os discursos sobre dengue é um giro estabilizado, onde os relatos reproduzidos nas notícias são sustentados por projeções no discurso – que é algo da ordem das formações imaginárias - uma rede de sentidos que produz um mundo semanticamente normal, uma vez que, as notícias negam as múltiplas interpretações do acontecimento dengue e impossibilitam várias possibilidades de dizeres que são apagados quando o discurso reproduz o discurso do outro.

Assim, nesta primeira parte do ciclo, o nosso intuito é perceber como os jornais são assujeitados a um já dito que contribui para permanência de falhas, contradições, equívocos no funcionamento do discurso, apesar, destes jornais se avaliarem livres para informar.

Para isso vamos pensar que o ciclo é articulado pela historicidade. Um processo responsável pela construção de significação e importante para desfazer os percursos estabelecidos pela cronologia, para depois, desconstruir as ilusões de certeza que se especifica nos discursos que se organizam, se repetem ou se transformam em cada momento da história disfarçando as falhas, tensões, conflitos, silenciando dizeres e etc.

A estrutura e funcionamento do ciclo jornalístico operam trabalhando a temporalidade dos processos discursivos e não a temporalidade cronológica do discurso (Orlandi, 2013), nos permitindo delinear e acompanhar quando um discurso remete a outros discursos disseminados

no tempo, com tendências históricas e movimento que sustentam as redes de filiações da dengue mantendo-as praticamente as mesmas ao longo dos anos, mas com pequenas modificações, fazendo emergir, produzir efeitos e relações temporais de diversas ordens.

Desta forma, como explicado anteriormente, o ciclo jornalístico do discurso sobre dengue é definido por nós como um pré-construído, pois é um espaço de tempo durante o qual ocorrem, se completam e circulam – com regularidade e repetição – discursos construídos por outros, em outros espaços e em outras condições sociais. Esta rede de sentidos é controlada e guiada pela historicidade, memória, formação discursiva e formação imaginária, que na análise de discurso são relações de forças, que produzem formulações decorrentes de discursos construídos em uma dada formação social.

Estes conceitos são indispensáveis para todo o funcionamento do ciclo, pois são elementos que refletem sobre a tipologia tanto dos discursos como atravessam os processos de produção do acontecimento, inscritos tanto nos níveis institucionais (processo de produção de sentidos e seus múltiplos e variados efeitos) e relacionais (do processo de constituição das relações dos sujeitos, suas práticas sociais e seus modos de vida). São elementos que fazem parte da história social dos textos que são retomados quando produzidos na enunciação (MALDIDIER, 1984).

A produção de sentidos sobre dengue construídas nos jornais segue essa classificação de ordem histórica, isto porque o discurso é constituído por sua formulação e por sua historicidade, pois ainda que as notícias sejam consideradas atuais, elas têm em seus relatos outras possibilidades de dizeres que se atualizam fazendo com que alguns enunciados se repitam como algo não-dito, ou seja, pela formulação e pela historicidade que se determinam aquilo que pode ser interessante para discursividade.

Isso acontece por causa da memória. Orlandi (2013, p. 31) explica que na análise de discurso esta memória discursiva é considerada interdiscurso:

Todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas façam sentido [...] É o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra [...] Todos esses sentidos já-ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, tem um efeito sobre [o que se diz] (ORLANDI, 2013, p. 31).

Segundo aponta a autora, nossa memória é estruturada pelo esquecimento “ao falarmos dizemos de uma maneira e não de outra (...) isso significa em nosso dizer e nem sempre temos

consciência disso. Esse esquecimento atesta que a sintaxe significa” (ORLANDI, 2013, p. 32). Em nossa memória estão inscritas as falhas, o equívoco, a indistinção e o silêncio.

Dessa maneira, os discursos sobre dengue nos jornais tem seu funcionamento determinados a partir de condições de produção definidas e que de alguma forma estão presentes no modo como se diz sobre a doença. No discurso jornalístico, “já se tem uma memória da própria instituição da imprensa agindo na produção das notícias. Memória que atua como um filtro na significação das notícias e, conseqüentemente, no modo como o mundo é significado” (MARIANI, 1998, p. 67).

Assim, a memória é um espaço que movimenta, desloca, retoma e conflita a materialidade discursiva, revelando o jogo de forças que surge quando um acontecimento é posto em questão ou quando aparece um acontecimento discursivo novo, ela (memória) se reinventa, desordenando a regularidade discursiva existente fazendo aparecer um novo sistema que “visa manter uma regularização pré-existente com os implícitos que ela veicula” ou em sentido reverso “perturbar a rede dos implícitos” (PÊCHEUX, 2007, p. 52).

Diante disso, nota-se que há uma relação entre a memória e a atualidade, pois em todo enunciado que está sendo produzindo, estão presentes outros enunciados que já são conhecidos por quem fala. Isto se dá por circunstância da memória que está inserida no acontecimento discursivo promovendo várias possibilidades de dizeres que se atualizam no momento da enunciação, por meio de gestos de interpretação que são apagados ou reintroduzidos na sociedade através da formação discursiva que funciona no discurso através de diferentes posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as notícias foram produzidas.

Este nível discursivo do ciclo compreende os efeitos de sentidos que participam do funcionamento da sociedade. Efeitos que surgem a partir das formações discursivas – “caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção (ORLANDI, 1983, p. 20)” – que se renova em outro discurso, formando novos ecos de dizer que vão apresentar discursos nem individuais e nem universais, mas que vão sobrepor uma determinada classe da sociedade em detrimento de outras e vão deslocar “o mesmo, o garantido, o sedimentado” (ORLANDI, 1983, p. 21).

Esse tipo de discurso que produz o mesmo, o garantido, o sedimentado, está por trás da ideia de tipologia, “uma configuração de traços formais associados a um efeito de sentido caracterizando a atitude do locutor face ao seu discurso e através dessa face ao destinatário” (MARANDIN, 1979 *apud* ORLANDI, 1983, p. 21).

A tipologia nos ajuda a perceber o funcionamento das formações discursivas e imaginárias na construção do discurso sobre dengue, porque por meio das tipologias é possível compreender a determinação dos sentidos por meio da forma textual, o funcionamento da enunciação, da língua, a memória do discurso da dengue.

De acordo com Orlandi (2013), a formação discursiva, funciona como unidades ou ligações que são construídas e atuam na operação interpretativa do discurso, produzindo enunciados aberto a repetição, reativação ou transformação.

Para a autora (2013), as formações discursivas são vistas como recortes do interdiscurso, no qual se permite dizeres, por meio do já-dito, determinando o que compõe uma formação em relação à outra. Já Pêcheux (1995, p. 160) explica que uma formação discursiva é aquilo que, num dado momento, define o que pode e deve ser dito.

Deste funcionamento manifestou-se a possibilidade de organizar o ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue, seguindo recortes de formação discursiva, pois dentre certo número de enunciados ou tipos de enunciação ou escolhas temáticas podem-se definir uma ordem, correlações, posições e funcionamentos do discurso sobre dengue e perceber que o que é dito sobre a dengue deriva-se de formações discursivas nas quais a doença se inscreve.

As formações discursivas ‘simbolizam’ no discurso as formações ideológicas que regem e determinam ideologicamente o sentido, seguindo o posicionamento de quem as utilizam. Por isso, que no ciclo jornalístico este conceito é indispensável, pois nele é que os sujeitos vão construir os sentidos e uma identificação. “É nela que todo sujeito se reconhece [...] e, ao se identificar, o sujeito adquire identidade.” (ORLANDI, 1988).

Mas, a produção de sentidos não é apenas de responsabilidade da formação discursiva. No funcionamento dos discursos são mobilizadas também, as formações imaginárias, um conceito que ganha movimento na cena discursiva quando o sujeito de um discurso toma a palavra, possibilitando novas antecipações e permite a ‘continuidade’ do discurso.

Com a formação imaginária, os sentidos são produzidos seguindo certo imaginário social, resultantes da relação entre poder, ideologia e sentidos. Além disso, as formações imaginárias operam para que o efeito de sentido construído produza a fantasia de um sentido único (ORLANDI, 2013, p. 39). Porém, é só uma ilusão, pois na prática discursiva, os sujeitos são a fonte dos sentidos e tem o domínio do que dizem e para isso é mobilizado nos processos discursivos uma série de formações imaginárias que marcam vários lugares.

Assim, é válido sinalizar, neste momento, que o ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue tem seu funcionamento regido pelos recortes que foram selecionados para o arquivo deste trabalho. Os recortes são fundamentais, pois são um índice de movimento das formações

discursivas e também para demonstrar que o processo de organização das notícias não é homogêneo, mas sim uma sistematização heterogênea que fura, produz equívocos e diferentes movimentos de discursos que se cruzam, quando segmentamos por: assunto, autoria, origem, editoria, demonstrando que o ciclo organiza o arquivo e a memória da dengue nos jornais.

Além disso, sustenta o equívoco de que a dengue é uma doença administrável, pois presenciamos anualmente nos jornais um funcionamento de um discurso repetitivo centrado na origem, filiação do mosquito; algo exterior (mosquito) que afeta a população e a questão da evolução e produção, relações estas que algumas descrições não podem contemplar.

Consequentemente, a noção nível amplo – histórico compreende e considera de certa forma, as condições de produção em que o discurso sobre dengue está inserido, neste espaço existem mecanismos responsáveis por estabelecer as relações entre as situações discursivas e as posições dos diferentes participantes considerando o contexto imediato ou contexto sócio histórico, ideológico que são acionados pela memória para que todo um imaginário da comunicação da dengue seja construído e tome corpo no jornal cronologicamente, provocando uma ilusão de completude, ou seja, no discurso jornalístico sobre a dengue há uma discursivização do cotidiano com dizeres que por vezes são ditos e/ou repetidos permitindo uma recomposição interna dos discursos. Isto é, funciona uma narratividade que tece e conduz nos jornais variações discursivas, impedimentos ou redirecionamentos do que se diz sobre a doença (MARIANI, 1998, p. 230).

Orlandi (2017, p. 54) explica que narratividade é o funcionamento da memória, ou seja, modo pelo qual a memória se diz, por meio de processos que se apoiam em modos de individuação do sujeito formando vínculos de pertencimento a espaços de interpretação determinados nas práticas discursivas.

Por meio dessa narratividade se exercem as relações de poder, os quais os dizeres possíveis são distribuídos ou silenciados. É onde se permite a reorganização imaginária do curso histórico. “É o efeito que permite o contar uma história coerente, sem falhas, com estruturação temporal, com encadeamento de causas e consequências, com personagens e cenários explicativos” (MARIANI, 1998, p. 231).

Esse movimento da narratividade manifesta um processo cíclico de noticiar a dengue, manifesta o funcionamento da memória, pois caracteriza o quanto discursivo e o quanto a ordem de circulação dos sentidos da doença é socialmente regulada, por isso que há uma repetição do mesmo enredo todos os anos, uma periodicidade evidente na cobertura jornalística que apresentam momentos com forte divulgação de campanhas; períodos onde concentram notícias voltadas para temporada de chuvas, grandes índices de infestações e mortes; meses que se avalia



a eficácia de pesquisas científicas em prol da prevenção e combate da doença e ocasiões com baixa concentração de notícias. Tudo isso colabora para a cristalização dos mecanismos de “organização social” e para manutenção de um discurso militante monofônico disfarçado de discurso polifônico voltado para fins imediatos e práticos em torno do combate, obrigações e disciplinas.

Por meio dessa regularidade, recorrência, ausência e quebra divulgação é que é manifestado em cada jornal um roteiro epidemiológico peculiar, promovendo uma espécie de revelação progressiva da doença produzindo notícias enfatizando uma ordem que permite que as pessoas vejam o início, o período de surto, a fase de declínio e reinício do ciclo, um discurso cíclico institucionalizado que produz discursos exagerados sobre a complexidade da doença, quer dizer, existe uma narratividade sendo produzida tornando visível uma pluralidade de sujeitos, posições discursivas, esquecimentos e tipologias de discursos e etc.

## **2.2. Nível Específico – Institucional**

Em termos amplos, a instituição está diretamente ligada à historicidade e ao controle. Conforme MARIANI (1998, p. 47-48), para entender o funcionamento dos discursos institucionais, neste caso, os jornais impressos, é preciso entender o processo de constituição de cada instituição, considerando a historicidade em que elas estão inscritas, pois na instituição jornalística, as notícias falam de algum lugar e para alguém.

Além disso, todo texto é produzido dentro dos processos de produção, circulação e consumo, que contribuem para que cada um deles tenha sua própria identidade, seu próprio estilo e particularidades que permitem capturar, ofertar sentidos e até negociar, ao longo do tempo, leituras ou leitorabilidade com o público.

Segundo MARIANI (1998, p. 50), a historicidade e a instituição se organizam mutuamente, uma não existe sem a outra. Por isso, é importante entender a historicidade constitutiva da formação de uma instituição, as trocas simbólicas e a construção dos discursos.

Como explica, MERTON (1970, p. 205 *apud* MARIANI, 1998, p. 48), a instituição jornalística, materializa e coloca em circulação nos jornais múltiplos discursos que surgem no dia-a-dia, caracterizando-se como um elemento cristalizado da estrutura social, no qual um jornal “define, regula e controla os modos aceitáveis de se alcançar (...) objetivos culturalmente definidos, de propósitos e interesses, mantidos como objetivos legítimos...” (MERTON, 1970, p. 205 *apud* MARIANI, 1998, p. 48).

Os jornais utilizam critérios nos atos da enunciação, como: o caráter institucional (empresa, fonte e linha editorial); a posição política e social de cada jornal; o grupo que pertence cada jornal; as instituições; as posições; os editores; os sujeitos; imagens; papéis; identidades; os agentes sociais; as forças sociais; os porta-vozes oficiais; os lugares de fala; os atos de fala; os efeitos de sentidos, datas, lugares, modalidades e circunstâncias estão presentes de maneira explícita construindo retorno de um discurso a outro.

Estes critérios possibilitam a formação de redes de sentidos, que atualizam e organizam a repetição do dizer, ou seja, a linearização do dizer, formulando determinadas posições e sustentando efeitos que alimentam a evidência de que esse discurso deve e pode dizer algo. Além disso, criam realidades rodeadas ideologicamente determinadas por condição de produção histórica, social, cultural e política, pois ao falar, denominar e trazer nos jornais essas informações ao leitor, os sentidos ganham corpo, ou seja, o jornal está formulando, interpretando, se posicionando no limite entre o dito, o silêncio e o dizível.

Para Dines (2009), cada detalhe das páginas do jornal é pensado para aproximar ou distanciar o leitor. Desde o momento da preparação das páginas são articulados os procedimentos técnicos de produção que fazem com que as notícias tenham um destaque na primeira página ou numa página secundária ou apresente dados além dos divulgados nos outros meios de comunicação (site, televisão e rádio) tudo para se ajustar ao perfil dos usuários.

É por meio das notícias que é possível perceberem as marcas da produção e circulação da dengue, pois dependendo da posição do jornal notamos o grau de interesse, como acontecem as estruturas diárias, reportagens principais, enfoques menores, notas, editorial, artigo, coluna, charge, fotografia, notícias sobre pesquisas científicas, projetos científicos, se é assinada ou não, se se localiza em determinado local do jornal e etc., como podemos verificar, por meio do desenho estatístico descritivo do funcionamento do: gênero jornalístico e formato utilizado pelos jornalistas na informação sobre a dengue; as editoriais onde foram veiculadas notícias sobre dengue; as fontes utilizadas pelos quatro jornais para dar credibilidade ao assunto e os temas relacionados à doença que foram agrupados em forma de categorias temáticas construídas a partir das 191 notícias coletadas durante o ano de 2014.

Quanto aos tipos de discurso e formato jornalístico, destacam-se a notícia seguida pela nota. E em relação ao formato jornalístico, os discursos sobre dengue foram divulgados nas colunas dos jornais (figura 2).



**Figura 2: tipos de discursos e formatos jornalísticos**

Em relação à divisão do jornal, observa-se que as notícias sobre dengue agrupam-se conforme o ângulo de abordagem das temáticas do cotidiano. Destaca-se no quadro a seguir que as notícias sobre a doença não têm uma distribuição própria e definida nos jornais, pois as notícias encontram-se disseminadas em diversas editorias, no qual se ressaltam as relacionadas à cidade ou sociedade (Quadro 2).

| DENGUE COMO NOTÍCIA 2014 - TABELA COMPARATIVA |    |                   |    |            |    |         |    |
|-----------------------------------------------|----|-------------------|----|------------|----|---------|----|
| EDITORIAS                                     |    |                   |    |            |    |         |    |
| O GLOBO                                       |    | FOLHA DE S. PAULO |    | MEIO NORTE |    | O DIA   |    |
| Negocio e Cia                                 | 1  | Ribeirão          | 12 | Geral      | 8  | Geral   | 2  |
| Baixada                                       | 3  | Ciência + Saúde   | 14 | Opinião    | 1  | Saúde   | 5  |
| Zona Oeste                                    | 2  | Editoria Poder    | 5  | Resumo     | 3  | Em Dia  | 10 |
| Rio                                           | 10 | Cotidiano         | 40 | Piauí      | 2  | Opinião | 2  |
| Barra                                         | 5  | Ilustrada         | 1  | Theresina  | 18 | Últimas | 1  |
| Niterói                                       | 5  | Mundo             | 1  |            |    | Piauí   | 3  |
| Segundo caderno                               | 1  | Coluna Painei     | 1  |            |    |         |    |
| Dos leitores                                  | 3  | Folha Corrida     | 4  |            |    |         |    |
| País                                          | 3  |                   |    |            |    |         |    |
| Opinião                                       | 1  |                   |    |            |    |         |    |
| Zona norte                                    | 2  |                   |    |            |    |         |    |
| Sociedade                                     | 14 |                   |    |            |    |         |    |
| Anselmo Gois                                  | 4  |                   |    |            |    |         |    |
| Tijuca                                        | 3  |                   |    |            |    |         |    |
| História                                      | 1  |                   |    |            |    |         |    |

**Quadro 2: editorias**

Quanto ao critério de seleção de fontes para compor as notícias sobre dengue, o Quadro 3 expõe uma diversidade de posicionamentos sociais e os sujeitos sociais dengue que dominaram as notícias usadas pelos jornais durante o ano de 2014 estão ligados a fontes oficiais vinculadas ao governo, a iniciativa privada, universidades, instituições governamentais, especialistas para marcar a legitimidade da informação, a partir desta constatação, afirmar-se

que os jornalistas dos jornais analisados falavam com maior frequência com fontes oficiais do que com fontes que eram afetadas diretamente pela dengue e dentre os quatro jornais, o O Globo foi o que mais utilizou sujeitos sociais que já foram vítimas da doença e pessoas anônimas para falar sobre a problemática. No entanto, a maneira em que estas fontes participavam era de forma secundária.

| DENGUE COMO NOTÍCIA 2014 - TABELA COMPARATIVA                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| FONTES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| <b>Jornal Meio Norte</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| Ministério da Saúde; Gerente de Zoonoses da FMS; Butantã; Presidente da FMS - Luiz Lobão; Levantamento de Índice Rápido de Infestação por <i>Aedes aegypti</i> (LIRAA); Instituto Oswaldo Cruz; Gerente do Departamento Médico da Sanofi-Pasteur; Fundação Municipal de Saúde (FMS) de Teresina; Diretora da Unidade de Vigilância Sanitária da (Sesapi); Unesp (Universidade Estadual Paulista); SESAPI; Secretaria Municipal de Saúde; Secretária de Saúde - Vilma Lima; Coordenador do Comitê de Doenças Emergentes da Sociedade Brasileira de Infectologia - Rodrigo Angerami; Arthur Chioro; Secretário de Vigilância em Saúde - Jarbas Barbosa.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Jornal O Dia</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Supervisor do Programa Estadual de Combate à Dengue - Francisco Moraes; Instituto Butantã; Ministério da Saúde; SESAPI; Supervisor do Programa Estadual de Combate à Dengue; Infectologista Caio Rosenthal; Supervisor em Endemia da FMS; Presidente da FMS, Luiz Lobão; Gerente de Zoonoses da FMS; Periódico Científico PLOS Neglected Tropical Diseases; Fundação Municipal de Saúde (FMS); Gerente de Vigilância em Saúde da FMS; Coordenador de Vigilância em Saúde Ambiental da Sesapi; Levantamento de Índice Rápido de Infestação por <i>Aedes aegypti</i> (LIRAA); Superintendência Desenvolvimento Urbano Sul (SDU/Sul); Coordenação Estadual de Epidemiologia da Secretaria Estadual de Saúde do Piauí (SESAPI); Laboratório Sanoi Pasteur; Sheila Homsani - Gerente médica da Divisão de Vacinas do Laboratório; Prefeitura de União; Secretaria Municipal de Saúde de Campo Maior.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Jornal O Globo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Secretaria Estadual Saúde; Vigilância Epidemiológica e Ambiental da Secretaria; Secretaria Municipal Saúde; Levantamento de Índice Rápido de Infestação por <i>Aedes aegypti</i> (LIRAA); Sindicatos; RCV - Movimento Rio Como Vamos; Censo 2010; Secretaria de Educação; ONU - Organizações das Nações Unidas; Departamento de Vigilância Sanitária e Controle de Zoonoses; Subsecretário Municipal de Vigilância e Promoção de Saúde; SUS - Sistema Único de Saúde; Ministério da Saúde; Governo Federal; Infectologista do H. Clementino Fraga Filho; UFRJ; Fundação de Parques e Jardins; 18° BPM, Comlurb; Secretária de Ordem Pública; CNTBio; ANVISA; Oxitec; Sanofi-Pasteur; Fundação Bill e Melinda Gates; Fiocruz; OMS; UPAs - Unidade de Pronto Atendimento; UFRJ; Lacer Laboratório Noel Nutels; ONG - Instituto Igapé; Unesp; Sociólogo e professor do Instituto de Medicina da Uerj - Antonio Castro; Ministro da saúde - Artur Chioro; Fiocruz - Luciano Moreira; UNESP; infectologista do Grupo Fleury; Hospital Pedro Ernesto - Rede Global de Doenças Infecciosas e Epidemiologia; Moradores; Stefan Cunha.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Jornal Folha de S. Paulo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Secretaria Municipal de Saúde; Butantã; Ministério da Saúde; SUCEN - Superintendência de Controle de Endemias; Unidade Básica Distritais de Saúde; Prefeitura de Araraquara; Sindicatos Servidores Municipais; Direção do Sismar; Secretaria municipal de saúde; CTNBio (Comissão técnica nacional de Biossegurança); CVE - Centro de Vigilância Epidemiológico; Secretaria de Segurança de Boa Esperança do Sul; UNIFESP; USP - Ribeirão Preto; Secretário Municipal Saúde; Infectologista Artur Timmerman; Secretaria Municipal Saúde; Divisão Epidemiológica do Município; Facul. Medi - USP; AMA - Assistência Médica Ambulatorial; Covisa - Coordenação de Vigilância em Saúde; Secretário Estadual; H. Eduardo Vasconcelos; H. Albert Einstein; Hospital Alemão; H. Samaritano; SBI - Sociedade Brasileira de Infectologia; Sanofi-Pasteur; Hospital Celso Pierro - PUC; H. Clínicas - Unicamp; Conselho Municipal de Saúde; Vereador PT e Médico Esp. Saúde pública; Sindicato de Saúde; Prefeitura; CDHU-Companhia Desen. Hab. Urb; Secretaria Estadual de SP; H. Edmundo Vasconcelos; Secretário-adjunto de Saúde; Prefeitura de Uberlândia MG/ UNESP; Diretoria de Divisão de Assistência à Saúde de Caraguatatuba; CIOCS - Centro Inte. de Operação da Saúde no Gov. Federal; ICB - Instituto de Ciências Biológicas; Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo; ONU; Professor da Unicamp; Diretoria Geral de Portugal; Biólogo Coordenação Vigilância à Saúde; OMS; Instituto de Infectologia Emílio Ribas; USP - Facul. Medicina; Sanofi Brasil; UFMG; USP; ANVISA; FAPESP; Centro de controle de Doenças dos EUA - Ann Powers; Secretário Municipal de Saúde - Stenio Miranda; Ministério da Saúde; Jarbas Barbosa - Secretário de Vigilância em Saúde; Fiocruz; Artur Chioro; Oxitec; SAAE - Serviço Autônomo de Águas e Esgotos; Takeda - NHI; OPAS - Organização Pan-americana de Saúde; UFRJ; Plos Pathogens. |

### Quadro 3: fontes

Nos quatro jornais, os discursos sobre dengue se materializava na forma de discurso estatístico, no qual abordava o número de pessoas atingidas pela dengue, números de mortos, hospitalizados e etc. Os jornais não abordavam assuntos além das estatísticas, não davam uma

abordagem completa e profunda da problemática. Muito raro, principalmente nos jornais piauienses, uma visão profunda de pessoas que já foram picadas pelo mosquito *aedes aegypti*.

Quanto ao tema da produção jornalísticas deparadas nas 191 notícias sobre dengue por meio da repetição das palavras e recorrência delas, ressalta-se: Mortes; Produção de vacinas; Campanhas de prevenção e combate; Febre Chikungunya; Pesquisas científicas; Dados epidemiológicos e Elementos causadores da doença. Dentre o tema que mais se destacou foi o: dados epidemiológicos, no qual foram organizados em 51 notícias.

| DENGUE COMO NOTÍCIA 2014 - TABELA COMPARATIVA |                          |                |                   |              |
|-----------------------------------------------|--------------------------|----------------|-------------------|--------------|
| TEMAS                                         |                          |                |                   |              |
|                                               | <i>Folha de S. Paulo</i> | <i>O Globo</i> | <i>Meio Norte</i> | <i>O Dia</i> |
|                                               | 2014                     | 2014           | 2014              | 2014         |
| Vacina                                        | 06                       | 02             | 04                | 02           |
| Morte                                         | 04                       | 03             | 04                | 02           |
| Pesquisas                                     | 08                       | 08             | 02                | 0            |
| Febre Chikungunya                             | 10                       | 06             | 04                | 02           |
| Fatores da doença                             | 10                       | 20             | 05                | 01           |
| Dados Epidemiológicos                         | 32                       | 06             | 06                | 07           |
| Campanhas de prevenção e combate              | 03                       | 08             | 07                | 07           |
| Outros                                        | 05                       | 05             | 0                 | 2            |
| Total                                         | 78                       | 58             | 32                | 23           |

#### Quadro 4: temas/ assunto

Ao analisar os dados coletados, notamos quatro critérios que os jornais utilizaram nos atos da enunciação para marcar que os discursos sobre dengue são administrados, pois toda essa organização em tabelas, em números não são homogêneos e sim é uma sistematização heterogênea que fura, produz equívocos e diferentes movimentos de discursos que se cruzam, quando se escolhe o assunto, quais fontes, em qual editoria a doença pode ocupar, demonstrando que o ciclo organiza o arquivo e a memória da dengue nos jornais.

A partir deste modelo desenho estatístico descritivo realizado com o corpus coletado durante o ano de 2014, vemos que o funcionamento no nível específico – institucional constrói-se uma filiação discursiva ligada à memória sistematizada que ordena a novidade, roteiriza as informações conforme as condições e espaço de tempo disponível entre uma edição e outra, conforme os acontecimentos dos fatos, que são dispostos em editorias para organizar a diversidade de assuntos e facilitar o entendimento leitor.

Do mesmo modo como o nível histórico, no nível institucional, há o político, social, cultural, organizacional, econômico embutido nas escolhas: das Editorias (geral, saúde, cidade e etc.); do Tipo de discurso e formato jornalístico (notícia, artigo de opinião, charge e etc.); Fontes (governamental, não governamental, pesquisadores e etc.) reforçando que os jornais



estão formulando, interpretando, se posicionando, contradizendo a noção da objetividade jornalística (reunião de valores e procedimentos orientados à verdade) que muitos estudiosos defendem, pois por meio da organização que realizamos a partir daquilo que os jornais dizem sobre dengue podemos notar que o funcionamento dos jornais não é estável, não é coerente, é unívoco e não é natural, pois na escolha há uma mediação de um indivíduo que tem preconceitos, ideologias, carências, interesses pessoais e organizacionais que vão produzindo evidências e determinando sentidos que são resultados de suas relações e ações nas redações e na sociedade. Relações e ações que constroem discursos que alimentam dizeres, a impossibilidade de novos sentidos para dengue. Além disso, contribuem para constituição das relações de forças hierarquizadas e sustentadas pelo e no poder desses diferentes lugares.

Segundo GUIMARÃES (2001, p. 13-14), a notícia define-se como a “enunciação de um acontecimento (fato)”, que não se dá só por si, “o acontecimento enquanto acontecimento para a mídia diz respeito a uma relação da mídia, a partir de uma posição da qual ela enuncia, com os eventos do mundo social e político”.

Nas notícias é possível identificar o funcionamento do discurso sobre dengue, por meio de objetos de discurso, que Pêcheux (1990), determina como “aquilo de que se fala no discurso”, que tomam forma nos jornais através de projeções imaginárias que tomam contorno na própria linguagem da instituição, como: fotos, gráficos, mapas, textos, diagramação, cores, formato e o modo de circulação, além de explicações, dados estatísticos, vozes oficiais para organizar o acontecimento e constituir o modo como ele se apresenta na produção dos sentidos, produzindo “formas de identificação [...] ‘como se’ o leitor estivesse compartilhando a cena presenciada, ou melhor, ‘como se’ houvesse um acordo prévio com relação aos sentidos produzidos” (MARIANI, 1998, p. 64).

Além disso, são constituídos os lugares sociais que são ocupados pelos sujeitos ligados a alguma instituição, que podem interferir na conduta da sociedade, como: cientistas, pesquisadores, especialistas, autoridades habilitadas a falar e dar orientações sobre temas que repercutem diretamente na vida das pessoas fazendo circular as vozes sociais do poder público, vigilância sanitária, agentes de saúde, secretários de saúde, infectologistas, pacientes e moradores. “Cada grupo social, invariavelmente, liga seus objetivos culturais a regulamentos, enraizados nos costumes ou nas instituições, de procedimentos permissíveis para a procura de tais objetivos” (MERTON, 1970, p. 205).

Logo, recai sobre a instituição uma intensa responsabilidade e controle social, pois elas modelam as práticas sociais vigente com marcas de natureza subjetiva e atravessadas por

mecanismos ideológicos que deslocam sentidos, mas que, em seguida, podem (ou não) ser absorvidos pela memória, servindo a novas ritualizações.

Além do mais, essas práticas e mecanismos de funcionamento que regem externamente e internamente a instituição e a sociedade, com uso de técnicas para adequar os sujeitos e o próprio jornal a uma verdade ilusória que garante uma falsa objetividade e neutralidade, pois, os jornais impressos (instituições) agem e adotam ações enunciativas que se referem ao comando de posições, que implica na constituição de práticas discursivas marcadas por falas automáticas, padronizadas e rotineiras de lugares sociais, previamente institucionalizados, que atuam de modo a organizar a sociedade, os sujeitos e as relações sociais às normas, regras e valores que vão se organizando à medida que, o discurso institucional vai se transformando ou vice-versa, caracterizando uma “falsa literalidade do sentido ou a um efeito imaginário da ‘existência’ de um sentido literal” (MARIANI, 1998, p. 49) que incita os jornais a dizer de um modo e não de outro induzindo a ilusão de objetividade que vai ganhando sentido e uma visível coerência à medida que são legitimadas, faladas e especificadas através da linguagem que fornece enfoques, versões de cenas do cotidiano, enquadramento de grupos sociais ou de alguma experiência social, que não permite a visibilidade dos acontecimentos, tal qual aconteceram, mostrando assim uma objetividade que não é real, pois os jornais reproduzem insistentemente um movimento de universalização dos sentidos, onde numa dada sociedade, todo mundo sabe ou deveria saber o que é o que.

Desta maneira, o discurso funciona de forma incontestável e autêntica, tal que passa a ser considerados como natural, mantendo dizeres, a impossibilidade de novos sentidos, preconceitos, ideologias, carências, que produzem e determinam sentidos hierarquizados e sustentados pela história.

As instituições, na maneira como as estamos concebendo, constituem parte do processo ideológico geral de edificação de práticas discursivas e não-discursivas, processo esse que apaga para o sujeito seu assujeitamento às formas discursivas, processo produzido pelo efeito de literalidade, de objetividade do real, etc. O que chamamos de instituição é fruto de longos processos históricos durante os quais ocorre a sedimentação de determinados sentidos concomitantemente à legitimação de práticas ou condutas sociais. São práticas discursivas que se legitimam e institucionalizam, ao mesmo tempo em que, organizam direções de sentidos e formas de agir no todo social (MARIANI, 1998, 51).

As práticas discursivas das instituições jornalísticas não são objetivas, pois os jornais organizam as direções das filiações discursivas, sistematiza e ordena os acontecimentos, ressignificando e adaptando os discursos na história, permitindo o reconhecimento das regularidades e variações dos acontecimentos fazendo surgir outros momentos, relações sociais

e temporais. Isso é importante para reconhecermos os movimentos da produção discursiva em que, os jornais marcam a imagem que faz de si, da dengue e os movimentos de sentidos em que acontecimentos discursivos fazem furo na ordem do discurso jornalístico.

Deste modo, no funcionamento dos discursos sobre dengue, as instituições jornalísticas marcam uma regularidade no processo discursivo que universaliza e que percorre diversas instâncias enunciativas e instituições distintas. Articula campos discursivos diferentes, estabelecendo, assim, uma união de conhecimentos que se fixam na sociedade provocando o consenso ou senso comum.

Assim, segundo Orlandi (2012), o discurso institucional não é mero receptáculo. Ele é um meio, no sentido material que expande a heterogeneidade constitutiva da produção de discursos. Fazer circular sentidos e corresponder um grupo social a um dizer ou a um discurso correspondente é reduzir a prática discursiva a um espelho às normas institucionais.

O discurso institucional é mais que isso. Não é, portanto, indiferente aos sentidos, não é neutro, ele é regulado por uma formação de sentidos que são vinculadas ao complexo de formações discursivas e constitutivas de um momento histórico, pois mantem informações que reforçam, circulam e conservam uma memória regulada, que se organiza e se consolida sócio-historicamente por meio dos sujeitos.

Pêcheux (1988) chama isso de domínios de pensamento, quando aquilo que é dado notar, entender, criar, ter medo, etc., ou seja, há subjetividade no que pode e no que deve ser dito, há interpretações reguladas e asseguradas na notícia que possibilita a continuidade e permanência da ilusão de jornalismo imparcial, informativo, de linguagem clara, simples e direta, alimentando o ciclo da informatividade de dizer apenas o que lhe interessa, estabelecendo ordens, circulando sentidos que interessam apenas a grupos dominantes, fazendo permanecer nos discursos dos jornais um eco de dizer que se preserva, um discurso que privilegia sempre um ou outro discurso, discursos que silenciam outros discursos, construindo um efeito imaginário de verdade única.

De acordo com Orlandi (2010, p. 14), isso se dá por causa de dois aspectos: o caso que se refere à relação dos sentidos, em que os textos se remetem a outros e o fato do imediato ir para o não imediato. Essas duas características nos leva a observar a relação que existe entre o mesmo acontecimento nos jornais, mas expondo informações diferentes sobre a mesma coisa, definindo modos de dizeres diferentes significando variavelmente o acontecimento em questão. Além disso, nos leva a uma reflexão sobre a maneira que os jornais enunciam os acontecimentos, produzindo efeitos. Por exemplo, pode levar o leitor a pensar mais



demoradamente a dengue, seu impacto na vida do cidadão, suas formas de significação na vida de cada um que foi infectado pelo vetor *aedes aegypti*.

Neste caso, os discursos jornalísticos atuam na institucionalização dos sentidos promovendo os “consensos em torno do que seria a verdade de um evento” (MARIANI, 1998, p. 145) em uma determinada sociedade. Ou como diz Mazière (1998, p. 48) um “lugar que se constrói e se pode mostrar o ‘como se diz’ de uma sociedade”.

Assim, ao atuar com um discurso institucionalizado, os jornais colocam em evidência um discurso de verdade que é atravessado por relações sociais fortes, onde são perceptíveis discursos muitas vezes transparentes, identificáveis, rotulados e homogêneos que nada mais é que um dizer de cartilha ou dizer catequético.

### **2.3. Nível Relacional caracterizado pela sociedade e sujeitos sociais**

De acordo com Orlandi (2012, p. 134), no processo de produção dos sentidos não é apenas quem escreve que produz significação, mas também quem lê, pois na produção da linguagem não temos somente transmissões de informação, mas efeitos de sentidos entre locutores. Efeitos esses que tem seu funcionamento no tempo e no espaço das práticas do homem, que participa de um lugar social que abrange contextos sócio históricos, ideológico de tal maneira que “aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar do qual se diz, para quem se diz, em relação aos outros discursos” (ORLANDI, 2012, p.112).

Nossas relações estão configuradas pelo nosso lugar social, onde reconhecemo-nos, temos nossas vontades, responsabilidades, direitos, deveres, etc. regulados. Vivemos num espaço regulado. Praticamos uma linguagem regulada pelo funcionamento discursivo atravessado por tipologias de discursos que produzem efeitos que se repetem. Discursos que produzem efeitos discursivos que ordenam e comandam os leitores. “Não se diz o que se quer, em qualquer situação, de qualquer maneira. Também não se pode entender o que se quer, de qualquer maneira, em qualquer situação” (ORLANDI, 2012, p. 113).

A população produz sentidos. Ela não é um corpo dócil, como a comunicação imagina ao divulgar discursos voltados para responsabilização do sujeito ou quando se exige da população um saber que se resume em atitudes, habilidades. É apenas uma ilusão, pois o público não obedece, ele participa ativamente da sociedade se apropriando de sentidos, estabelecendo interação, interpretações que permitem ver, ouvir, sentir, falar, informar-se, explorar, agir, ter comprometimento, etc.

À base de (Pêcheux, 1991), Orlandi (2013, p.81) explica que essas maneiras de interpretar são decorrentes dos efeitos metafóricos, um “lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade”, onde “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para outro” (ORLANDI, 2013, p.81).

Desta maneira, compreendemos que a relação comunicação e sociedade não é homogênea, nem mecânica, nem automática, ou estática, pois as notícias podem ser lidas de várias formas e serem compreendidas de maneiras determinadas para que os sentidos adquiram unidades.

De acordo com Orlandi (2012, p. 119), na sociedade existem mecanismos determinantes que ajudam na cristalização de sentidos e homogeneização de usos que são matérias-primas para permanência do ciclo, das fases da dengue que podem alterar a leitura e a história dos sujeitos, pois quem lê, pode ler uma notícia de certa maneira, num certo contexto atravessado por contradições, transformações, memórias, esquecimentos, o mesmo e o diferente (Orlandi, 2012, p. 148). Não tem como desligar o contexto histórico-social dos sujeitos sociais. Eles estão ligados e se intercomunicam.

Isso é naturalizado, pois é ideologicamente e historicamente construído pela formação discursiva, formação ideológica e formação imaginária. Conceitos fundamentais para que os mecanismos se tornem aparentes num texto, pois são lugares da construção dos sentidos, são eles que determinam o que pode e o que não pode ser dito, segundo as posições discursivas sustentadas por aqueles que as empregam ou nas quais os sujeitos se inscrevem, dito de outra forma, são os lugares na formação social que regulam o ato e a enunciação. Por isso que existe uma aceitabilidade discursiva, um domínio de saber nas notícias sobre dengue contribuindo para estabilidade da repetição, regularidade de discursos que são ditos e que são silenciados.

Assim, o que vemos funcionar na sociedade são efeitos imaginários que as notícias produzem nas pessoas, ou a ilusão de que a população está entendendo absolutamente tudo que as notícias estão dizendo sobre o que ela deve fazer. O que acontece é que não há um inteligível dessa mensagem. Não é porque eu tenho no meu quintal lixo acumulado, ou porque eu deixo recipientes com água parada na minha casa, que eu vou contribuir para a proliferação do mosquito causador da dengue. Talvez as posições discursivas destacadas nos recortes dos jornais podem revelar despercebidas ações na conduta cotidiana das pessoas. Pois, enquanto a prática discursiva sobre dengue nos jornais refere-se a orientações sobre o comportamento, como por exemplo, acúmulo de lixo, terreno baldio. As ações e opinião das pessoas sobre as orientações são insuficientes, ou seja, embora os jornais pratiquem um discurso militarista e de

cartilhas de campanhas, as pessoas não conseguem acompanhar e executar as ações que são determinadas por eles, porque para o indivíduo dono do ferro velho, ou da casa de reciclagem, ou do vendedor de latinhas, ou da própria dona de casa que tem vasos de plantas, pneus, uma latinha, um depósito de óleo acumulados em espaços considerados, privados e de responsabilidade individual, podem considerar os objetos como uma fonte de renda, enquanto os agentes públicos entendam como lixo e criadouros do vetor da dengue.

O que está em jogo neste espaço relacional é como os indivíduos se relacionam com os discursos sobre dengue. O que as notícias vão significar no cotidiano, o que são determinantes nas práticas diárias, para a prevenção específicas e etc. O inteligível é produzido, não somente por discursos cristalizados ou por aqueles que administram o Estado, coordenando a população com medidas que indicam como ela deve agir diante da multiplicidade de determinantes e fatores da dengue, mas também, por relações de sentidos e de forças construídas por formações imaginárias, formações discursivas e ideológicas.

Vemos o funcionamento de formações que se projetam no texto caracterizando as imagens do outro, de si e do referente (da dengue) nos quatro jornais. Formações que produzem efeitos de dominância de discursos versando sobre uma referência muito forte à falta de conscientização das pessoas, responsabilização do outro frente à ineficiência do controle do mosquito da dengue, o comportamento negligente e descuido com o ambiente em que vive; e acesso às informações técnicas de qualidade, adequadas e em quantidade suficiente sobre sinais, sintomas, tratamento e prevenção da dengue atravessam o terceiro nível do ciclo.

### **RECORTE 1**

A agente de endemia Ana Lúcia Lima, alertou que a prevenção ao mosquito da dengue é de todos, tanto da Prefeitura de Teresina como da sociedade civil. “Se todos cuidassem e limpassem os terrenos e as residências, com certeza teríamos uma menor presença do mosquito (com a consequente diminuição de pessoas doentes). A população tem que entender que essa ação é conjunta para que ninguém seja vítima do mosquito”, declarou Ana Lúcia (JORNAL O DIA. Chuvas contribuem para reprodução do mosquito da dengue em Teresina, 21.01.2014).

### **RECORTE 2**

Moro aqui há quase 34 anos e o dono nunca apareceu. Nós é que tentamos zelar por esse lugar. Já houve época em que até chamávamos a Comlub para limpar. E, quando eles não vinham, a gente pagava para que o serviço fosse feito. Além do matagal, temos vizinhos muito mal educados que jogam lixo aqui – desabafou a moradora. Quase um ano se passou, já arrancaram a cerca e o terreno continua a mesma imundície. Eu, minha mãe e meu filho de cinco anos já tivemos até dengue por ter sempre focos de mosquitos na região – reclamou Fernanda (JORNAL O GLOBO. A Sujeita como Vizinha, 11.01. 2014).]

### **RECORTE 3**

Mantenho o quintal sempre limpo e tudo o que for de recipiente e coisas que não uso, eu armazeno num depósito coberto, para evitar que a água fique parada. Nunca tive dengue, mas os vizinhos já e é importante que eles também façam o seu papel, colocando o que não usam mais para fora de casa”, afirma a professora e moradora do Dirceu, Lourdes de Moraes (JORNAL O DIA. Dirceu - Bairro com maior número de casos de dengue recebe mutirão de limpeza, 08.07. 2014).

Projeções que atravessam o discurso, por meio das formações, que incitam a culpa anônima e inoperância e omissão do poder público e dos serviços públicos produzindo uma “falsa consciência coletiva” na população, com introdução de orientações para hábitos higiênicos e conservação do meio ambiente, contribuindo para a permanência de discursos que estimulam a transferência de responsabilidades: tanto do estado culpando o indivíduo, quanto do morador denunciando o vizinho e assim movimentando o ciclo relacional, sem que o indivíduo perceba o deslocamento da responsabilidade e não reconheça que na visão do vizinho e do poder público ele também é outro sujeito determinante no processo de transmissão da doença.

Esse comportamento negligente do poder público e das pessoas com o ambiente em que vive não acontece apenas porque existe um conhecimento que é passado dos pesquisadores, médicos, agentes de saúde e etc. para a população, mas por causa das experiências das pessoas com a saúde e a doença e principalmente, por causas da individualidade das práticas e atitudes que deslizam e circulam nos textos.

Neste caso, ao discursivizar sobre as atividades educativas das pessoas, há um apagamento de deveres e responsabilidades, uma vez que, as ações de prevenção e controle são cuidados compartilhados entre as instituições e população. Assim, o indivíduo por não conseguir diferenciar conhecimento, atitude e prática, acaba julgando os valores éticos e morais e suas próprias relações e ações em sociedade e em meio ambiente. Mesmo sabendo que há limites individuais no cuidado com o lixo, no desenvolvimento, no acesso ao conhecimento científico e ao sistema de saúde que constituem atitudes e práticas da população, as decisões e conduta tomadas pelos indivíduos acabam sendo inadequadas e ineficazes para a diminuição da dengue, pois há formações que estimulam uma transferência de responsabilidade da limpeza, por exemplo, o poder público diz que a população tem que limpar os ambientes e a população culpa o estado pela falta de manutenção da cidade, incluindo o interior das casas, em especial, quintais, o que para o poder público isso é de responsabilidade individual.

De acordo com Pêcheux (1997), é por meio das formações imaginárias que os lugares sociais são representados nos processos discursivos e encontrados nos textos. “O que funciona

nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1997, p. 82), a partir de posições que se projetam no texto. Por meio dessas projeções imaginárias representadas no processo de significação é que são projetadas as imagens do outro, de si e do referente (da dengue).

No funcionamento discursivo é ativada a interpretação, onde os sentidos, os dizeres e as imagens projetadas dos sujeitos se regulam no ato da enunciação. Nessa rede imaginária, a construção de sentidos sobre dengue são atravessadas pela ilusão referencial que está ligada à ordem da enunciação, pois “ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (ORLANDI, 2013, p. 35).

Dessa maneira, os sujeitos são construídos por dizeres vindos de suas vivências e de ditos de outros lugares ou momentos históricos, isto é, por várias posições, dispersões de formações discursivas que não permite uma visão fixa dos acontecimentos e promove diferentes interpretações, pois os sentidos não são produzidos de um lugar só, eles são móveis, e são deslocados por meio das posições organizadas nos textos que permitem diferentes perspectivas de atribuição de sentido, pois existem várias direções, diferentes perspectivas de interpretações e distintos leitores.

Por isso, que quando nós lemos um acontecimento sobre dengue descrito nos jornais, somos afetados pela historicidade do texto que produz um efeito de refração, pois vivenciamos, nos apoderamos e interferimos nos sentidos que se repetem, contribuindo para o efeito do assujeitamento dos sujeito, estabilidade dos discursos sobre dengue, provocando sempre aquela impressão de que há uma relação direta entre o texto e o que ele significa, fazendo com que as pessoas apenas reproduzam o que está sendo produzido nos textos, provocando o efeito de ilusão de leitura, pois a população apenas reflete automaticamente sua posição a partir da leitura que produz fortalecendo o funcionamento ideológico de sua posição.

## **2.4. Marcos do Ciclo**

Os marcos do ciclo foram criados com a ideia de fase, tal qual um relógio, onde os giros ordenam e marcam um movimento permanente do discurso sanitarista, da des-historicização da dengue, da responsabilização do sujeito numa ‘simulação’ de polos fixados apontando os efeitos de sentidos e discursos (de)limitados que estão sempre se (re)produzindo dando a aparência de pleno, definido e permanente.

Os marcos do ciclo são fundamentais para se pensar como o discurso sobre dengue é marcado enunciativamente e determinado historicamente no processo de constituição da dengue, nas quais os sentidos são projetados em formações discursivas que são interpretadas seguindo determinações sócio históricas.

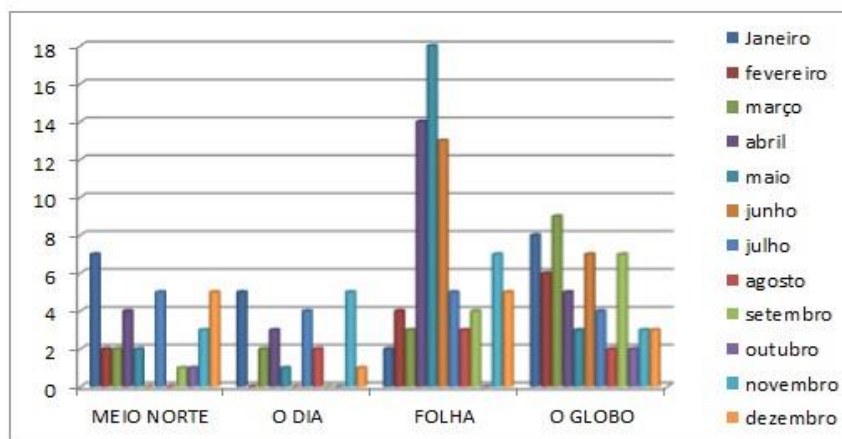
As fases do ciclo trabalham os limites, as marcas, as projeções, rotas, encontros, espaços do dizer sobre dengue e como ele é posto em movimento, fazendo os discursos e noções sobre dengue, prevenção, combate, mosquito, saúde pública se deslocarem linearmente e ordenadamente em outros sentidos e continuarem presos em falas de especialista, sanitaristas, da população e etc., gerando a memória coletiva ou efeitos de memória que reproduzem as mesmas “versões” do passado para o presente colaborando para uma ‘continuidade histórica’, onde o discurso sobre dengue aparenta ser o mesmo, mas em situações diferentes circulando na sociedade conhecimentos estabilizados, naturalizados provocando uma ilusão referencial formado pelas múltiplas construções imaginárias que os jornais repetem com suas inúmeras versões sobre o ciclo da dengue, pobreza, negligência, higienização, cidade, organização.

Os marcos do ciclo foram estabelecidos a partir de uma base quantitativa, isto é, foi estruturado seguindo a composição do *corpus* de análise (arquivo do trabalho) sistematizado em tabelas e gráficos, nos quais as notícias foram interpretadas numa dada conjuntura e inseridas em estruturação matemática, para logo em seguida, realizarmos a parte qualitativa, denominada, a análise do discurso, respeitando as “condições de produção, recortando amostras de representatividade [...] do discurso, por meio de comparação de enunciados” (DIAS, 2015, p. 972).

Assim, durante o ano de 2014 examinamos 1.460 exemplares. Deste total geral, montamos um arquivo significativo com 191 notícias sobre a dengue, onde mostramos a quantificação e as oscilações das notícias publicadas sobre dengue durante os meses.

| MESES       | MEIO NORTE | O DIA | FOLHA | O GLOBO |
|-------------|------------|-------|-------|---------|
| JANEIRO     | 7          | 5     | 2     | 8       |
| FEVEREIRO   | 2          | 0     | 4     | 6       |
| MARÇO       | 2          | 2     | 3     | 9       |
| ABRIL       | 4          | 3     | 14    | 5       |
| MAIO        | 2          | 1     | 18    | 3       |
| JUNHO       | 0          | 0     | 13    | 7       |
| JULHO       | 5          | 4     | 5     | 4       |
| AGOSTO      | 0          | 2     | 3     | 2       |
| SETEMBRO    | 1          | 0     | 4     | 7       |
| OUTUBRO     | 1          | 0     | 0     | 2       |
| NOVEMBRO    | 3          | 5     | 7     | 3       |
| DEZEMBRO    | 5          | 1     | 5     | 3       |
| TOTAL       | 32         | 23    | 78    | 58      |
| TOTAL GERAL |            |       |       | 191     |

**Quadro 5: quantitativo da dengue nos quatro jornais em 2014**



**Gráfico 1: quantitativo da dengue nos quatro jornais em 2014**

As notícias foram agrupadas e classificadas em categorias, para se tornar compreensível a massa de dados e mostrar o espaço de circulação das informações dos discursos sobre dengue nos quatro jornais. Neste íterim, construímos uma amostra específica de análise que tornam visíveis as sequências, repetição de palavras, temas recorrentes no corpo das notícias mantendo o ponto de estabilização do processo de seleção e de produção de sentidos ao longo do ano analisado.

| DENGUE COMO NOTÍCIA 2014 - TABELA COMPARATIVA |                          |                |                   |              |
|-----------------------------------------------|--------------------------|----------------|-------------------|--------------|
| TEMAS                                         |                          |                |                   |              |
|                                               | <i>Folha de S. Paulo</i> | <i>O Globo</i> | <i>Meio Norte</i> | <i>O Dia</i> |
|                                               | 2014                     | 2014           | 2014              | 2014         |
| <b>Vacina</b>                                 | 06                       | 02             | 04                | 02           |
| <b>Morte</b>                                  | 04                       | 03             | 04                | 02           |
| <b>Pesquisas</b>                              | 08                       | 08             | 02                | 0            |
| <b>Febre Chikungunya</b>                      | 10                       | 06             | 04                | 02           |
| <b>Fatores da doença</b>                      | 10                       | 20             | 05                | 01           |
| <b>Dados Epidemiológicos</b>                  | 32                       | 06             | 06                | 07           |
| <b>Campanhas de prevenção e combate</b>       | 03                       | 08             | 07                | 07           |
| <b>Outros</b>                                 | 05                       | 05             | 0                 | 2            |
| <b>Total</b>                                  | 78                       | 58             | 32                | 23           |

**Quadro 6: Temas**

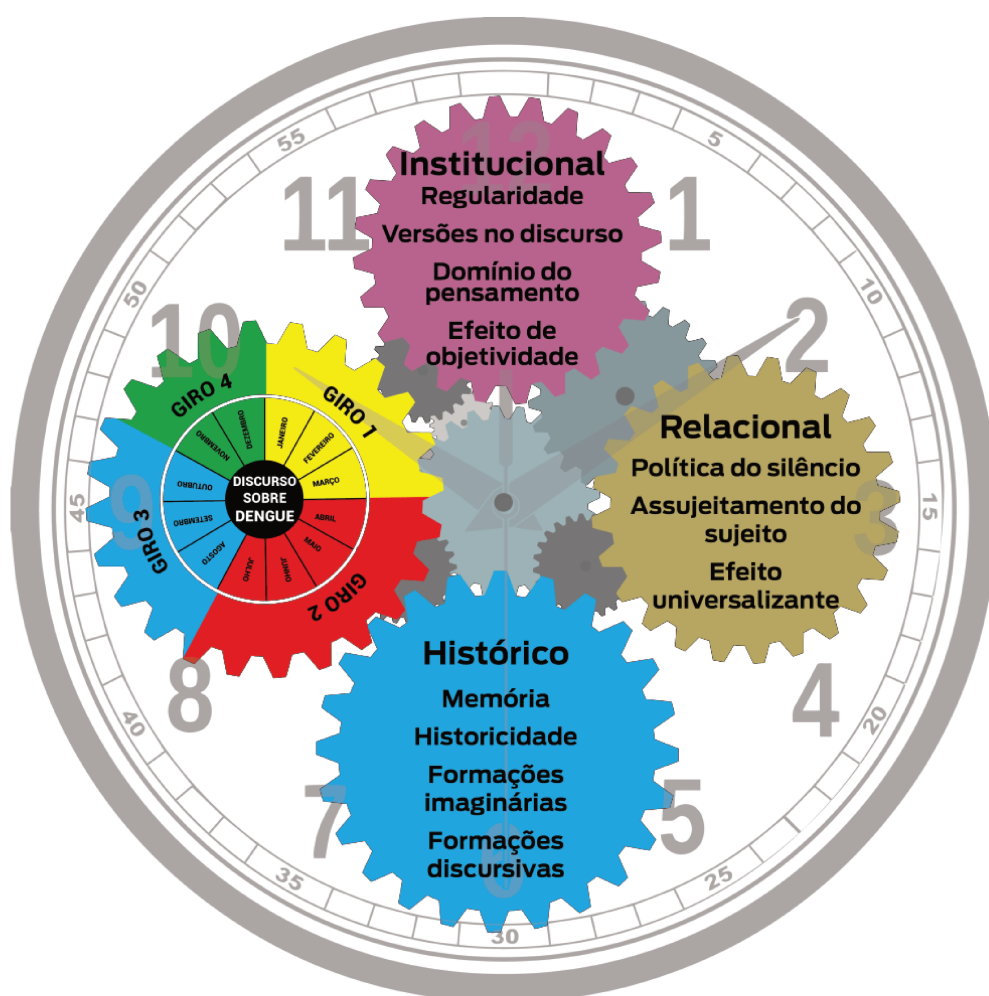
Identificadas às sequências, repetição de palavras, temas recorrentes no corpo das notícias, chegou um momento do trabalho que pensamos em realizar um cruzamento entre os conceitos e características dos níveis: histórico, institucional e relacional – que são as engrenagens constituintes que fazem o ciclo do discurso sobre dengue funcionar –, juntamente

com as características das fases do ciclo, que são as séries produtivas dos giros, que projetam os fatos que reclamam sentidos e que marcam a dengue nos jornais, ou seja, são as problemáticas encontradas no corpus da pesquisa: vacina; morte; pesquisas científicas; febre chikungunya; elementos causadores da doença, dados epidemiológicos, campanha de prevenção e combate; planejadas em cenários que projetam vulnerabilidade, planejamento e estratégia, crescimento, alerta, ameaça, risco, desenvolvimento, controle, oportunidade, fraqueza, manutenção e prevenção.



## 2.5. Cruzamento dos níveis e séries produtivas de cenário: Marcos do Ciclo

A intersecção dos níveis histórico, institucional e relacional, com as séries produtivas de cenários ou giros (vulnerabilidade, planejamento e estratégia, crescimento, alerta, ameaça, risco, desenvolvimento, controle, oportunidade, fraqueza, manutenção e prevenção) formam a estrutura que mostraremos a seguir, que caracteriza o funcionamento do marco ou giros do ciclo do discurso sobre dengue que serve para nos auxiliar e definir a forma de analisar o *corpus* do trabalho.



**Figura 3 - Cruzamento dos níveis e séries produtivas de cenário: marcos do Ciclo**

Ao cultivar as notícias sobre dengue nos jornais Meio Norte, O Dia, Folha de S. Paulo e O Globo, por meio do sistema digital e impresso e depois organizando o arquivo no esquema de cruzamento dos níveis e séries produtivas dos giros, foi possível observar quatro marcos ou giros que caracterizam o funcionamento da dengue nos jornais. Vejamos o cruzamento:



as informações dos quadrantes se cruzam de forma a obter uma projeção ou prospecção que nos permite observar as fases ou giros do discurso sobre dengue nos jornais.

Nos marcos percebemos a sucessão de fatos que reclamam sentidos em momentos diferentes. Os marcos do ciclo contribuem no apagamento da ordem do político que redefine os discursos sobre dengue e produz discursivamente um mecanismo de generalização com base nos saberes e as ações nos espaços urbanos que são postos em circulação no e pelos jornais, sob a forma de resgatar um (com) senso ou “sentido comum” sobre dengue.

Cada giro trabalha como lugar de interpretação institucionalizado. Nas fases do ciclo há uma ordem de circulação, onde os impressos estabilizam, atualizam e legitimam um saber que captura sujeitos e produz identificações, colaborando para uma ilusão de unidade do cotidiano que pode ter relação tanto com os hábitos individuais e coletivos, que permite que os indivíduos percebam a doença do início ao fim: com suas repetições, recorrências, regularidades, ausências, quebras de divulgação, dando um aspecto que a doença é socialmente regulada.

:

### **2.5.1. Primeiro Marco do Ciclo: Gerenciamento**

Para elaborar essa etapa, houve uma combinação entre os níveis do ciclo, cruzados com as características vulnerabilidade, planejamento e estratégia; crescimento. A intersecção resultou no marco de gerenciamento.

Neste primeiro giro do ciclo, os jornais mostram, por meio das notícias, a cristalização dos mecanismos de gerenciamento em torno do combate da dengue, das obrigações e disciplinas que as pessoas têm que desenvolver para diminuir o risco de dengue, por meio de informações técnicas, preventivas e de combate.

Aqui, observamos que diante de uma exposição de risco e incertezas sobre a doença, os jornais buscam, por meio das notícias, planejar, organizar, dirigir e controlar a população, no sentido de minimizar os riscos e incertezas que crescem com o aumento e número de indivíduos infectados com o vírus dengue.

Nessa fase, circulam nas notícias dados relacionados ao mosquito *aedes aegypti*, principais medidas preventivas, isto é, cada jornal constrói uma narrativa, um roteiro epidemiológico peculiar, ou seja, a partir dos primeiros casos notificados da doença, é produzida identificações, reconhecimento por parte dos sujeitos, enfatizando sempre um discurso permeado pelo alerta.

Trechos dos jornais que caracterizam a fase:

### **Recorte 1**

[...]“Com a chegada da temporada de chuvas é importante estarmos atentos ao acúmulo de água que pode haver em pneus, latas e outros depósitos”, aconselha Oriana. “Até tampas de garrafa podem ser potenciais criadouros”, acrescenta. Por isso, é importante manter vedados depósitos plásticos, pneus e reservatórios em nível de solo como manilhas e tambores; consertar calhas e marquises; fechar caixas d’água; evitar o acúmulo de água em vasos de planta; manter a água da piscina tratada; e vedar vasos e ralos que não sejam utilizados diariamente (MEIO NORTE. Dengue - Levantamento direciona ações de combate, 16.01.2014).

### **Recorte 2**

Trata-se de uma ferramenta estratégica de datas e ações que devem ser seguidas pelos municípios no intuito de realizar as atividades em sintonia com os técnicos da Sesapi. Segundo o supervisor do Programa Estadual de Combate à Dengue, Francisco Moraes, a recomendação do Ministério da Saúde é que além das estratégias montadas, os recursos também devem ser aplicados de forma eficaz (ODIA, Municípios recebem epidemiológico para 2014, 08.01.2014).

### **Recorte 3**

Para o médico, umas das consequências mais graves para esses bairros, sem água fornecida regularmente pelo Daerp é a criação de armazenamentos improvisados, que fazem proliferar o mosquito *aedes aegypti*, que provoca a dengue. Além disso, há os riscos de contaminação (FOLHA DE S. PAULO, Gota D’água. 19.01.2014).

### **Recorte 4**

Quem tem casa de veraneio em Niterói ou deixou a residência vazia em janeiro e fevereiro precisa ficar atento: por meio de um decreto assinado na última terça-feira, o prefeito Rodrigo Neves autoriza agentes de saúde a entrar em imóveis fechados para combater possíveis focos de dengue (O GLOBO, Dengue: agentes já podem abrir casas, 09.02.2014).

Nesse sentido, encontramos no giro, sentidos voltados para controlar a dengue, principalmente do poder público, esse tipo de discursos ganha fôlego no início do ano, quando as chuvas iniciam.

### 2.5.2. Segundo Marco do Ciclo: Surto

Nesta fase, as características de alerta, ameaça e risco, foram combinadas com os níveis do ciclo e resultou no marco de surto. Os jornais colocam em cena o descontrole, a fragilidade dos setores da saúde, vigilância sanitária e do Estado quanto ao cuidado, controle e notificações dos casos e morte por dengue.

O giro Surto é indicativo para marcar as ameaças, uma posição de alerta, detectar perigo, como também, acompanha um estado de tensão, nervosismo, que é despertado quando estamos passando por um episódio arriscado, para que a população seja capaz de se proteger e tomar precauções.

Neste marco, é desenvolvida uma grande política de governo para mobilização da população contra o mosquito *aedes aegypti*, predominância de discursos quantitativos sobre a dengue que mostram o crescimento da doença, o número de infectados e mortos pela doença. Além disso, discursos que tentam encontrar soluções de controle para que a ‘dengue’ seja ‘domesticada’.

Trechos dos jornais que caracterizam a fase:

#### Recorte 1

O levantamento mostra que foram registrados 94.246 casos até maio deste ano. Em março, o Estado tinha 18.445 confirmações da doença (FOLHA DE S. PAULO, Em dois meses, confirmações da doença quintuplicaram em SP, 07.06. 2014).

#### Recorte 2

A cidade de São Paulo registrou na última semana 793 novos casos de dengue, atingindo uma média de 113 novos casos por dia, segundo a Secretaria municipal de Saúde. No ano, já foram feitas 2.538 notificações, 66% a mais do que no mesmo período em 2013. Em todo o ano passado, foram 2.617 casos de dengue na capital paulista. A prefeitura confirma também a morte de uma criança de 6 anos pela doença no último dia 7. Ela morava no bairro de Jaguaré, distrito com maior número de casos da cidade: 22,6 a cada 100 mil habitantes (O GLOBO, São Paulo tem média de 113 novos casos de dengue por dia, 19.04.2014).

**Recorte 3**

Os casos de dengue agora somam 4.427, com 100 municípios com casos confirmados, sendo 24 deles com alta incidência, 30 com média incidência e os demais com baixa incidência (Meio Norte, NO PIAUÍ - Confirmada terceira morte por dengue, 12. 07. 2014).

**Recorte 4**

Quanto aos casos graves da doença, em todo o estado foram registrados 10 casos, sendo 06 em Teresina, nos seis primeiros meses de 2014. Na capital, foram notificados ao todo 1.747 casos da dengue clássica, sendo 1.558 casos confirmados após exames. Em todo o Piauí, os casos da doença agora somam 4.427, com 100 municípios com casos confirmados, sendo 24 deles com alta incidência, 30 com média incidência e os demais com baixa incidência. (ODIA, Em apenas seis meses, dengue já causou mais mortes que em 2013, 15. 07. 2014)

Este giro se apresenta nas notícias quando começam as constatações do aumento dos casos, registros de infectados e primeiras mortes, dando um cenário de que o surto da dengue foi instalado na sociedade. Neste marco, há um dizer notificador de casos e registro de mortes. Nesse giro, os jornais utilizam alguns termos para denotar o aumento da quantidade de notificações, alamar, assustar e configurar a situação epidemiológica e consolidar a noção de surto da dengue.

**2.5.3. Terceiro Marco do Ciclo: Manutenção**

A terceira fase do ciclo sobre dengue é o momento de negociação, reforço, fortalecimento das debilidades do combate e prevenção da dengue, ou seja, os jornais mantem durante o período de pós-surto notícias que indicam possibilidades de controle, narrativas, positivas, prováveis e até pessimistas da dengue. Aqui, os níveis do ciclo são cruzados com as características: desenvolvimento, controle, iniciativas, que resulta no marco de observação.

O giro de observação faz uma referência tanto a coisas, pessoas, situações de variados tipos, como desenvolvimento de pesquisas científicas, parcerias científicas, vacinas, desenvolvimento de ciclo de novas doenças que são provocadas pelo vetor *aedes aegypti*. Assim como medir, em termos quantitativos ao mesmo tempo que qualitativos, dos determinantes da dengue, ter o controle da situação e perceber nas notícias marcas que evidenciam

acontecimentos oportunos que tragam benefícios ao processo de combate e prevenção da doença.

Trechos dos jornais que caracterizam a fase:

#### **Recorte 1**

Em 2010, foram detectados três casos do vírus no Brasil. Todos eles foram contraídos por pessoas que viajaram a áreas endêmicas. Neste ano, houve cerca de 20 casos. (FOLHA DE S. Paulo, Vacina contra vírus ‘primo da dengue’ passa em 1º teste, 15.08. 2014)

#### **Recorte 2**

A Fiocruz começa hoje, no Rio, a soltar mosquitos da dengue com a bactéria wolbachia, aquela que bloqueia a transmissão do vírus. Funciona assim: o “Aedes aegypti” com a bactéria, ao se reproduzir, transmite a wolbachia para os filhotes. Depois de um tempo, a maioria dos mosquitos da região terá a bateria e não transmitirá mais a doença. (O Globo, Aedes do bem, 24.09.2014)

#### **Recorte 3**

Depois de 20 anos em desenvolvimento, a vacina contra a dengue em estágio mais avançado no mundo chegou à etapa final mostrando eficácia de 60,8% contra os quatro sorotipos da doença. Outro resultado é que entre as pessoas que foram vacinadas e, mesmo assim, tiveram dengue, houve redução de 80,3% no número de internações com relação a quem não foi imunizado. (Meio norte, Saúde - Vacina contra a dengue tem eficácia de 60,8%, 04.09. 2014).

#### **Recorte 4**

“Apenas cerca de 140 municípios têm mantido, com frequência normal, a notificação dos casos de dengue. Os demais, nós não sabemos o motivo de se manterem silenciosos e reforçamos: todos precisam registrar os casos, para que possamos definir as medidas necessárias e específicas para cada cidade”, ratifica (O Dia, Ministério Público dará apoio ao combate da dengue no Piauí, 04.08.2014).

Neste giro, as notícias investem em pesquisas científicas e queda de notificações para que as pessoas identifiquem outras medidas como opções de combate, opções científicas, intelectuais e políticas de combate e prevenção da doença, permitindo que o leitor vivencie discursos que combatam o “mal” sanitário infeccioso, principalmente quando são noticiadas pesquisas e iniciativas para barrar o avanço da doença.

#### **2.5.4. Quarto Marco do Ciclo: Fim**

Este giro do ciclo é uma combinação entre os níveis do ciclo, cruzados com as características fraqueza, manutenção e prevenção. Ele é geralmente silencioso, e quase não há veiculação de notícias sobre a doença nos jornais, pois é o momento no qual, a dengue fica latente, onde o vírus fica ‘oculto’, os sintomas da doença não atingem uma grande parcela da população. No entanto é uma etapa importante para percebermos como cada um de nós, como a comunidade em geral lida e ao mesmo tempo relaxa ao controlar o vírus dengue.

Neste giro, os recortes das pesquisas indicam marcas que sustentam ações que serve como precaução, controle e prevenção para evitar danos que podem ser causados pela dengue.

Trechos dos jornais que caracterizam a fase:

##### **Recorte 1**

O Brasil tem 117 cidades em risco de epidemia de dengue em 2014. O número caiu em relação ao ano passado – em outubro/novembro de 2013, eram 159 municípios nessa mesma situação (Folha de S. Paulo, Cai número de cidades em risco de epidemia de dengue, 05. 11. 2014)

##### **Recorte 2**

O risco aumentou. A população precisa ficar alerta, principalmente neste período do ano, até fevereiro, quando chove muito – disse o ministro. O número de casos de dengue no Brasil cresceu 800% nos últimos dez anos, mas entre janeiro e 15 de novembro de 2014, o número de registros da doença caiu 61%, passando de 1,4 milhão de casos para 566,6 mil. (O Globo, Rio teve redução de 97% dos casos de dengue, 07.12. 2014).

##### **Recorte 3**

“Em apenas 15 minutos semanais, as famílias podem fazer a inspeção dentro de casa e destruir os focos dos mosquitos”, frisou. O secretário,



no entanto, ressaltou que o fato de uma determinada cidade estar em situação satisfatória no LIRAA não significa que esteja protegida. (Meio Norte, Vigilância não pode diminuir, 05.11. 2014)

#### **Recorte 4**

“Esse trabalho é de rotina da secretaria. Geralmente acontece quinzenal ou mensalmente. Mas o prefeito Paulo Martins e o secretário de Saúde, Marcelo Pereira, determinaram uma intensificação maior nesses dois últimos meses do ano por conta da chegada do período chuvoso que é quando acontece uma maior proliferação desses mosquitos”, disse chefe do setor de Endemias Raimundinho (O DIA, Combate - Prefeitura de União lança campanha contra a dengue, 17. 12. 2014)

Na construção deste giro, costuma ser privilegiado no jornal, no final do ano, quando iniciam a ação de planejamento de contenção e vigilância, por causa da aproximação das mudanças climáticas e de estações climatológicas para marcar o começo das atividades para prevenir potenciais ameaças.

### **3º Capítulo: Análise do Cruzamento ou intersecção das Fases do Ciclo Jornalístico sobre Dengue**

Como explicamos, anteriormente, no capítulo sobre a construção do conceito e características do Ciclo Jornalístico sobre dengue, os giros do ciclo funcionam tal qual um relógio, onde cada fase ordena e marca um movimento permanente do discurso sobre dengue. Deste modo, neste capítulo, propomos analisar os discursos sobre dengue, por meio de cinco categorias que mostram o espaço de circulação das informações nos discursos dos jornais: Folha de S. Paulo (FSP), O Globo (OG), O Dia do estado do Piauí (OD) e Meio Norte (MN). As invariantes foram selecionadas a partir das marcas, recortes, repetições e regularidades encontradas nas notícias publicadas nos quatro jornais durante o período de um ano, entre (01) janeiro a (31) de dezembro de 2014.

Neste ponto do trabalho aprofundaremos a noção de intersecção, no qual iniciamos as discussões na sessão que introduzimos a etapa de cruzamento dos níveis e séries produtivas de cenário: marcos do ciclo. Vamos pensar a intersecção, seguindo o mesmo sentido da matemática, em que, entre os giros do ciclo ocorrem um conjunto de elementos que pertencem, simultaneamente, aos níveis e as séries produtivas de cenário, ou seja, uma relação de pertencimento entre os elementos do nível e séries produtivas de cenário.

A interseção é “aquilo que faz com que um elemento que pertence ao mesmo tempo a cada um dos conjuntos, irrompa no espaço da repetição discursiva, voltando-se sobre si mesmo, para se deixar atravessar, torcer, destruir, retornar e determinar” (BARBAI, 2011, p. 26).

O ponto de interseção deste trabalho são os discursos sobre dengue materializado nos jornais. A complexidade da dengue se encobre, nos dias atuais, ordena que discutamos os discursos estabilizados da vigilância, comunicação em saúde, responsabilização, controle, prevenção produzida nos jornais, abrindo uma perspectiva para compreender o que a dengue, destacada como elemento de interseção, acende uma luz para iluminar sentidos outros.

Segundo Barbai (Idem, p. 26), a intersecção é de certo modo renunciar os espaços totalitários, abrigando-se, as lembranças e esquecimentos dos sentidos, em circulação. Isso só é capaz de acontecer, pois “o sentido é relação a, é a janela de que se olha” (BARBAI, idem, p. 26), podendo-se ver nos textos, destacada, a dengue, tanto nos discursos institucionalizados dos jornais quanto no espaço urbano, onde as pessoas se relacionam. Então, vamos às análises.

### 3.1.1. Análise do Primeiro Marco do Ciclo: Gerenciamento (janeiro a março)

Neste primeiro giro do ciclo, os jornais mostram uma rede de filiação sobre as questões de gerenciamento da dengue em sociedade para diminuir o risco e as notificações da doença. Por meio dos processos discursivos percebemos as condições de circulação da linguagem gestos de interpretação que interferem no real do sentido e na ordem da produção de sentidos sobre dengue (ORLANDI, 1996). Vejamos o recorte:

#### TEXTO 1

A pasta atribuiu **a redução à melhoria nos serviços de saúde e no monitoramento**. O governo também diz acreditar que os dois subtipos predominantes – dengue 1 e 4 – estão **perdendo força** no país. O secretário de vigilância em saúde do ministério, Jarbas Barbosa, **relativiza** a influência da **estiagem**. Já especialistas ouvidos pela Folha apontam a **falta de chuvas no verão como principal fator para a queda** (FOLHA DE S. PAULO, Número de casos de dengue caiu 80% neste ano, afirma governo, 19.03. 2014).

Partimos do pressuposto que a dengue já é dada como fato do mundo. Ela é uma coisa-a-saber. Observam-se, no recorte, várias evidências que reclamam sentido e demandam interpretação. Assim, iniciamos as reflexões sobre as condições de produção. Olhando para o recorte, temos um jogo interessante. Em relação aos fatores que influenciam a redução da proliferação do vetor da dengue, a materialidade apenas realizou o transporte da informação, sem a inscrição histórica, dos processos de significação que indicam os reais determinantes da redução. O interlocutor não foi muito além do que estavam nas entre linhas, ou seja, não se foi além dos fatos e das afirmações, acarretando, assim, a produção de deslocamentos.

A noção de condições de produção nos ajuda na análise deste fragmento, pois na produção de sentidos, existem condições que dão conta do contexto imediato sócio histórico e ideológico da enunciação. Houve aqui, um silenciamento das questões sócio históricas que indicam os “verdadeiros” determinantes que fizeram os índices diminuírem. Reproduziu-se, neste fragmento, a produção de um imaginário produzido pelas instituições, sobre o já-dito, sobre a memória das causas. Nota-se que a informação foi apenas transportada. No entanto, se mobilizarmos o conceito de transferência se produzirá efeitos de sentidos diferenciados, pois, por meio da transferência teremos o trabalho da memória local, do saber discursivo e a produção de deslizamentos historicizados que indicam a existência de uma multiplicidade de causas das que a voz oficial (pasta) destacou. Influências estas que contribuem tanto para o aumento quanto para a proliferação do vetor da doença.

Quando mobilizamos as condições sócio históricas dos determinantes que influenciam a densidade do mosquito *aedes aegypti*, notamos o apagamento do caráter transitório do inseto, embora tenham inserido que “especialistas ouvidos pela Folha apontam a falta de chuvas no verão como principal fator para a queda”, a atribuição da redução à melhoria nos serviços de saúde e no monitoramento, se sobressaiu. Pois, o interdiscurso ou histórico da constituição do sentido foi interferido pela ideologia. A articulação da textualidade da materialidade foi resultante do esquecimento número 1, onde somos afetados pelo esquecimento e a memória, dando uma ilusão de ser a origem do que dizemos. O esquecimento nesta sentença é estruturante, ou melhor, é componente da constituição dos sujeitos, para que a linguagem funcione nos sujeitos e na produção de significação. O recorte, nós faz acreditar que existe uma relação direta entre o pensamento, linguagem e o mundo. O que de fato não é verdade. Há no recorte uma ilusão ideológica articulada na materialidade, pois os criadouros do *aedes aegypti*, na verdade, são diretamente dependentes ou condicionados pelas chuvas.

A influência da estação do ano e das condições climáticas pode contribuir para um rápido desenvolvimento das fases e focos de reprodução dos mosquitos. Ao apagar a transitoriedade, o “autor” atribui sentido positivo às ações do Estado. Mas como sabemos que, a influência de fatores climáticos é fundamental para a densidade e a disponibilidade de criadouros, notamos aqui o funcionamento da ideologia, que sinaliza que a redução aconteceu, porque aconteceu a partir da melhoria dos serviços em saúde e pelo monitoramento, apagando, assim, a influência da estiagem na dispersão da espécie e criadouros do aedes.

A verdade é que, a seca interferiu no resultado das ações de controle da dengue, pois sem o período de chuvas, que provocam a grande disponibilidade de focos de reprodução em recipientes descartáveis pequenos e médios portes deixados a céu aberto (pneu, latas, garrafas, plásticos e etc.) e em lugares onde acontece uma grande concentração humana, as fêmeas do aedes tendem a se dispersar mais à procura de ambientes apropriados para reprodução.

Alguns conceitos da perspectiva da Análise do discurso, como interdiscurso, efeito de pré-construído, memória, paráfrase, metáfora e formação discursiva (PÊCHEUX, 2009; 2011; 2007) são articulados à textualidade analisada, por meio da observação de marcas linguísticas e funcionamento sintático e de enunciação como o apostrofo, advérbio, orações coordenadas, verbos e etc. Isso porque a Análise de Discurso não é surda ao funcionamento da língua. Ela toma o linguístico como algo aberto.

Diante desse fato discursivo, lembramo-nos do conceito de apostrofo exposto por Barbaei (2016) durante a apresentação da palestra “A palavra roubada é: saneamento básico” realizada na Jornada Endici, promovida pelo Labeurb/Unicamp, em outubro de 2016. O autor (idem)

define aposto como um “termo ou expressão que sintaticamente relacionado a outro termo em uma oração tem por função definir, enumerar, atribuir, ou explicar algo” (BARBAI, idem, p. 03), sendo que a função atributiva ou explicativa é subdividida em: causal, concessiva, temporal, condicional e comparativa.

O funcionamento de um aposto é caracterizado como um procedimento de reescrita, pelo qual no processo de produção de significação, a enunciação rediz o que foi dito por alguém. Esse movimento de interpretação desenvolvido no texto pode se dar através da repetição, substituição, expansão, condensação, elipse, para que o sentido atribuído ao uso do aposto seja ou de especificação, desenvolvimento, definição e sinonímia.

O aposto, em uma análise funcionalista, pragmática e de enunciação pode ser considerado elemento que diz respeito à situação, ao contexto de produção em dado texto. [...] o aposto não é um dado informacional. Ele é, no corpo da língua, um ato, um gesto de interpretação do sujeito na circulação de um dizer (BARBAI, 2016, p. 03)

Desta forma, no recorte selecionado, “Número de casos de dengue caiu 80% neste ano, afirma governo”, o uso do aposto no enunciado tem a função de explicar ou afirmar algo. O interlocutor está introduzindo uma informação sobre dengue por meio de um referente (governo) como forma de especificar no processo discursivo ou marcar uma fala oficial para que a afirmação de que os casos de dengue reduziram seja recebida de maneira legitimada, positiva e significativa na sociedade.

Além disso, verifica-se no trecho o funcionamento da *referenciação*, por meio do “... afirma governo”, termo acessório que contribui para que ocorra uma reformulação do discurso do Ministro, para que constitua efeitos correspondentes na sociedade. O aposto aqui ‘sinaliza’ um efeito de interação entre interlocutor (divulgador) e o sujeito social (governo que emite algo com cientificidade) e o discurso do cotidiano (sociedade) de modo a “introduzir” no título da notícia uma característica explicativa para significar a informação de modo a produzir diferentes efeitos de sentidos, para que ocorra uma transferência do que é dito. Há aqui a administração do sentido. Quem afirma que os casos de dengue estão caindo foi o governo. O político, as relações de força na linguagem, atuam aqui para mostrar que o governo trabalha, que ele controla a situação.

Na extensão do recorte selecionado, temos uma rede de filiação que desencadeia e reflete a realidade de que a dengue reduziu. Assim a voz do Estado é adotada como ferramenta de persuasão para descrever os dois eixos que interconectados contribuíram para a redução dos

casos, eixo de práticas de controle e conduta de monitoramento e o eixo fatores climáticos e biológicos.

A voz do Ministro referencia ou condiciona algumas práticas relacionadas ao gerenciamento da doença. Observamos o recorte *“A pasta atribuiu a redução à melhoria nos serviços de saúde e no monitoramento. O governo também diz acreditar que os dois subtipos predominantes – dengue 1 e 4 – estão perdendo força no país. O secretário de vigilância em saúde do ministério, Jarbas Barbosa, relativiza a influência da estiagem. Já especialistas ouvidos pela Folha apontam a falta de chuvas no verão como principal fator para a queda”*. Apontamos neste recorte o uso da metalinguagem, por meio da metáfora e incisa para sustentar sua “tese” de que as reduções dos casos caíram. Por meio da metáfora (pasta), um referente que funciona como um enunciado explicativo e também como substituta da palavra (ministério), pois a pasta refere-se a uma área temática do governo que é dirigida por um membro governamental designado de “ministro”. Com a finalidade de exprimir o que foi dito pelo ministro, optou-se por usar a metáfora para que o discurso ordinário seja construído de modo que o referente seja compreendido de acordo com nossa percepção.

O termo “pasta” teve como propósito tornar homogêneo um setor heterogêneo. Houve no recorte um deslocamento do sentido. Abriu-se, assim, um espaço para a interpretação. Pasta é sinônimo de ministério, departamento responsável por proporcionar condições para o acesso, assistência e recuperação da saúde da população, diminuindo as doenças, controlando as enfermidades endêmicas e parasitárias e aprimorando a vigilância à saúde, oferecendo, assim, mais qualidade de vida para as pessoas.

Há no recorte uma voz oficial que fala de forma indireta. Expõem-se pontos de vista do ministério em relação à redução da dengue, por meio das ações de gerenciamento de atividades de promoção, proteção, investimentos, vigilância e controle das doenças, negando a interferência de fatores externos ou naturais/biológicos como, os fatores climáticos, que são fundamentais para o desenvolvimento do *Aedes aegypti*, sendo a quantidade de chuvas um dos fatores que influenciam o surgimento de potenciais criadouros, como também os responsáveis pela redução das notificações. Há, assim, um silenciamento quanto às características biológicas do mosquito, sobretudo no que diz respeito à dinâmica de dependência dele a ambiente influenciados pela temperatura ou clima.

Para rebater as declarações ditas pela “pasta”, tem-se a seguinte formulação: *“especialistas ouvidos pela Folha”*. Este dizer aponta para o funcionamento que procura explicar que por causa de uma variação climática, período favorável à intensa proliferação do mosquito foi alterado por causa da mudança climática, ausência de chuvas, contribuindo para a

reduzida manifestação da doença no período que é perceptível o aumento dos casos. Ocorreu outra sedimentação dos processos de significação, produzindo uma legitimidade do sentido exposto no texto, onde a voz da ciência foi adotada como instrumento de certificação de que o fator natural ou biológico contribui para o combate da doença. Há aqui um jogo de poder, um mecanismo de controle dos sentidos, para que o que foi dito pelas “falas” não sejam vulneráveis a interpretações outras que não aquelas previstas e desejadas pelo autor.

Além disso, na sentença selecionada há uma tensão, um lugar de disputa dos sentidos falando numa cena pública. Uma tensão de natureza de neutralidade/objetividade (pasta/governo/especialistas); Sustentação (*O governo também diz acreditar que os dois subtipos predominantes – dengue 1 e 4 – estão perdendo força no país*), por meio da incisa “*– dengue 1 e 4 –*”, elementos adicionais de esclarecimento, colabora para que o que é dito no texto seja compreendido e produza gestos de interpretação referentes ao que a voz enuncia; e Confronto (*O secretário de vigilância em saúde do ministério, Jarbas Barbosa, relativiza a influência da estiagem/ Já especialistas ouvidos pela Folha apontam a falta de chuvas no verão como principal fator para a queda*).

## TEXTO 2:

O problema **é a quantidade de lotes abandonados**. São três só aqui na rua, além da área de servidão, ligação das avenidas Genaro de Carvalho e Américas, e **onde a prefeitura só faz a capina duas vezes no ano**. O poder público tinha que realizar **a pulverização e a capina**. **Maria Helena Xavier é zeladora** de um dos condomínios que recebem o **fumacê**, três vezes por semana. Ela teve dengue hemorrágica no ano passado e, a partir disso, mudou seus hábitos: - a gente tem cuidado de não molhar muito as plantas, checar os ralos, usar repelente e calça comprida, mas se o vizinho não cuida do mesmo jeito, não adianta nada (O GLOBO, **Zelo em casa, risco no vizinho**, 16.01. 2014).

Neste recorte, se inicialmente nos detivermos ao título da notícia, podemos ver o modo como a questão da responsabilização é descrita: “*Zelo em casa, risco no vizinho*”. Observamos aqui o funcionamento da governabilidade na forma como o sujeito se comporta sob o efeito de uma conduta numa sociedade de controle. Logo no título, se tem a marca de uma denúncia: eu cuido “corretamente” do quintal, mas seu vizinho não. A discussão sobre a responsabilidade pelo controle do vetor é um debate longo e histórico, movido pela historicidade e ideologia, pois na perspectiva da análise do discurso, leva-se em consideração o homem na sua história, ou dizendo de outra forma, “considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em

que se produz o dizer” (Orlandi, 2007, p. 16). Dessa maneira, a culpabilização do outro é posta em ação, mostrando a questão da conduta das pessoas numa sociedade de controle, onde é possível identificar a posição de cada um no espaço social, seja de modo lícito ou ilícito. E não é, ainda, uma culpabilização qualquer, é uma culpa familiar. O que faz da dengue uma doença doméstica. Assim, para iniciamos a análise deste recorte, nota-se aqui o funcionamento do discurso sobre dengue que indica a responsabilidade de cada indivíduo na manutenção de suas residências, seu espaço privado sem focos de criadouros para a reprodução de aedes.

É possível observar no trecho a seguir, que ciclo de reprodução do *aedes aegypti* e de transmissão da dengue está associada ao ambiente urbano. “O problema é a quantidade de lotes abandonados. São três só aqui na rua, além da área de servidão, ligação das avenidas Genaro de Carvalho e Américas, e onde a prefeitura só faz a capina duas vezes no ano. O poder público tinha que realizar a pulverização e a capina”. Além disso, existe nesta formulação, uma narratividade que promove a filiação que compõe a região que está sendo narrada, dando um efeito de imaginar ou assistir a cena descrita no texto. Um dos principais aspectos que contribuem para a complexidade das causas da dengue é a capacidade do mosquito se deslocar e cruzar barreiras entre os ambientes público e privado, característica que o trecho selecionado nos indicou, onde introduziu os dois tipos de ambientes e também nos mostrou dos tipos de conduta. A primeira “O problema é a quantidade de lotes abandonados. São três só aqui na rua”. O autor atribui o problema ao morador que deixa o terreno abandonado, há indicação do modo como lotes abandonados são qualificados: São três só aqui na rua. A locução adverbial de lugar e o adverbio que é instável que funciona como um modificador de um verbo e formula um efeito de limitação, atualizado, pela memória discursiva, mostrando que o número é constitutivo do sentido. O outro tipo “além da área de servidão, ligação das avenidas Genaro de Carvalho e Américas, e onde a prefeitura só faz a capina duas vezes no ano. O poder público tinha que realizar a pulverização e a capina”. A atribuição da responsabilidade pelo controle, ao poder público. Aqui, notamos também o funcionamento da locução denotativa para destacar a quantidade e da locução adverbial de tempo: a prefeitura só faz a capina duas vezes no ano. O autor denuncia que a rotina de vigilância do vetor realizada pelo poder público e as ações planejadas de prevenção: pulverização e capina são limitadas ou resumidas.

Além disso, há uma dicotomia entre a utilidade e a dificuldade de gerenciar ações preventivas a ambientes que são potenciais para a proliferação do vetor. O jornal ao falar em cuidado, prevenção, direciona o discurso que indica que é menos dificultoso utilizar estratégias para controlar mosquito envolvendo da população em ações que recomendam o desenvolvimento de atividades no ambiente doméstico, focando na remoção mecânica de



criadouros. Nota-se uma divisão na prescrição de condutas de combate à dengue tanto a ambiente doméstico quanto para a rua, local de responsabilidade do Estado.

O jornal relaciona as causas da doença à condição urbana. Enumeram-se os fatores que contribuem/sustentam a proliferação do mosquito: a quantidade de lotes abandonados, área de servidão, a prefeitura só faz a capina duas vezes no ano, demonstrando irritação ou desgosto com o descaso do governo para com a região. Logo após, busca condições para lidar os riscos de proliferação do mosquito: “O poder público tinha que realizar a pulverização e a capina”. É possível identificar que os sujeitos sociais (moradores) têm uma compreensão da dinâmica das práticas e das medidas de intervenção em saúde e apela aos órgãos públicos mais responsabilidade, com a realização de duas medidas públicas de controle: pulverização e capina.

Vale ainda ressaltar, neste recorte, a sinalização para a questão da segurança significando a relação do Estado com a sociedade. Nota-se uma noção de falsa segurança. O Estado, como diz Orlandi (2010, p. 18) “falha e significa porque falha”. Ora, o poder público é responsável por administrar o espaço-geográfico-social, elemento fundamental propício à proliferação do aedes, se a forma de organização desse espaço e as condições de vida da população são falhas é claro que se criam condições favoráveis para a proliferação do aedes e contribuem para interação dos elementos da cadeia biológica e epidemiológica da dengue.

Desta forma, o morador do condomínio, está se isentando da culpa de “produzir” criadouros do mosquito e se posicionando como desassistidos pelas ações subsidiadas pelo governo, colocando-os como agentes protagonistas da proliferação do mosquito e da doença.

Ainda analisando o recorte: “Maria Helena Xavier é zeladora de um dos condomínios que recebem o fumacê, três vezes por semana”. Percebe-se o funcionamento de um aposto que especifica e acrescenta a quantidade de atuação da ação utilizada pelas agências sanitárias como uma medida pública de controle e prevenção da dengue, por meio da produção de fumaça ou dedetização dos domicílios. Legitima por meio da fala de Maria Helena a atuação do estado no local onde ela trabalha. Embora tenha determinantes que reforce o crescimento da proliferação da doença em locais próximo ao condomínio, o funcionamento aposto indica a irregularidade da temporalidade da atividade de combate ao vetor feito pelo Estado.

O recorte “Maria Helena Xavier é zeladora de um dos condomínios que recebem o fumacê, três vezes por semana” é essencial para notarmos o fumacê acontece com maior eficácia nos condomínios, pois comparados com as favelas que são especificamente estruturadas em becos e vielas, com apenas uma rua principal, onde passam os carros a eficácia do fumacê espalhar inseticidas pelas comuns é mais difícil. Esta sentença mostra que fumacê acontece em áreas organizadas e bem estruturadas e ineficientes em áreas vulneráveis, onde

veículos não conseguem atingir certos locais, como becos em favelas, áreas íngremes, terrenos baldios, beira de canais e ferros-velhos, entre outros.

Além disso, aponta-se os benefícios do fumacê, como opção para o controle do vetor. Sabe-se que, atualmente, a resistência a inseticidas é um dos principais problemas ao controle de insetos. “*Maria Helena Xavier é zeladora de um dos condomínios que recebem o fumacê, três vezes por semana*”. Encontramos nesta sentença o funcionamento do pré-construído: “fumacê”, onde encontramos nesta palavra o “sempre-já-aí” (Pêcheux, 1988, p. 164) que na interpretação ideológica da palavra fumacê é fornecida e imposta uma realidade e um sentido sob a forma da universalidade do combate ao inseto. Nota-se uma confusão entre o controle de vetores e controle químico de vetores. Novamente, notamos o funcionamento ineficaz da governabilidade, que atribuída na confusão entre controle do vetor e controle químico de adultos baseada no efeito positivo, ou quase, do fumacê relacionado à qual finalidade das ações para prevenção da dengue: ou eliminar toda a população do vetor ou apenas da parcela da população de insetos (controle químico). Observamos o funcionamento de uma confiança equivocada quando se refere ao controle químico como uma ação importante para o controle vetorial que causa a doença. Além disso, no trecho selecionado, nota-se um discurso que privilegia a utilização do fumacê como atividade de controle, pois quando fazemos a leitura do recorte, percebemos que o “autor” elencou vários fatores que incitam controle mecânico: *lotes abandonados; capina duas vezes no ano; a pulverização e a capina*. Termos que podem se relacionar a adoção de práticas capazes de impedir a procriação do aedes, tendo como ações: a proteção, a destruição ou a destinação adequada de criadouro. No entanto, o que se sobressai é o controle químico “*condomínios que recebem o fumacê, três vezes por semana*”. O funcionamento de um aposto que especifica e acrescenta a quantidade de atuação da operacionalização e da utilização de equipamentos realizadas pelas agências sanitárias como uma medida pública de controle e prevenção da dengue, por meio da produção de fumaça ou dedetização dos domicílios. Legítima por meio da fala de Maria Helena a atuação do estado no local onde ela trabalha. Quer dizer, independentemente do discurso explícito sobre a importância do controle mecânico, há um discurso que privilegia de maneira implícita o controle químico.

Além destes equívocos encontrados na materialidade do texto, observamos o silenciamento, aproveitando a ilusão de segurança que as pessoas sentem quando notam o fumacê, que dá uma percepção de segurança com a presença de inseticida, o “autor”, aproveita para apagar as desvantagens do uso do controle químico, ou seja, não menciona a rápida e crescente propagação da resistência dos vetores aos inseticidas, larvicida e adulticidas devido

ao uso habitual e aplicações contínuas, silencia o fato de que este controle só é adequado em situações especiais: como bloqueio de focos de transmissão ou de epidemias, promove um relaxamento das atividades de controle mecânico de eliminação de criadouros potenciais.

Neste enunciado é interessante o nome da atribuído a Maria Helena Xavier: *“Maria Helena Xavier é zeladora de um dos condomínios que recebem o fumacê, três vezes por semana”*. Observamos o funcionamento polissêmico da palavra-discurso “Zeladora”. O termo usado possui mais de um sentido. Nomeia tanto o cargo de Maria Helena como atribui qualidade a ela. O interlocutor posiciona Maria Helena como ocupante da função de zeladora do condomínio e também indica que é zeladora, pois ela se cuida, se protege, é vigilante e sabe administrar o ambiente em que trabalha e vive cuidado da limpeza da casa e dos objetos; higiene pessoal; uso de roupas para ajudar na proteção.

Por meio do discurso direto e uso do travessão, “autor” enfatiza a ação regular da zeladora que se diz responsável por uma boa administração do espaço doméstico e também marca que os gerenciamentos das atividades de combate não são eficazes efetivos e eficientes, pois o outro (vizinho) não realiza a mesma tarefa *“Ela teve dengue hemorrágica no ano passado e, a partir disso, mudou seus hábitos: - a gente tem cuidado de não molhar muito as plantas, checar os ralos, usar repelente e calça comprida, mas se o vizinho não cuida do mesmo jeito, não adianta nada”*. Nesta formação discursiva, segundo Pêcheux (1998, p.160) marca-se uma posição numa formação ideológica. Como estamos vivendo numa sociedade do controle, observamos o funcionamento ineficiente da governabilidade descrita na participação social de *Maria Helena Xavier* no controle da dengue. Existe uma posição ideológica colocada em jogo neste processo onde a formação discursiva foi produzida, não é um bloco homogêneo funcionando perfeitamente, têm uma contradição construída ali que configura e reconfigura continuamente as relações.

A questão central que marca a posição ideológica é relacionada ao comportamento e participação social e comunitária no controle da dengue. Nota-se aqui, que o autor marca pela inserção de Maria Helena uma indicação de que elas conhecem sobre a transmissão da enfermidade, do que elas fazem para controlar a dengue, que compreendem a expansão da doença ocorre em nível domiciliar, por meio de recipientes de água utilizados pelos moradores na rotina doméstica e analisa que outras pessoas têm comportamentos que favorecem descuidadamente a transmissão do vírus nas residências.

No entanto, a maneira como comportamento e participação social e comunitária são falhos. Dando uma sensação de falsa segurança, falso controle. Porque essa sensação é notada? Pois o comportamento das pessoas no combate a proliferação da dengue são guiadas por

programas de prevenção e controle que adotam abordam modelos educativos voltados para o princípio de que o conhecimento leva à mudança da conduta.

Este tipo de estratégia que correlaciona conhecimento e mudança no comportamento já foi mostrado que é ineficaz em outros programas de saúde pública de prevenção de doenças, pois é falho e fraco. Embora, Maria Helena tenha mudado seus hábitos, fazendo o que seria melhor para ela, permanecendo informada não necessariamente, ela seja uma pessoa responsável, pois não é apenas mudar a rotina ou conscientizar-se para mudar os índices de infestação do mosquito *aedes aegypti*.

É necessário fazer intervenções mais profundas com desenvolvimento, adaptação e aplicação das medidas de prevenção e ao controle nos atos individuais para que a função da medida preventiva e de controle tenha efeito. Não é apenas dizer que ter “*cuidado de não molhar muito as plantas, checar os ralos*” ou dizer que é preciso usar uma proteção nas portas e janelas para impedir a postura. Deve haver novas possibilidades no discurso, por exemplo, descrevendo como a dona Maria Helena faz para impedir o acúmulo de água ou como é que o vizinho faz para colocar a tela, como e onde ele obtém, como ele maneja e ajusta ao objeto. Tais atos podem construir novas maneiras de comportamento.

Não é apenas aplicar uma transferência de responsabilidade para o outro na execução de uma tarefa de combate, mas sim mudar os modos de dizer sobre as aplicações dos cuidados nos espaços públicos e privados, para combater presença dos mosquitos.

### TEXTO 3

Com a chegada da temporada de chuvas é importante estarmos atentos ao acúmulo de água que pode haver em pneus, latas e outros depósitos”, aconselha Oriana. “Até tampas de garrafa podem ser potenciais criadouros”, acrescenta. Por isso, é importante manter vedados depósitos plásticos, pneus e reservatórios em nível de solo como manilhas e tambores; consertar calhas e marquises; fechar caixas d’água; evitar o acúmulo de água em vasos de planta; manter a água da piscina tratada; e vedar vasos e ralos que não sejam utilizados diariamente (MEIO NORTE, Dengue - Levantamento direciona ações de combate, 16.01. 2014).

No título “*Dengue - Levantamento direciona ações de combate*”, nota-se, o funcionamento do apostro, que define no fio do dizer que o conjunto de ações que caracterizam o combate à doença será feito baseado num levantamento. O apostro caracteriza o direcionamento das estratégias de prevenção da dengue. Também sinaliza um acréscimo, como gesto universal da lei em tentar domesticar o sentido sobre o combate.

“Com a chegada da temporada de chuvas é importante estarmos atentos ao acúmulo de água que pode haver em pneus, latas e outros depósitos, aconselha Oriana. Até tampas de garrafa podem ser potenciais criadouros, acrescenta. Por isso, é importante manter vedados depósitos plásticos, pneus e reservatórios em nível de solo como manilhas e tambores; consertar calhas e marquises; fechar caixas d’água; evitar o acúmulo de água em vasos de planta; manter a água da piscina tratada; e vedar vasos e ralos que não sejam utilizados diariamente”. No Brasil, verifica-se que, entre os meses novembro e abril, são caracterizados como período mais chuvoso, embora a temperatura permaneça quente em algumas regiões. Da mesma forma, há um aumento de água e, conseqüentemente, a densidade de mosquitos, caracterizando tanto pelos órgãos públicos como pela população, o período que tem mais proliferação do mosquito *aedes aegypti*. Observamos um aposto de define o início das chuvas na região, sendo possível fazer uma correlação entre fatores determinantes e casos de dengue em Teresina. Isto reafirma que as percepções dos órgãos da saúde não estão distantes do que é identificado e comprovado pelas pesquisas.

Quanto à questão do gerenciamento das ações de combate, observa-se, mais uma as atribuições de cada um relacionadas ao conhecimento. Ao usa o verbo: direciona o “autor” quer centralizar a atenção de combate para algo ou alguém. Logo no início do recorte o “autor”, por meio da voz direta, canaliza sua atenção para o combate mecânico do vetor. “Importante estarmos atentos ao acúmulo de água que pode haver em pneus, latas e outros depósitos, aconselha Oriana. Até tampas de garrafa podem ser potenciais criadouros, acrescenta”. Nos discursos diretos, a vírgula marca o funcionamento do aposto de duas maneiras: enumerar o conjunto de fatores que devemos estar atentos e para acrescentar uma informação ao que foi dito no início da expressão. Ao aconselhar e acrescentar informações o autor usa a “personagem” para falar sobre o combate da dengue utilizando uma impressão da realidade, usando uma ilusão referencial da voz oficial, que elenca inúmeras influências para fazer o leitor acreditar que há uma direção direta entre o pensamento, linguagem, o mundo. Coloca-se me funcionamento o esquecimento número 2, pois a “personagem” indicou saber sobre a causa da dengue, por meio do aposto, enumerativo e de acréscimo, realizando um gesto que tenta domesticar o sentido prevenção e combate: uma correlação ao conhecimento. Ou seja, ela sabe sobre, mas não diz o que pode fazer o que é melhor.

Notamos no recorte que existe um atravessamento do outro no discurso, que indica a falta, o equívoco, a contradição como construtora do discurso e do sujeito usado no discurso direto. Oriana ao aconselhar e acrescentar não tem a capacidade de controle dos efeitos de sentidos do dizer que ela emitiu. Na concepção dela, ao estimular a atenção das pessoas aos fatores e aconselhar sobre os cuidados com os recipientes, ela pode achar que estivesse

encontrando uma solução para a redução ou eliminação de potenciais criadouros do mosquito *aedes aegypti*, apenas com a influência do conhecimento sobre a doença ou sua transmissão.

Diante desta análise, podemos perceber os programas de prevenção e combate realizados nos municípios de Teresina ainda carecem de uma relação mais sistemática para a mudança de comportamento para a solução do problema. Expor os principais fatores e saber quais são contribui para a falha de políticas públicas adequadas para o combate, uma vez que as medidas são relacionadas ainda à mudança no conhecimento, que conseqüentemente não resulta em ações efetivas de controle. Na fala da secretaria há uma fala vazia, uma educação de cartilha, um discurso autoritário que diz e repete uma mera e casual ligação a indicações de conhecimento.

Outro fator interessante é que a fala da Oriana aponta para um discurso diretamente ligado à eliminação dos locais que favoreciam a reprodução das larvas e pupas de *aedes*. Os locais eram identificados e relacionados à falta de saneamento básico - abastecimento de água: e reservatórios em nível de solo como manilhas e tambores; coleta de lixo: manter vedados depósitos plásticos, pneus; elementos diretamente relacionados aos ambientes urbanos.

#### TEXTO 4

Mas enquanto a imunização não fica pronta, o combate ao mosquito *Aedes Aegypti* deve continuar partindo de dentro das residências, principalmente, neste período de chuvas, que é a época em que os casos da doença começam a aparecer. Segundo indica o Ministério da Saúde, é importante que a população verifique o adequado armazenamento de água, o acondicionamento do lixo e a eliminação de todos os recipientes sem uso que possam acumular água e virar criadouros do mosquito. Além disso, é essencial cobrar o mesmo cuidado do gestor local com os ambientes públicos, como o recolhimento regular de lixo nas vias, a limpeza de terrenos baldios, praças, cemitérios e borracharias (ODIA, Prevenção - Pesquisas para criação de vacina contra a dengue avança no Brasil, 14.01. 2014)

Nota-se que o recorte selecionado se inicia com uma oração coordenada adversativa: Mas, termo que inicialmente estabelece oposição à ausência de vacina contra o vírus e/ou de tratamento específico para as pessoas infectadas pelo vírus. Para logo em seguida desenvolver uma abordagem ligada à experiência, opinião, ou seja, mais ligada ao conhecimento, motivação, entusiasmo do que em evidência científica. Estabelece neste caso uma ideia de contraste que não é vista apenas nos jornais, mas também, em programas de controle do vetor, promovendo uma prática de participação pouco ordenada.

Nota-se, ainda, que há discursos voltados para as relações de comportamento, pois o indivíduo identifica a chuva como um fator determinante, conhece que a origem e reprodução

do vetor por vir do mal-uso de recipiente e dá má organização, mas não tem um propósito para agir preventivamente.

O foco do recorte está enquadrado diretamente na relação do comportamento das pessoas e ambiente em que vive como forma de desenvolver e aplicar, mas só que ele apaga que esse combate é ineficiente, pois não relaciona comportamento e conhecimento prejudicando o controle da doença. No recorte, nota-se um discurso que apenas duplica os focos; que trata apenas em cobrar intervenções do poder público por meio de moradores e comunidades, como importante objeto de vigilância; colocar ou não em prática, a extensão em que o conhecimento para reduzir efetivamente os criadouros, mas sim, empregar métodos de controles votados para a participação da comunidade nas iniciativas que visam a essa redução, deixando assim de buscar um entre os eixos principais que podem contribuir efetivamente o controle, são eles: conhecimento e comportamento.

Temos uma voz autorizada do ministério indicando que é melhor fazer a destinação correta do lixo, que é preciso deixar as residências limpas porque o ciclo do mosquito não para, deixando mais uma vez em silêncio um passo de extrema importância para o controle da doença que é “*a imunização não fica pronta*”.

O que se sabe é que ainda não existe vacina disponível, tampouco há medicamentos específicos para o controle do mosquito vetor. Várias vacinas estão sendo elaboradas, mas ainda não existe nenhuma eficaz e comercialmente disponível.

O que se discute atualmente não é qual a viabilidade de se desenvolver a vacina, mas sim como fazer o melhor uso dela, pois sabemos que há uma alta demanda, em condições econômicas de baixa disponibilidade e de custos ainda indefinidos, pois se der certo a vacina contra a dengue, ela custará tão caro que boa parte da população continuará sem usufruir de seus benefícios.

Na produção da vacina, um problema que circula é o da segurança, por causa da complexidade das infecções provocadas pelos quatro sorotipos da dengue permanece ainda uma grande incerteza em meio aos mecanismos de contenção da doença. Não é só monitorar o ambiente doméstico, as autoridades tem que intensificar e investir em projetos de pesquisas direcionados para o aprimoramento das medidas de controle e de inovações clínicas dedicadas a dengue, além de acompanhar os avanços científicos relacionados às estratégias de controle, para assim optarem por gerenciamentos mais ágeis e eficazes, que não englobem apenas informação, educação e comunicação de cartilha.

### 3.1.2. Análise do Segundo Marco do Ciclo: Surto (Abril a julho)

Nesta fase do ciclo, analisaremos a circulação e os movimentos de repetição e reprodução da quantificação dos casos da dengue nos jornais. Para esta fase vamos inicialmente articular os números à memória metálica. Orlandi (2010, p. 9) explica que a memória metálica é produzida horizontalmente e:

é a produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem. A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador, etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma, como realmente é, em sua estrutura e funcionamento. Este é um efeito – uma simulação – produzido pela memória metálica, memória técnica. Quantidade e não historicidade. Produtividade na repetição, variedade sem ruptura. E o mito, justamente, desta forma de memória é o “quanto mais, melhor”. (ORLANDI, 2010, p. 9).

Podemos encontrar uma quantidade expressiva de informações oriundas de centenas, milhares ou milhões de pessoas em uma notícia que movimenta grandes volumes de dados sobre dengue por meio da repetição promovendo homogeneização dos efeitos de memória, ou seja, ao invés produzir discursos atrelados às condições de produção, conceito que proporciona disputas de interpretações em informações encontradas no processo de manejo clínico dos doentes e nas redes de laboratórios para o diagnóstico da infecção e outras ações de vigilância, afim de com falhas e equívocos, as notícias apenas quantificam acumulando um somatório de resultados sem emitir falhas, equívocos, silenciamento e etc., como observa-se nos textos: *Dengue cresce 42% na cidade em 2014; Uma das fichas cadastrais tem mais de 60 itens; Curitiba e Porto Alegre é quase zero; Naquele ano, foram registrados mil casos. Em Teresina, por exemplo, no mesmo ano, eram mais de 700 casos identificados numa única semana. Em 2014, esta média não ultrapassa os 40 casos. Segundo a FMS, dos 505 casos noticiados, 481 foram confirmados até a última semana de abril.* Nota-se que o dizer sobre o aumento da dengue e sobre a falta de registros dos índices e da letalidade da doença se constituíram nas enunciações por meio da memória metálica que inseriu nos textos quantificações para construir o retorno do já-dito numa formulação na forma de atualização de dados e incidência.

Observa-se nestes recortes, como a quantidade produz o esvaziamento do dizer, pois como explica Pêcheux (1981), os sentidos são da ordem da circulação, quanto mais os índices



da dengue se formulam na quantidade replicável dos dizeres (a reiteração do mesmo produzindo a ilusão do diferente), mais vazios serão os discursos produzidos por eles. Deste modo, nos processos discursivos destes recortes selecionados, nota-se o funcionamento da produtividade que formulam os números, fornecendo a variedade do mesmo, só que, em série. Neste processo, os dados numéricos apenas circulam no seu próprio eixo de circulação, sem explorar a multiplicidade de causas e nem suas múltiplas formas de se apresentar.

Caso estivesse na instância da constituição dos sentidos e inseridos nas condições de produção de significação, os sentidos destes números seriam outros, pois seriam fixados numa rede de constituição histórica resultante de disputas de interpretações filiado aos sujeitos e a formulações do interdiscurso num intradiscurso realizando um ponto de encontro entre o presente e o passado, para que os números façam, desloque e negocie sentidos e não o contrário, da memória metálica, que apenas retorna em série, produzindo falas vazias.

Nota-se que os acontecimentos presentificados na materialidade discursiva das notícias a seguir, nos apontam para esta outra relação, em que a quantidade é inserida na instância da memória discursiva.

Para analisar os recortes é necessário considera-los em condições de produção para que possamos estabelecer as relações que estão nos discursos. Para assim compreendermos o domínio de pensamento e o assujeitamento presentes nas quantidades descritas nas notícias, colaborando para a manutenção do assujeitamento do sujeito a uma memória a-histórica.

## TEXTO 1

Israel Barbosa, 6, que morava na favela do Jaguaré, zona oeste (região com alta incidência da doença), morreu no dia 2 de abril, após ser diagnosticado com dengue hemorrágica. O caso está sob apuração técnica da vigilância sanitária (FOLHA DE S. PAULO, Dengue cresce 42% na cidade em 2014, 11.04. 2014)

Percebe-se que a construção do sentido: “Israel Barbosa, 6, que morava na favela do Jaguaré, zona oeste (região com alta incidência da doença), morreu no dia 2 de abril, após ser diagnosticado com dengue hemorrágica.”, correlaciona a morte à pobreza e a vulnerabilidade de habitar em áreas suburbanas, no qual ocorre oferta precária do serviço à população, como: saneamento básico, fornecimento de água e coleta regular de lixo, elementos favoráveis à proliferação do mosquito. Promove-se aqui a ilusão de que o sujeito escolhe quantificações e

palavras para expressar seus pensamentos às palavras, esses processos de seleção de palavras influenciam em nosso dizer, que nem sempre nos damos conta. Esse esquecimento afirma que o número significa é capaz de produzir literalidade de sentidos aos enunciados e controlar os sentidos. Silencia que a causa da morte está relacionada à desorganização e desestruturação do ambiente urbano que carece de saneamento, desenvolvimento nas comunidades, educação e saúde, ou seja, o enunciado diz de um jeito para produzir certos sentidos.

Este recorte mostra a cena em que a morte acontece. A Dengue é coisa da favela, onde ações contra ela não são eficientes. Reafirma-se aqui, mais uma vez, a dengue como doença de pobre e de favelado. É uma questão capitalista. Se é de pobre, que morra. É só mais um número.

## TEXTO 2

O problema é que há excessiva burocracia e, em alguns casos, faltam sintomas específicos para confirmar a doença e os exames comprobatórios não são realizados. “No atendimento público, são tantos casos de suspeita que os médicos não têm tempo para registrar todos. É preciso multiplicar por dez” diz. Um dos entraves para os registros é a burocracia, dizem os médicos. Uma das fichas cadastrais tem mais de 60 itens. “Não há tempo para o médico fazer o atendimento e preenchê-la, com fila de espera de pacientes”, diz o infectologista Filipe Prohaska (FOLHA DE S. PAULO, Falta de registro dificulta combate à dengue, 29.06.2014)

Novamente nota-se, o jogo de interpretação ligado ao número, os recortes a seguir nos mostram, por meio do conceito de número, que os dados dos registrados mudam de sentidos conforme as posições que são sustentadas pelo autor da notícia. Veja: *“No atendimento público, são tantos casos de suspeita que os médicos não têm tempo para registrar todos. É preciso multiplicar por dez” diz. // Um dos entraves para os registros é a burocracia, dizem os médicos. Uma das fichas cadastrais tem mais de 60 itens. “Não há tempo para o médico fazer o atendimento e preenchê-la, com fila de espera de pacientes”.* Nota-se que os números denunciam a ausência, desatualização de dados, informações, a desorganização dos sistemas de vigilância da doença.

*“É preciso multiplicar por dez” diz; “Uma das fichas cadastrais tem mais de 60 itens”;* A questão do controle de estatísticas, vigilância e investigação de surtos são consideradas a raiz do problema dos Programas de Combate e Prevenção da Dengue, pois devido a grande dimensão das incidências e óbitos decorrente do vírus dengue que acarretam sobrecarga nas redes de atenção à saúde, superlotando hospitais provocam limitações e deficiências nas coletas de informações sobre sorotipos circulantes do vírus; sobre diferentes tipos de sinais e sintomas clínicos; limitam as classificações do doente em um dos quatro sorotipos; a curva epidêmica para caracterizar como crescente, estável ou decrescente os momentos de surto; impossibilitam identificar áreas de maior ocorrência de casos e detectar grupos mais infectados.

### TEXTO 3

Tabela da copa. O trabalho mostra que o risco de dengue nas sedes de Curitiba e Porto Alegre é quase zero. Há ainda baixíssimo risco de dengue em Brasília, Cuiabá e São Paulo. Em Manaus, Salvador, Rio e Belo Horizonte, o risco é considerado médio. O perigo maior mora em Fortaleza, Natal e Recife (O GLOBO, Tabela da copa, 18.05. 2014)

Ao eleger o enunciado “Tabela da copa” como introdutório do texto, o locutor, por meio da memória e da metáfora, presentifica para o seu leitor o contexto onde a dengue se insere. Para criar um efeito de sentido, o autor do texto faz então uma relação de semelhança entre os índices epidemiológicos da dengue com sistema de classificação de times de futebol dos clubes brasileiros, por meio do enunciado metafórico, “Tabela da Copa”, o que reforça a função convincente do discurso midiático.

“O trabalho mostra que **o risco de dengue nas sedes de Curitiba e Porto Alegre é quase zero.** Há ainda **baixíssimo risco de dengue em Brasília, Cuiabá e São Paulo.** Em Manaus, Salvador, Rio e Belo Horizonte, **o risco é considerado médio.** O **perigo maior mora em Fortaleza, Natal e Recife**”. Percebe-se que o autor recupera o sentido por meio das sequências discursivas, em que transformam os números de incidências de casos em ranking de pontos, que simplesmente identificam e somam as áreas de maior e menor possibilidade de ocorrência de casos. No entanto, este ranking marca um problema grave que é não ter uma dimensão da variedade dos vírus, a proporção “correta das incidências” e dimensionar os fatores que colaboram para que os números variem ao longo do tempo ou ao longo da copa, uma vez que, o espaço-geográfico-social é um elemento importantíssimo para compreender a ocorrência e distribuição e a origem para entender a dengue, pois dependendo da forma de organizações dos estados brasileiros somados com o estilo de vida das pessoas e os fatores biológicos podem resultar em influências positivas ou negativas para a proliferação do *aedes aegypti*.

### TEXTO 4

Mas ainda há alerta sobre a dengue, de acordo com Inácio Lima, coordenador da vigilância de saúde ambiental da SESAPI, nunca é demais alertar sobre a doença, ainda mais em períodos chuvosos. “Mais de 70% dos casos de foco de dengue são em residências, é importante o alerta para que não haja água parada jamais”, afirma Lima (MEIO NORTE, Febre Chikungunya - Ministério da Saúde alerta sobre entrada de novo vírus no Brasil, 23.04. 2014).

O jornal tira proveito da quantidade de registros dos criadouros de *aedes aegypti* para denotar uma sensação de alarme a fim de correlacionar a dengue à conduta do indivíduo no espaço domiciliar. “Mais de 70% dos casos de foco de dengue são em residências”. Além de equivocar-se em usar dengue como sinônimo de *aedes aegypti*, o autor desenvolve um gesto de interpretação em que o agente público ou gestor transfere as responsabilidades que é do poder público para o cidadão, dando a entender que o morador é culpado pelo descontrole das infecções, silenciando assim as fragilidades das ações assistencialistas planejadas para a prevenção da doença que são responsáveis pela manutenção constante dos ambientes públicos e privados.

Na formulação a seguir, nota-se uma que a constituição de sentidos dos números de casos de dengue é determinada pela historicidade, que mostra a incidência da dengue como algo naturalizado. Vejamos:

## TEXTO 5

De acordo com a Sesapi, o ano de 2012 é tido como o mais crítico para o Piauí no que se refere ao número de casos da doença. Naquele ano, foram registrados mil casos. Em Teresina, por exemplo, no mesmo ano, eram mais de 700 casos identificados numa única semana. Em 2014, esta média não ultrapassa os 40 casos. Segundo a FMS, dos 505 casos noticiados, 481 foram confirmados até a última semana de abril (O DIA, *Tendência - Maio e junho devem registrar maior número de casos de dengue*, 30.04. 2014).

Por meio do aposto, o jornal tenta mostrar que há uma relação histórica que relaciona os dados com outros dizeres. “*Tendência - Maio e junho devem registrar maior número de casos*”. Os números são indicadores de eficiência do mosquito *aedes aegypti* no estado, que pode auxiliar na priorização de resolução de problemas e caracterizar a gravidade do problema, a da urgência de resolução dele e apontar os determinantes que agem para o aumento de doentes e óbitos.

### 3.1.3. Análise do Terceiro Marco do Ciclo: Manutenção (agosto a outubro)

Este giro faz uma referência tanto a situações: de cidade, da pesquisa científica, de políticas públicas, rede de saúde e etc. Vejamos:

#### TEXTO 1:

Verificamos uma presença e persistência muito grande do vetor em todo o ambiente urbano. Apesar de não termos tido epidemia neste ano, não podemos

abaixar a guarda, disse Miranda (FOLHA DE S. PAULO, Focos de dengue deixam Ribeirão em alerta, 26.08.2014)

Por meio do aposto, *“disse Miranda”*, o “autor” usou o discurso direto para esclarecer que as condutas para o ambiente urbano situada no âmbito da cidadania têm relações diretas com concentração do vetor nos espaços urbanos. Nota-se um silenciamento a respeito dos fatores relacionados à saúde.

Nota-se o domínio do pensamento em culpar a vítima pela presença e persistência do *aedes aegypti*. Existe no caso, o domínio de pensamento associado ordem social que incluem a conduta do indivíduo no ambiente e as recomendações de prevenção da dengue voltadas para o ambiente domiciliar. Existe uma inversão de responsabilidade e os silenciamentos ocorridos por causa da violência estrutural que a sociedade sofre, pois o Estado não exerce seus direitos, deveres e responsabilidades tanto na esfera pública ou privada.

“Não devemos abaixar a guarda”. Por meio deste referente indeterminado, o autor indica o funcionamento de uma fuga do sentido, pois não escolhe ninguém para assumir as responsabilidades ou a culpa pela problemática. Sendo que sabemos que o principal negligente é o Estado que, por não dar condições de vida, saúde, educação, saneamento básico, limpeza pública, regular abastecimento de água que contribui para o crescimento da doença, pois evita que o indivíduo, grupos ou sociedades alcancem o melhor potencial.

## Texto 2:

A Fiocruz começa hoje, no Rio, a soltar mosquitos da dengue com a bactéria wolbachia, aquela que bloqueia a transmissão do vírus. Funciona assim: o “*Aedes aegypti*” com a bactéria, ao se reproduzir, transmite a wolbachia para os filhotes. Depois de um tempo, a maioria dos mosquitos da região terá a bactéria e não transmitirá mais a doença. Segue... O primeiro local do Estado do Rio a receber mosquitos com a wolbachia será Tubiacanga, na ilha. (O GLOBO, Aedes do Bem, 24.09. 2014).

O aposto enumerativo funciona como um guia ou uma receita para orientar as pessoas, o passo a passo, de como será o processo de interferência biológica na reprodução dos mosquitos *aedes aegypti*. O “autor” instala um modo de preparo da inserção do wolbachia. *“Funciona assim: o “Aedes aegypti” com a bactéria, ao se reproduzir, transmite a wolbachia para os filhotes. Depois de um tempo, a maioria dos mosquitos da região terá a bactéria e não transmitirá mais a doença.* Como se fosse uma receita de preparo de um macarrão instantâneo. Mostra o caminho que a bactéria vai seguir, não expõe e nem sugere ideias, apenas “dá o livre

arbítrio” para a Fiocruz atingir a sua proposta de testar o experimento em sociedade, não se importando com nada. É apenas uma das 10 maneiras de dizer que essa medida pode dá errado. Denúncia que o Estado está preocupado apenas em tratar de uma parte do problema ou da maneira que convém, não visualizando a sociedade como um todo. O trecho é importante, pois mostra que o combate da dengue está sendo realizado baseado em fatos isolados de que esse tipo de ação pode fazer mal à sociedade. Por isso, o autor expõe a falta de segurança, o medo em relação ao uso do mosquito transgênico por meio da oração: “Aedes do Bem”. Aqui existe o funcionamento da dicotomia entre o bem e o mal. Aedes do bem/aedes do mal? O silêncio ecoa em todas as direções, demonstrado a negligência do Estado com a utilização de mosquitos transgênicos como ferramenta de controle para diminuir e ou inserir novos indivíduos no campo do vetor da dengue. O modo de funcionamento da interferência da bactéria funcionada como ligando o que é estabilizado e o que é sujeito a equívoco, no movimento da descrição e da interpretação. “Aedes do bem”, como metáfora de transferência torna os “significantes [...] em voz ensurdecadora, no desconhecimento do recalçamento, a cadeia do discurso verbal do sujeito humano” (Althusser, 1985, p. 63).

Ao dar fuga aos sentidos, o “autor” silencia que a ferramenta de controle usada pela Fiocruz não pode ser avaliada em *aedes*, pois não haver descrição nenhuma descrição que relaciona a bactéria *wolbachia* com o mosquito; apaga as informações sobre as estratégias de efetividade tanto econômica como ambiental e operacional da pesquisa; silencia os impactos: animal, humano, ambiente e médico provocado pelas introduções de organismos modificados na natureza; além de apagar e contribuir para a manutenção de controles antes usados, como por exemplo, inseticidas e desarticula qualquer ação combate e prevenção até então usadas, com uma eventual vacina contra o vírus dengue, o uso de pesquisas transgênicas podem deixar em segundo plano as responsabilidades individuais de cada um em relação à manutenção do espaço doméstico deixando estes ambientes incompatíveis com o desenvolvimento do vetor.

Os próximos textos são importantes para analisamos à responsabilidade pelo controle do vetor.

### **Texto 3:**

“Fazemos uma avaliação bimensal em todos estes municípios. Agora, vamos aproveitar a estrutura existente para dar continuidade ao plano”, destaca o coordenador ao relatar que a região é uma das que mais preocupa a secretaria. “Estamos próximos do Maranhão, Tocantins e temos um fluxo muito grande de pessoas devido à produção de milho e soja. Concentramos pessoas de todos os Estados”, disse (MEIO NORTE,

Saúde - Sesapi alerta municípios de fronteira sobre controle da febre chikungunya, 23.10. 2014).

#### TEXTO 4:

“Apenas cerca de 140 municípios têm mantido, com frequência normal, a notificação dos casos de dengue. Os demais, nós não sabemos o motivo de se manterem silenciosos e reforçamos: todos precisam registrar os casos, para que possamos definir as medidas necessárias e específicas para cada cidade”, ratifica (O DIA, Ministério Público dará apoio ao combate da dengue no Piauí, 04.08. 2014).

Por meio do aposto explicativo exposto nesta oração: “Estamos próximos do Maranhão, Tocantins e temos um fluxo muito grande de pessoas devido à produção de milho e soja. Concentramos pessoas de todos os Estados, disse”, o “autor” aborda a complexidade das causas da doença, destacando a capacidade do mosquito se deslocar por longas distâncias, quebrar barreiras entre os ambientes públicos e privados, para explicar a necessidade da avaliação bimensal em todos estes municípios, como uma responsabilidade do poder público em manter a segurança e garantir a vigilância do vetor com ações que visam o planejamento de prevenções, estratégias de enfrentamento a doença.

No entanto, no recorte: “Apenas cerca de 140 municípios têm mantido, com frequência normal, a notificação dos casos de dengue. Os demais, nós não sabemos o motivo de se manterem silenciosos e reforçamos: todos precisam registrar os casos, para que possamos definir as medidas necessárias e específicas para cada cidade”; mostra que o modo como as ações de políticas públicas de manutenção dos ambientes públicos e privados atribuídas ao Estado está falha. A conduta, os comportamentos das gestões municipais estão negligenciando as ações pilares do controle do *aedes*. Observa-se que estratégias de controle de insetos vetores estão relacionadas à de incidências de casos em uma dada localidade marcando uma relação simplista de controle que não prioriza ações simplificadas como: descrever as variáveis básicas: nome, sexo, idade, local de residência, data de início de sintomas; fornecer informações de monitoramento e avaliação da situação; realizar precisamente as suspeitas de óbitos e casos graves; corrigir as situações atípicas com a identificação dos fatores que estas condições estão relacionadas, tais como: como realizar todo o processo de diagnóstico laboratorial em uma rede de saúde e não fazer apenas o necessário para realizar uma rápida produção de informação falhas numéricas dos dados, pois se houvesse um planejamento e uma organização do controle de vigilância com as ações assistencialista da rede saúde, outras respostas seriam usadas, outras formas de prevenção e combate seria utilizado para contribuir para a redução dos casos.

### 3.1.4. Análise do Quarto Marco do Ciclo: Fim (Novembro e dezembro)

Neste giro, os recortes da pesquisa indicam marcas que sustentam ações que serve como precaução, controle e prevenção para evitar danos que podem ser causados pela dengue. Vamos as análises dos recortes.

#### TEXTO 1

Sete bairros da zona sul de Ribeirão Preto, área mais rica da cidade, apresentam os maiores índices de foco de mosquito da dengue. A explicação da prefeitura para esses números é que nessa região, há casas construídas em áreas maiores e que têm quantidade significativa de vasos, com acúmulo de água, e plantas, especialmente bromélias. “Nesses meses [de estiagem] os casos de dengue deveriam cair. Isso significa que o homem está mantendo esses criadouros. Não é culpa da chuva, nem de São Pedro”, afirmou Andrade (FOLHA DE S. PAULO, Bairros ricos concentram focos do mosquito da dengue em Ribeirão, 26.11. 2014)

Neste recorte, se nos detivermos no título da notícia, podemos discutir a relação do sujeito com o espaço urbano na questão da proliferação do *aedes aegypti*. “*Bairros ricos concentram focos do mosquito da dengue em Ribeirão*”. O primeiro ponto que devemos nos atentar nesta expressão é a questão dos limites imaginários do sujeito à/na cidade, instalados pelo interdiscurso, que impedem as outras significações, as tensões, as fugas dos sentidos e a equivocidade das questões sociais em torno da transmissão e causas do aumento da proliferação do mosquito.

De acordo com Orlandi (2001b, p. 3-10), o discurso urbano não é homogêneo. Ele divide o social, dá lugar a diferentes movimentos de discurso, no qual as relações entre os sujeitos e os espaços se significam na reprodução e na ruptura das falas.

Nas cidades urbanas, os modos de vida das pessoas são propícias à criação de inúmeros focos para a postura e proliferação do inseto. As concentrações de criatórios dos mosquitos podem acontecer tanto em áreas com condições desfavoráveis de vida quanto naquelas socialmente favorecidas.

O título do texto indica que existe uma dualidade que perturba ao mesmo tempo a ordem do discurso e a organização do social. Explicado que bairros ricos, também, são lugares para proliferação do vetor; marca o conflito social; indica que a dengue não é doença apenas de pobre, mas também doença de rico e, ainda, reflete as desigualdades sociais existentes nas sociedades.



Nesta sentença: “Sete bairros da zona sul de Ribeirão Preto, área mais rica da cidade, apresentam os maiores índices de foco de mosquito da dengue. A explicação da prefeitura para esses números é que nessa região, há casas construídas em áreas maiores e que têm quantidade significativa de vasos, com acúmulo de água, e plantas, especialmente bromélias”. Observa-se que o funcionamento do aposto, “adjunto adverbial de lugar” entre vírgulas que se junta a outro para especificar melhor a oração “Sete bairros da zona sul de Ribeirão Preto”.

Além disso, as concentrações de focos de mosquitos relacionam-se: os hábitos do indivíduo residente do local que tem relação direta com a cultura do estrato social. “há casas construídas em áreas maiores e que têm quantidade significativa de vasos, com acúmulo de água, e plantas, especialmente bromélias”. Percebem-se os bairros ricos contribuem para a manutenção do mosquito, nos ambientes domiciliares ou próximos a estes, por causa do grande número de objetos ligados a ornamentação. Nota-se aqui, uma semelhança entre os fatores que favorecem a proliferação dos mosquitos tanto em estratos sociais desfavoráveis quanto ambientes providos de conforto e bem-estar, são eles o armazenamento de água em recipientes. A diferença entre eles é que nas condições favoráveis a condição de uso dos vasos se destina a decoração do ambiente e em regiões precárias o uso de recipientes ocorre por causa da falha da administração pública oferecer as pessoas dessas áreas precária infraestrutura de saneamento, péssimo sistema de abastecimento de água e de coleta de lixo que condicionam a população a armazenar água e não realizar a correta destinação dos recipientes descartáveis, contribuindo para a proliferação dos mosquitos e transmissões do vírus dengue.

Note-se ainda a pontuação (o aposto) em que a expressão afirmou Andrade aparece no enunciado para explicar a cauda da distribuição dos focos nas áreas ricas. “Nesses meses [de estiagem] os casos de dengue deveriam cair. Isso significa que o homem está mantendo esses criadouros. Não é culpa da chuva, nem de São Pedro”, afirmou Andrade. O discurso direto explica que a causa não são os fenômenos naturais: seca e chuva que provocam o aumento do vetor, mas sim a facilidade de adaptação do inseto no ambiente doméstico onde o homem administra, ou seja, a ação do cidadão no seu espaço domiciliar adquire o protagonismo nos determinantes que influenciam à dengue, pois os sujeitos contribuem para a manutenção do ciclo da doença, tanto os com grande acúmulo populacional quanto aqueles onde há qualidade de vida.

Estes dois recortes selecionados do Jornal Folha de S. Paulo serve para analisar o funcionamento do monitoramento dos diagnósticos de casos suspeitos de dengue para direcionar estudos epidemiológicos, a vigilância, a verificação e eliminação da enfermidade. Vejamos:

**TEXTO 2:**

“Em setembro descobrimos casos que foram confirmados em julho”, diz o secretário da pasta José de Filippi Junior. Ele não informou se haverá punições a quem descumpriu a portaria (FOLHA DE S. PAULO, Suspeita de dengue deve ser notificada em 24h em SP, 19.11 2014).

**TEXTO 3**

Ribeirão não aparece no levantamento porque não enviou informações ao Ministério da Saúde. A prefeitura diz que divulgará os dados no dia 15. São Carlos e Bebedouro também não enviaram informações ao governo federal. Jaboticabal aparece com índice de 1,8, o que deixa a cidade em estado de alerta. (FOLHA DE S. PAULO, Saúde – Risco de Epidemia de dengue é maior em Jaboticabal, 08.12.2014).

Por meio da historicidade os sentidos são constituídos na/pela linguagem para produzir efeitos de sentidos para os sujeitos. Os dois textos marcam as condições de produção, onde os sujeitos, as situações, a memória discursiva e o interdiscurso mostram o real da história, o deslizamento do sentido que denuncia a conduta negligente e a responsabilização do Estado na não realização do o correto monitoramento dos casos de dengue.

Nos trechos do jornal destacam-se a noção da falsa segurança. Foucault (1987, p.251) no livro: Vigiar e Punir, nos ajuda, neste ponto do trabalho para entendermos que nestes textos selecionados “conta dia a dia uma espécie de batalha interna contra um inimigo sem rosto; nessa guerra constitui o boletim cotidiano de alarme ou de vitória” (Foucault, 1987, p. 251). Os desdobramentos, “Em setembro descobrimos casos que foram confirmados em julho”; Ribeirão não aparece no levantamento porque não enviou informações ao Ministério da Saúde. A prefeitura diz que divulgará os dados no dia 15. São Carlos e Bebedouro também não enviaram informações ao governo federal. Jaboticabal aparece com índice de 1,8, nos acende um sinal de alerta, sinalizando as falhas nos testes de diagnósticos laboratoriais que desempenham o papel importante no que diz respeito à assistência das pessoas como também na detecção do vírus e monitoramento dos casos.

Nota-se que há um sentido incompleto na denúncia. De acordo com Pêcheux (1990), isso acontece porque existe, pois existem filiações históricas, que abrem possibilidades de interpretações que transformam as redes sociais em redes de significações colocando em jogo discursos outros. Há aqui o silêncio que indica que houve falha no processo de triagem que monitoram os sorotipos circulantes do vírus dengue e as diferencia de outras doenças com sintomas clínicos semelhantes. Além disso, o teste influencia tanto nos resultados dos dados que mostram a situação epidemiológica em cada município e estados quanto na gravidade e

letalidade da doença, pois negligenciando nos setores de atenção da rede de saúde desenvolvem os problemas que observamos na sociedade, como por exemplo, o aumento dos números de hospitalizações em período de surto, incapacidade de identificar os grupos de pessoas propensas a desenvolver uma dengue grave, que conseqüentemente, interfere no manejo clínico e tratamento do paciente.

O trecho a seguir, nos leva a perceber o funcionamento do gesto de adaptação da rede de serviços de saúde. *“Ribeirão não aparece no levantamento porque não enviou informações ao Ministério da Saúde. A prefeitura diz que divulgará os dados no dia 15. São Carlos e Bebedouro também não enviaram informações ao governo federal. Jaboticabal aparece com índice de 1,8, o que deixa a cidade em estado de alerta”*. Observa-se a sustentação do gesto de desorganização do sistema que significam lugares e sentidos que perturbam ao mesmo tempo a ordem do discurso e a organização do social, pois há aqui, um discurso que alerta a falta de planejamento, a seriedade no diagnóstico e classificação dos casos da dengue. Uma vez que os municípios mencionados não realizaram antecipadamente e nem organizaram a análise dos dados que permitiria administrar os locais de maiores incidências de casos, classificar com eficácia os índices de afetados pelos sorotipos da dengue, analisar os grupos mais infectados e orientar as atividades de prevenção e controle e assistência dos programas educativos. Não realizando uma vigilância completa e correta do sistema, ocorrerá a falha, o equívoco que são significados, caracterizados e enumerados na sociedade, na forma de: sobrecarga nos serviços de saúde, prática clínica com aumento de consultas e internações, aumento de mortes, abstenção no trabalho e nas escolas.

#### TEXTO 4

Segundo o estudo, à medida que o planeta se aquece, as condições no Oeste e no centro da África são favoráveis à expansão do vírus. Da mesma forma, partes da Europa e regiões montanhosas da América do Sul – hoje frias demais para a proliferação do *Aedes aegypti* – enfrentam uma “séria ameaça”. Mudanças no clima podem resultar num aumento da exposição e representar uma ameaça grave a áreas que não sofrem com a dengue endêmica no momento”, diz o relatório, que indica ainda outros fatores relacionados. À expansão da doença como a urbanização. No continente africano, a proliferação está associada à escassez de saneamento básico e de serviços de saúde (O GLOBO, Aquecimento pode elevar riscos de dengue, 24.12. 2014)

Neste trecho do jornal O Globo, há um contraste entre os enunciados que caracteriza um efeito que enumera para resumir, e outro que resume a conjunção de fatores em um só lugar. Nota-se o funcionamento do sentido de litígio que se nas orações e faz funcionar a contradição

e o equívoco, por meio do aposto enumerativo e explicativo. Mas só que se notam falhas e fugas de sentidos.

“Mudanças no clima podem resultar num aumento da exposição e representar uma ameaça grave a áreas que não sofrem com a dengue endêmica no momento, diz o relatório, que indica ainda outros fatores relacionados à expansão da doença como a urbanização. No continente africano, a proliferação está associada à escassez de saneamento básico e de serviços de saúde”. O efeito resumidor encontra-se no funcionamento do aposto, visto que o recorte não relaciona a soma dos fatores epidemiológicos, ambientais e urbanos que contribuem para o aumento dos casos de dengue em apenas lugares específicos, ou onde determinados fatores estão mais presentes.

A alternância dos fatores são as características que destacam o efeito de enumerar para resumir: ou são as mudanças climáticas ou apenas a urbanização, ou a soma de problemas de saneamento básico e de serviço, ou melhor, ou é biológico, ou doméstico, ou por causa da desresponsabilização do estado. É uma falha, pois o risco é global, pois em todas as regiões há facilidade de deslocamento de pessoas, cargas que dispersam em ampla ou pequena quantidade os vetores, seja ele por meios de transportes, entre pessoas ou em regiões onde há deficiências no saneamento básico, armazenamento de água e nos registros de casos.

Detendo-nos nestes três recortes, um selecionado do jornal Meio Norte e dois do Jornal O Dia, para compreendermos a participação dos setores públicos de saúde na divulgação de medidas que prevenção. Observemos as formas de interpelar, de prestar declarações, dar esclarecimentos e explicações sobre o combate da dengue.

## TEXTO 5

Segundo ele, com isso a equipe poderá orientar a população sobre os cuidados com esses recipientes. “Em apenas 15 minutos semanais, as famílias podem fazer a inspeção dentro de casa e destruir os focos dos mosquitos”, frisou. O secretário, no entanto, ressaltou que o fato de uma determinada cidade estar em situação satisfatória no LIRAA não significa que esteja protegida. “Se o município parar de agir, a população de mosquito pode crescer”, alertou (MEIO NORTE, Vigilância não pode diminuir, 05.11. 2014)

## TEXTO 6:

Chioro alertou, no entanto, que é preciso manter e reforçar estas ações para combater, não apenas a dengue como o chikungunya. “As medidas de enfrentamento e prevenção das duas doenças são as mesmas. Temos de intensificar estas ações e prestar bem a atenção nas informações que o LIRAA nos revela. Tratasse de uma ferramenta muito potente que nos dá informações importantes”, observou. Ele explicou que os gestores municipais têm

informações qualificadas para atuar nos bairros com maiores índices de infestação e os principais depósitos onde as larvas dos mosquitos foram encontradas (O DIA, Balanço - Mortes por dengue aumentam 400% no Piauí no período de um ano, 05.11.2014)

## TEXTO 7

“Esse trabalho é de rotina da secretaria. Geralmente acontece quinzenal ou mensalmente. Mas o prefeito Paulo Martins e o secretário de Saúde, Marcelo Pereira, determinaram uma intensificação maior nesses dois últimos meses do ano por conta da chegada do período chuvoso que é quando acontece uma maior proliferação desses mosquitos”, disse chefe do setor de Endemias Raimundinho (O DIA, Combate - Prefeitura de União lança campanha contra a dengue, 17.12.2014)

É possível ver nos textos um funcionamento interessante. “Em apenas 15 minutos semanais, as famílias podem fazer a inspeção dentro de casa e destruir os focos dos mosquitos”; “As medidas de enfrentamento e prevenção das duas doenças são as mesmas”; “Esse trabalho é de rotina da secretaria. Geralmente acontece quinzenal ou mensalmente”. Observam-se, as indicações de temporalidade: apenas 15 minutos semanais; quinzenalmente ou mensalmente; o sítio de significância (casa) e dois funcionamentos discursivos definidos: o caráter resumidor das medidas que são voltadas para o controle mecânico do vetor; o caráter enumerar as medidas de prevenção para depois resumi-la. Esses elementos que se entrelaçam no fio do dizer instauram vários efeitos, dentre eles: o histórico; o da memória discursiva; assujeitamento, domínio de pensamento, fuga e silêncio dos sentidos.

O controle da dengue relacionada à vistoria de espaço domiciliares para detecção precoce de situações que influenciam no aumento de fontes de reprodução do *aedes aegypti* é um efeito da presença histórica nos discursos sobre a enfermidade. Nota-se, por meio resumidor que a política de vigilância em saúde está voltada para um processo contínuo (rotineiro) e organizado para coleta mecânica de criadouros das fases larvárias e pupas do vetor. Isso se constata, por meio da memória discursiva, que monta os cenários para todos estejam à frente do planejamento e de implementações de medidas públicas de saúde para a proteção das pessoas em sociedade, mas que não notem que tais práticas são falhas, equivocadas, pois uma prática de vigilância controlada pelo controle temporal das atividades apenas reforça o quanto tais ações são ultrapassadas. Em apenas 15 minutos ou quinzenalmente ou mensalmente dá para fazer uma vigilância da situação de saúde planejada, estabelecendo prioridades, estratégias de monitoramento e ações de redução ou eliminação do vetor voltado somente na observação, percepção, conhecimento de focos de reprodução de mosquito? Acredito que não!

Nota-se, mais uma vez, o efeito resumidor relacionados aos serviços de vigilância em saúde. *“As medidas de enfrentamento e prevenção das duas doenças são as mesmas. Temos de intensificar estas ações e prestar bem a atenção nas informações que o LIRAa nos revela. Tratasse de uma ferramenta muito potente que nos dá informações importantes”*; *“Esse trabalho é de rotina da secretaria. Geralmente acontece quinzenal ou mensalmente. Mas o prefeito Paulo Martins e o secretário de Saúde, Marcelo Pereira, determinaram uma intensificação maior nesses dois últimos meses do ano por conta da chegada do período chuvoso que é quando acontece uma maior proliferação desses mosquitos”*. Os efeitos de limitar as atribuições a curto prazo, contribui para o identificar a falta de segurança na vigilância e destacar que o modo de planejamento de ações de prevenção são assujeitadas por um modelo não estruturado, que só age no combate quando há uma tendência nos aumento de casos da doença. Nota-se o funcionamento do domínio de pensamento em produzir um discurso de vigilância em longo prazo.

Além disso, nota-se o apagamento relacionado à correlação da proliferação do aedes aegypti a outros macrofatores determinantes que aliados a análise rotineira dos dados produzidos pelo sistema *o LIRAa*, destacaria a tendência de aumento de aedes, não é apenas um problema da biologia do vetor ou da ação regular das pessoas no seu espaço domiciliar ou relacionados a mudanças climáticas. Existe uma fuga de sentidos que, silencia que os casos de dengue são diretamente influenciados pela falha de tarefas de competência do Estado. Uma falsa governança e governabilidade, que aglomera os indivíduos em regiões onde há grande fluxo de materiais, lixo, cargas, pessoas; com péssimas condições de saneamento básico, habitações, abastecimento de água e coleta de lixo.

Observe os trechos: *“as famílias podem fazer a inspeção dentro de casa e destruir os focos dos mosquitos; intensificar estas ações e prestar bem a atenção nas informações; nesses dois últimos meses do ano”*. Nota-se que, nesta formulação define-se no fio do dizer um conjunto de ações que agentes de vigilância em saúde pública caracterizam o controle e prevenção da dengue como sinônimo de incidência de casos. Os verbos inspecionar, intensificar, prestar caracterizam e dão um perfil das medidas preventivas e aos fatores que provocam o aumento da doença. Observa-se o funcionamento do esquecimento número 2, onde o autor diz com algumas as palavras e não outras, ou melhor, o controle da doença resumisse a uma ou mais atividades destinadas à eliminação de criadouros do mosquito. O modo de dizer que foi adotado é indiferente aos sentidos de estruturar, organizar as ações para alcançar tanto a eliminação, redução da incidência, quanto à redução da gravidade e letalidade da doença na sociedade.

Sobre o funcionamento, produção e circulação do ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue, percebe-se uma incompletude, nestes discursos, que sintetizam se observarmos o funcionamento linguístico das ações de temporalidade, nos verbos e nas ações dos agentes públicos voltados para a dicotomia: entre eliminação ou redução e controle. O controle é incompleto em seus processos de apreensão, pois os programas de controle não adotam uma definição precisa dos objetivos e metas; não promovem uma adequada formulação da composição tecnologia e não existe integração entre vigilância e controle.

Os discursos jornalísticos encontrados nos jornais ainda preservam a perspectiva preventiva tradicional pautada no registro baseado em fatos e didático da dengue, ao trazer informações sobre ao ciclo de reprodução do *aedes aegypti*, de transmissão da dengue, fatores que promovem o aumento da proliferação do mosquito da dengue e principalmente sobre as medidas preventivas tomadas pela vigilância sanitária para controlar a doença, ou seja, os jornais não realizaram um debate ou uma discussão em prol de políticas públicas mais abrangentes com a colaboração mais forte das autoridades, apenas defendia a mobilização a população na prevenção.

Nas coberturas, é possível perceber o silenciamento na questão da responsabilização das autoridades federais, estaduais e municipais no tocante as medidas preventivas de combate aos mosquitos, ou seja, existe um silenciamento gritante do Estado, caracterizados nas falhas das notificações e estatísticas, ausência do Estado em adotar medidas diferentes de medidas emergenciais, no sucateamento hospitais que não tem corpo técnico e nem equipamento especializado para aprofundar os diagnósticos, próprio sistemas de vigilância que não tem equipamento especializado para realizar o monitoramento da doença.

A grande questão encontrada na análise foi a relação da dengue está intimamente ligada a questão da cidade e de ambiente urbanos onde há uma grande vulnerabilidade, falha administrativa, favelas, terrenos baldios, grotão, lixo. Ao utilizar uma variabilidade de léxico relacionado à pobreza, os jornais trazem de forma não transparente a evidencia de que a dengue é uma problemática ligada a população pobre que é injustiçada socialmente, economicamente e que diariamente levam a culpa pela presença do vírus no país.

Ao abordar a quantificação das notificações da doença, os jornais não tinham um interesse pelas pessoas, ou seja, anulava o individual para dar espaço a grande massa de doentes, sem fazer distinção por sintomas ou mortes, os discursos sobre a doença mobilizados nos jornais, trazia apenas uma noção genérica da ameaça, do risco que vinham de estatísticas das instituições de saúde e não havia um cálculo formalizado para diminuir a incerteza da doença. No entanto, os jornais só faziam referência às pessoas quando, o sujeito era oriundo de regiões

pobres e ou relações trabalhistas ligadas a população menos favorecida, por exemplo, mecânico, zelador, morador da favela do jaguaré e etc.

Nos enunciados é nítida a presença de posições discursivas e de narrativas que sustentam a posição de acusação e julgamento da população sobre as falhas na prevenção e controle. Posições essas que eram destacadas por sujeitos de lugares sociais caracterizados pobres, deixando apagado a negligencia e o descaso das autoridades que tratam da dengue.

### **3.1.5. Análise da quebra do ciclo: movimento, falha e equívoco no Sentido do Nome: primo Chico, prima da dengue, Chiku, Chikumaconha, Família Dengue, Becos da Dengue**

Os giros do ciclo sobre dengue funcionam como forma de manter discursos instituídos. Constituem-se para realizar uma ordenação do que é dito, do que lido e aceito como verdadeiro permitindo que a população participe do saber. As fases do ciclo trabalham os limites, as marcas, as projeções, rotas, encontros, espaços do dizer sobre dengue e como ele é posto em movimento, fazendo os discursos e noções sobre dengue se deslocarem linearmente e ordenadamente em outros sentidos. Mas isso é apenas uma ilusão, pois na produção dos discursos sobre dengue há falhas, equívoco. É um movimento incompleto, embora funcionem sob o modo do entremeio.

Para entendermos como o funcionamento do ciclo foi feito, vamos pensar que essa fase do ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue fosse um relógio com falhas nas engrenagens, onde estas engrenagens esquematizadas pelos níveis e giros do ciclo: amplo, específico, relacional e os giros 1, 2, 3, 4, representam um sistema de molas e peças que dão corda e estruturam a temporização do relógio e faz girar os processos de negociação que faz todos os discursos sobre dengue se movimentar nos jornais.

Assim, pensando a engrenagem que funciona muito bem, com toda precisão no relógio, em um dado momento, uma delas falhar, afetará todo o comportamento do ciclo. Este momento em que a engrenagem falha, chamamos de equívoco, “um espaço entre o aqui e o lá. Espaço que se define pelo fato de nossas palavras falarem com outras palavras (há língua e há línguas), em que saímos do domínio da “criatividade” e estabelecemos o espaço que se abre, como diz Pêcheux, para a problemática do impensado” (ORLANDI, 2017, p. 179).

Deste modo, o equívoco se mostraria aqui como forma de propor uma compreensibilidade do que é dito nos jornais. O equívoco como diz Pêcheux (1975) é uma linguagem que serve para comunicar e não comunicar. É discurso, que se alinha junto à



polissemia e dá movimento, e mais tarde causa falha, falta e dá diferentes posições-sujeitos aos discursos sobre dengue.

O quadro a seguir, é um *hiperlink* que redimensionará o leitor deste trabalho visualizar o movimento, funcionamento e o equívoco do ciclo em um vídeo com os principais recortes encontrados durante o ano de 2014 nos jornais: Folha de S. Paulo (FSP), O Globo (OG), O Dia do estado do Piauí (OD) e Meio Norte (MN).



**Figura 4: modelo da falha do ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue.**

O equívoco mostra que entre a linguagem do público homogêneo e leigo e a linguagem do especialista há diferenças, há barreiras comunicacionais e culturais que são determinadas pela língua, pelo mundo e pelas experiências que os sujeitos significam e se inscrevem em determinadas formações discursivas. Na relação entre o que é dito e lido pelo público leigo há o incerto, incompleto, o não exato. Condições que a divulgação e os jornais tentam intermediar, estabelecer relação entre eles para que o conhecimento científico seja validado e entendido.

E neste processo de significação dos discursos sobre dengue regido e administrado pelo funcionamento do ciclo nos jornais está sujeito à falha, ao equívoco - falha da língua na história -, a deriva, pois os sentidos sobre dengue não são os mesmos, eles derivam para outros sentidos, outras posições para que o equívoco e a falha encontrem seu ponto de articulação.

Segundo Orlandi (2013, p.53), a deriva é o “efeito o metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras”. E acrescenta que é por meio da repetição histórica que o deslocamento dos sentidos acontece, porque “historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido” (idem, p. 54).

No processo de produção de sentidos os enunciados são constituídos por pontos de deriva que deslizam e produzem o mesmo e a diferença (Orlandi, 2017, p. 75). Deslocamento este que promove múltiplas versões na textualização dos discursos sobre dengue. A autora, explica que essas versões são chamadas de variação, no qual é a condição da formulação, nas várias possibilidades de significar a dengue. Aí pensamos nos nomes que são atribuídos à dengue e *chinkungunya*.

A variante, sendo a base da textualização, faz intervir a questão da não linearidade e do jogo entre diferentes formações discursivas, na relação com a ideologia: cada texto (corpo) tem os vestígios da forma como a política do dizer inscreveu a memória do (interdiscurso) no interior de sua formulação (intradiscurso), pois um texto (corpo, em nossa análise) é um espaço de formulações entre outras possíveis, no movimento do dizer (ORLANDI, 2017, p. 76)

Mas antes de começar a demonstrar o equívoco nos recortes dos jornais que analisamos neste trabalho, retomamos aos conceitos de narratividade (Orlandi, 2001, 2012) e denominação (2011, 2012, 2013). São elementos fundamentais, pois segundo, Orlandi (2017), a narratividade contempla o funcionamento do interdiscurso, memória constitutiva, contribuindo para os modos que uma memória pode ser contada. Conceito diferente da denominação, que silencia “o funcionamento narrativo e produz efeitos de sentidos que separam, dividem” (ORLANDI, 2017, p. 288), ou seja, a primeira segue dando suporte ao processo de separação dos sentidos, que é produzido pela outra por meio da maneira como a memória se conta.

Pensando este processo, neste ponto do trabalho, selecionamos recortes para compreendermos o funcionamento de algumas denominações que encontramos nos textos dos jornais analisados atribuídas a *dengue* e a *chikungunya*, por meio de metáforas que substituem, comparam a partir de uma relação de semelhança entre os elementos que as palavras designam de modo a promover um nexos comparativo para que as doenças sejam comparadas de forma subtendida a elementos que fazem parte da sociedade, do próprio espaço de circulação da doença configurando sentidos para os sujeitos e apontar equívocos nos sentidos produzidos pelos nomes.

Orlandi (2017, p. 288) considera que “o gesto de nomear dá existência simbólica ao “referente” (construído) no processo de significação”. Assim, o sentido que o nome tem para o indivíduo tem um papel importante na estruturação que ele faz do mundo.

Segundo Coracini (1991, p. 136), a metáfora funciona estimulando uma sobreposição de uma área sobre a outra, devido o conhecimento que as pessoas estabelecem nas relações entre o corpo do indivíduo e o corpo social, elaborando, assim, metáforas. Em outras palavras,

as metáforas se constituem no processo sócio histórico e cultural e não somente por meio de aspectos construídos a partir da percepção. Elas são efeitos de sentido, segundo (Pêcheux, 1997), estabelecidas pela posição social, cultural, histórica do sujeito enquanto ele enuncia. Além disso, as metáforas estão relacionadas à ideologia, à memória e às redes de sentidos articuladas pelo interdiscurso.

Retomando as ideias de Pêcheux (1997), Orlandi (2001, p. 44) conceitua a metáfora “como a tomada de uma palavra por outra. [...] ela significa basicamente ‘transferência’, o modo como às palavras significam”. Constitui, a partir desta definição, “que não há sentido sem metáfora”, e justifica que o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por outra palavra, outra expressão ou proposição (ORLANDI, 2001, p. 44) e é por meio da metáfora – quando os sentidos das palavras são substituídos e ou transferidos –, que os elementos que produzem sentidos se confrontam, dando margem para percebermos a não-evidência, a não-literalidade desses sentidos.

Segundo Orlandi (2013, p.38), nomear é um ato político para que ocorra a transformação. Conforme a autora (idem), se a língua não fosse sujeita à falha e a história não passasse por rupturas, não haveria a transformação. Da mesma forma acontece com a dengue. Se não houvesse os diferentes nomes para conceituar a doença, os mesmos sintomas, não iríamos perceber as transformações, o jogo de ambiguidades, as ambivalências, as equivalências, os contrastes da doença ao longo do tempo. Não perceberíamos os sentidos, a repetição dos sentidos, a polissemia da doença, ou seja, “a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico” (ORLANDI, 2013, p.38).

Para a análise, usaremos a perspectiva da análise de discurso que diz que o sentido do nome está ligado ao conceito de pré-construído, um componente do interdiscurso onde são localizados e acionados outros discursos em circulação, constitutivos da formação discursiva. Segundo Orlandi (2010, p.21), o ato de nomear por ser um ato político, é um efeito linguístico, que transforma e faz com que haja um retorno do saber sobre o que é dito.

Dessa forma, no nomear há uma relação de memória e esquecimento que faz com que os nomes sejam identificados e façam referência a formulações independentes, em oposição e que aconteceram antes e depois do que foi construído pelo enunciado. Ou seja, os sentidos dos nomes funcionam sempre seguindo a ordem do acontecimento. Além disso, o gesto de nomear um enunciado ou um nome provoca um processo de produção de sentidos que coloca em evidência a não-transparência e os equívocos da linguagem.

Compreender o funcionamento discursivo do sentido de um nome é perceber a política da palavra. Segundo (ORLANDI, 1990, p. 57), a “denominação circunscreve o sentido do

nomeado” de tal maneira que “toda denominação acarreta um silêncio que o fato mesmo de nomear produz. Toda fala instala espaços de silêncio e o ato de nomear recorta esses espaços, definindo-os” (ORLANDI, 1989, p. 42). Quer dizer, quando nomeamos algo, colocamos em movimento e instauramos determinadas condições de produção capazes de cortar uma região do interdiscurso e reconfigurar discursos produzidos por terceiros ou no passado para que estes se signifiquem, produzam sentidos e se instalem em uma formação discursiva.

Nesta parte da análise vamos relacionar a polissemia dos nomes que encontramos no corpus desta pesquisa com conceito de formulação, que é considerado um gesto de interpretação capaz de dar corpo aos sentidos e se situa na fronteira entre o dito, o silenciado e o dizível, dando nome ao espaço e à doença ou marcando diferentes posicionamentos (ORLANDI, 2001).

Na formação discursiva da notícia: “*Na Bahia já apelidaram o chikungunya de primo Chico, porque é um parente (da dengue) – disse o ministro*” (O GLOBO, Brasil em alerta para dengue e Chikungunya, 05.11. 2014). O termo “primo Chico” que se refere e identifica a “chikungunya” nos traz uma relação entre a memória e o esquecimento, pois quando o corpo social nomeia a chikungunya de “primo Chico”, são colocadas em funcionamento determinadas condições de produção fazendo com que o nome produza sentido e construa uma conexão relacionada à família, à árvore genealógica, como se a chikungunya fosse membro da família da “Dengue”. Além disso, a ideia de primo chico tem a ver com a proximidade com a população. É um nome carinhoso, menos hostil que a população usou para se aproximar e caracterizar a reintrodução do vírus chikungunya. Este funcionamento de apelidar o vírus chikungunya com o apelido carinhoso de primo Chico é uma forma de mostrar uma falha na engrenagem do ciclo jornalístico dos discursos. Primo Chico é resultado do funcionamento do equívoco nos discursos dos jornais.

O termo “Primo Chico” foi construído por meio da historicização que levantou indícios sobre as semelhanças sintomáticas das doenças de forma que essa similaridade estabelecesse conexões entre elas. Temos um político circulando, dividindo os sentidos e mostrando que eles não são os mesmo para todo mundo, pois a sociedade é estruturada por essa divisão e por relações de poder e saber que estruturam as significações e nos permitem formar diferentes denominações e nomeações para a doença (Orlandi, 2010, p.21).

Nas sentenças a seguir, selecionadas para a análise, sublinhamos os enunciados:

*Primo Chico, porque é um parente (da dengue) (O GLOBO, Brasil em alerta para dengue e Chikungunya, 05.11. 2014).*

Grosso modo, dá para descrever a chamada febre chikungunya como uma “*prima*” da dengue além de ter os mesmos mosquitos como vetores, ela

também causa temperaturas elevadas, dores de cabeça, nos músculos e nas articulações (FOLHA DE S. PAULO, Vacina contra vírus ‘*primo da dengue*’ passa em 1º teste, 15.08. 2014).

Os discursos se referem ao grau de parentesco entre Dengue e Chikungunya, mostrando que são primas, quando a palavra se refere à doença ou primos, quando se refere ao vírus. Além disso, há uma diferença entre o que é dito e o que está funcionando como o pré-construído. Primo Chico, Prima da dengue são funcionamentos que mostram o equívoco, pois para a população a semelhança de transmissão, sintomas entre as doenças não é a peça que faz o discurso funcionar, na verdade essa particularidade não interessa para população, elas é um elo que mostram proximidade.

Realizando esta ligação familiar, ocorre um efeito linguístico que permite denominar o acontecimento a partir do dizer na sociedade. Usou-se o marcador: *disse o ministro* para transmitir o dizer que está ecoando na sociedade e, também, marcar uma voz autorizada que legitima as ideias pautadas na notícia. A voz do ministro caracteriza uma narratividade que se forma ou se metaforiza na sociedade em relação à doença, ressaltando como diria (Orlandi, 2004, p. 30), as “cenas de que o sujeito participa, sem distância”.

Se tomarmos a expressão “Primo Chico” como um nome próprio, o discurso irá produzir um efeito de pessoalização ou individuação, em que Chico funciona como nome próprio, denominando um nome, o “Chico”, que explode carregando distintas construções referências, em diferentes porções de real, das coisas do mundo. A nomeação das doenças num cenário linguístico do parentesco, das relações familiares, coloca as doenças no rol da saúde individual e das práticas de higiene que devem ser praticadas, na vida provida, pela população.

No texto a seguir, selecionado para a análise, sublinhamos os enunciados:

Deixa a gente travado, dói todas as juntas do corpo, mãos, braços, pernas. Até pra pegar um copo é difícil, diz Luiz André Pereira da Silva, 33, morador no bairro George Américo, que concentra quase 40% dos 371 casos confirmados e 1.161 suspeitos. Na rua onde ele mora, T1, ao menos oito vizinhos tiveram “Chiku”, como a doença foi apelidada. Nas ruas próximas, todas com letras em vez de nomes, a cena se repete. A febre chikungunya já visitou o alfabeto inteiro. Entre a molecada da Pedra Ferrada, bairro pobre, com ruas sem asfaltamento e que concentra altas taxas de criminalidade, a doença já ganhou outro apelido: “chikumaconha”. Ninguém quis explicar a razão do nome. O Moisés tá com chikumaconha, Moisés tá com chikumaconha, dizia Samuel, 8. O primo Moisés, 16, abatido e ainda se recuperando da doença, foi se queixar com a tia Marinalva Gonçalves, que também já teve “*chiku*”. Não gosto dessas brincadeiras, tia. Vou bater nele. Samuel parou imediatamente (FOLHA DE S.PAULO, Novo Vírus espalha medo em cidade baiana, 02.11.2014).

Se analisarmos a expressão “*chiku*” em nível de enunciação/formulação, percebemos que ela se constitui como uma palavra-discurso, que significa e representa a chikungunya. Ela desempenha o papel de nomear a doença. Além da palavra-discurso “*Chiku*”, verificamos a presença da palavra-discurso “*Chikumaconha*”, que funciona como um efeito metafórico, que desloca sentidos manifestados em outros discursos.

O enunciado metafórico “*Chikumaconha*” contribui para a construção e manutenção da memória discursiva (memória do dizer), que transmite informação, que segundo (ORLANDI, 1995, p.39), “pode emergir e ser realizado num novo contexto, produzindo determinados efeitos”.

Para efeito de análise, a metáfora *Chikumaconha* oferece pistas para se compreender melhor as questões relacionadas ao espaço social que foram materializadas por meio do sujeito, marcadas pela voz social da criança chamada Samuel e do adolescente Moisés. A metáfora chikumaconha mostra familiaridade que liga fortemente ao ambiente banalizado em nossa sociedade. Marca a materialidade do espaço favela que está simbolizado na fala dos que moram nela. Neste caso chikumaconha é um equívoco que põe em funcionamento nossa memória e nos filia a certos efeitos de sentidos. No texto é marcado o espaço onde a palavra-discurso circula, “Entre a molecada da Pedra Ferrada, bairro pobre, com ruas sem asfaltamento e que concentra altas taxas de criminalidade, a doença já ganhou outro apelido: ‘chikumaconha’”. Houve uma mudança no uso da palavra. O que era para se caracterizar como doença, sintoma e manifestações clínicas, torna-se uma palavra vulgarizada devido a forte influência do uso de drogas que resulta de outros problemas que o indivíduo sofre por questões da sociedade, principalmente nas periferias, que apresentam diversos problemas sociais de emprego, habitação, saneamento, entre tantos outros e por isso, o uso de drogas é intensificado.

A ‘chikumaconha’ construiu esquecimento daquilo que chikungunya deveria significar, pois os sintomas que a doença provoca lembram ou se associam aos efeitos do uso da maconha. Assim, a chikungunya foi determinada por redes de filiação que articularam conceitos médicos e culturais. Sendo que, o que predominou, neste caso, foram os aspectos culturais que determinaram a semelhança entre os sinais, as mudanças físicas e emocionais que aconteceram no corpo do indivíduo com chikungunya e o corpo de uma pessoa que fez uso da maconha, possibilitando aos leitores a capacidade de reconhecer os sintomas por meio da descrição da experiência.

Chikumaconha expressa um discurso sobre os sujeitos (crianças, jovens e adultos) que moram nas periferias, que sofrem influência, têm acesso e que convivem com vulnerabilidades.

Segundo Orlandi (2013), o local, a cultura e a época nas quais as doenças surgem são determinantes para as nomeações dela. A autora (idem), explica que a palavra-discurso é híbrida. Ela produz realidade e, ao mesmo tempo, se constitui determinando o imaginário. Existe uma narratividade que se estrutura na quantidade e nas repetições de sentidos que vão ampliando os diferentes sentidos, as diferentes construções referenciais que determinam distintos movimentos da dengue no discurso jornalísticos.

Orlandi (2001, p. 179) reitera essa explicação quando fala do efeito de “des-historicização”. Ela explica (idem) que no processo de narratividade há uma diminuição da temporalidade de um acontecimento na história. Esse processo está ligado à relação entre o mesmo e o diferente que produz a homogeneização, “para que já esteja sempre já lá um ‘conteúdo’ bloqueando o percurso dos sentidos, seu movimento, sua historicidade, seus deslocamentos” (ORLANDI, 2001, P.181). Ao percebermos o funcionamento de uma palavra-discurso nas notícias, notamos que no texto há uma relação do homem com a linguagem, porque ao metaforizar fica caracterizada a maneira do indivíduo se significar por uma palavra que apaga a memória histórica substituindo-a

Para Orlandi (2005), apesar dos efeitos de quantidade, do efeito de conteúdo, da repetição que não historiciza, a Tevé metaforiza a relação do homem com a linguagem, pois esta específica maneira do homem se significar por esta linguagem que apaga a memória histórica, substituindo-a pela memória que apenas se repete, e afirma a historicização da relação do indivíduo com os meios que são organizados para se significar, em condições de produção específicas, contribuindo para que os percursos dos sentidos se signifiquem quando forma múltiplas versões.

Neste caso, o ato de nomear é “o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história” (PÊCHEUX, 2004, p.64). Nesse processo de denominar, os sentidos se dispersam fazendo constituir o que queremos ou não na história, influenciando a construção e ou destruição de evidências.

Barbai (2008) nos ajuda a entender o processo de historicidade da doença, explicando que é necessário incluirmos na análise dos sentidos dos nomes a noção de relatos como “um espaço em que se instala uma posição sujeito e a mobilidade como algo indissociável da percepção do lugar e do olhar” (BARBAI, idem, p. 100). Segundo o autor (idem), os relatos são configurados como um espaço onde se instala uma posição sujeito, no qual podemos questionar sobre os diferentes trajetos que os sentidos assumem.

No recorte a seguir, selecionado para a análise, sublinhamos os seguintes enunciados:

“*Família Dengue*” - Na casa de Roseli Bonizzi Valentim, 47, na Lapa, quase todo mundo pegou dengue. “Só escapou meu marido”, diz. Além dela, os filhos de 17 e 19 anos, adoeceram – um deles, com dengue hemorrágica. “Fiquei internado por uma semana, com uma contagem muito baixa de plaquetas. Senti muita moleza e muita tontura”, conta André, 17. Após vistorias de agentes de saúde, descobriu-se que a casa de uma vizinha tinha foco do mosquito. “O pior é quando a doença vem do vizinho, porque você não tem muito o que fazer”, afirma Roseli (FOLHA DE S. PAULO, *Família Dengue*, 23.05 2014).

Outra vez notamos a familiaridade e a intimidade do convívio com a doença. Além disso, para criar um efeito de sentido do texto, reforça-se por meio do enunciado metafórico “família dengue”, a função persuasiva do discurso do jornal. Ao usar o termo família dengue, o discurso jornalístico mobilizou a palavra-discurso como forma de permitir a identificação do leitor. Ao relatar família dengue, o jornal possibilita vários discursos que produzem um espaço de temporalidade em que o leitor acessa e vivencia no cotidiano. Por meio dos relatos: “Só escapou meu marido”; “Fiquei internado por uma semana, com uma contagem muito baixa de plaquetas. Senti muita moleza e muita tontura”; “O pior é quando a doença vem do vizinho, porque você não tem muito o que fazer”; o jornal constitui sujeitos que falam sobre si, criando uma condição do que é outro ou do que é distinto, convocando a identificação. Pode-se dizer, que ao referir ao termo família dengue, o relato do jornal tenta determinar a família como um local, ambiente, ou seja, o relato transforma família (um local de apoio, onde há conforto, bem-estar) em espaço de circulação da dengue. Ao enumerar os relatos das pessoas na notícia, o jornal vai produzindo uma demarcação do espaço, o percurso da doença dentro da família, isto é, por meio da definição do testemunho ele vai moldando o tempo da vivência por meio da transmissão, abrigando na notícia tanto quem conta como quem está lendo, produzindo o trajeto do dizer materializado pelas vozes de Roseli Bonizzi Valentim e André, que determinaram o modo de se ver e se ler o sentido de família dengue.

Além disso, na construção da narrativa, nota-se a marca da desresponsabilização do Estado, quando a moradora se refere ao vizinho, como um dos causadores da doença, produzindo um discurso que culpa e ironiza a população pela não higiene nas casas e nos espaços urbanos e um discurso que sempre se refere a dengue como algo da vida privada, das relações familiares, deixando assim as questões políticas silenciadas.



De acordo com Orlandi (1998, p.60), qualquer ato da fala tem como resultado um efeito que se sustenta no já-dito. Esse efeito funciona por causa da memória, na medida em que as vozes que identificamos nas diferentes formações discursivas se apagam e produzem a universalidade do sentido, literalização do sentido, sua des-historicização, seu efeito de estabilização, efeito referencial de não-interpretabilidade, formando assim uma ilusão daquilo que é dito. Porque os relatos estão numa condição ideológica que fazem com que os sentidos se projetem em outros sentidos, uma vez que, escolhendo as palavras, nomeasse os sentidos. Como veremos a seguir, no recorte selecionado.

*Becos da Dengue* - O primeiro médico diagnosticou sinusite. O segundo, uma gripe forte. “Eu sentia uma dor de cabeça insuportável, nada passava”, diz Milena Caponi, 15. Quatro semanas depois, a estudante descobriu que não tinha nem sinusite nem gripe. “Estava com dengue. Fui a diversos hospitais para conseguir meu diagnóstico. Fiquei quatro semanas sem ir à escola”, conta. Milena, Edmar e Lorena moram em um beco de cerca de 200 metros na rua Elias Pereira, no distrito de Tremembé, zona norte da cidade de São Paulo. Lá, a maioria dos moradores teve dengue. (FOLHA DE S. PAULO, Becos da Dengue, 09.05. 2014).

No recorte escolhido para análise, temos a palavra-discurso: Becos da Dengue. Tomamos o termo Beco como uma representação de um lugar. Temos uma cena, um lugar onde os moradores foram diagnosticados com dengue. A palavra escolhida para nomear a situação, a notícia, faz uma correção que evoca uma crítica, uma denúncia ao espaço urbano. Becos são locais ou áreas fortemente habitadas, que facilitam a proliferação de doenças e dificultam processos de segurança e saneamento. Ao usar o termo Beco, o jornal produz um efeito imaginário que marca o beco como um local de constante perigo e desafios relacionados à oferta efetiva de serviços de saneamento básico, saúde e etc. A palavra-discurso usada para persuadir o leitor, caracteriza um lugar com condições precárias de habitação, oferta irregular do abastecimento de água, política ineficaz de gestão de resíduos sólidos e o tratamento de esgoto, elementos constituintes dos determinantes sociais da dengue em territórios urbanos vulnerabilizados, que acarretam a proliferação do mosquito *aedes aegypti*. “Um beco de cerca de 200 metros na rua Elias Pereira, no distrito de Tremembé, zona norte da cidade de São Paulo” é um lugar que marca a negligência do Estado que deixa a população sem abastecimento regular de água, que faz com que a população estoque água em tonéis, um dos locais preferidos do mosquito. A falta de coleta regular dos resíduos sólidos nessas localidades mostra a ausência do Estado, pois sem a coleta o lixo é armazenado de forma inadequada e passa a acumular a

água que facilita para a instalação dos criadouros. O termo Beco é um recorte que denuncia o fracasso do Estado na promoção de políticas que contemplem as especificidades dos territórios favelizados dos centros urbanos.

Além disso, os termos “primo Chico”, “Família Dengue”, “primo da dengue”, “Chiku”, “Chikumaconha”, “becos da dengue”, definem-se como noção palavra-discurso. Conceito introduzido por (Orlandi, 2013, p. 15) para explicar que há palavras que desempenham o papel de representar “alguma coisa”, ou seja, “a que produz realidade, constituindo determinado imaginário” ou a “acumulação simbólica de diferentes materiais significantes” (Orlandi, 2013, p. 15). Dessa forma, “primo Chico”, “Família Dengue”, “primo da dengue”, “Chiku”, “Chikumaconha”, são palavras que significam e que representam a chikungunya desempenhando algum papel. Primo Chico e primo da dengue podem se referir ao mesmo vetor; Chikumaconha e Família Dengue para caracterizar a familiaridade dos sintomas.

Toda essa enunciação mostra aqui o equívoco do dizer: ao falar em dengue, como doença de família, se caracteriza a doença como uma questão doméstica, que deve ser domesticada pela população. Ao Estado cabe o controle. À população a domesticação. Por outro lado, a dengue se torna, nos giros discursivos, uma questão familiar aos sujeitos. Um parente indesejado que vem a todo verão visitar. Uma visita, todavia, que pode matar.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposto, esta pesquisa teve como objetivo geral, investigar na relação comunicação e saúde: a produção dos sentidos sobre dengue nos jornais: Meio Norte, O Dia, O Globo e Folha de S. Paulo durante o ano de 2014. A análise realizada nos permitiu identificar, ao longo do ano de 2014.

Quanto às considerações gerais sobre a problemática da dengue veiculadas nos jornais, No ano de 2014, houve repercussão da dengue nos jornais, mas não tão intensa e extensa, pois os jornais se dividiram em noticiar sobre a reintrodução do vírus Chikungunya, que no começo do segundo semestre, se fez presente em solo brasileiro. Então, a veiculação sobre transmissões provocadas pelo mosquito *aedes aegypti*, esteve presente nos jornais impressos por meio de informações relacionadas desde o início do ciclo anual da doença até os primeiros casos de morte por dengue hemorrágica, onde a problemática ocupou lugares de destaques nas editorias relacionadas à sociedade e cidade.

Notou-se que nos jornais: Folha de S. Paulo e O Globo as notícias tinham características de trazer algo novo, com infográficos e imagens que denotavam os principais fatores que influenciavam os riscos da doença, no entanto, a forma como o conteúdo era exposto para os leitores, nem sempre era de cunho comunicacional com objetivo de educar, mas sim um ciclo dos mesmos tratamentos sobre dengue.

Folha de S. Paulo e O Globo utilizaram bastantes analogias e metáforas para se aproximar da população e informar sobre o controle do vetor, mas observa-se, por meios das análises, que os jornalistas tiveram um pequeno progresso quanto ao contato com as ciências relacionadas à vigilância, combate e controle do vetor, no entanto é evidente o déficit informações quando os assuntos eram sobre os aspectos básicos da doença, pois não havia um compartilhamento abrangente e diferenciado sobre a cultura científica abordada na notícia ou reportagem.

Quanto ao Meio Norte e O Dia não foram possíveis perceber o uso de analogias e metáforas. O modo de produção de notícias sobre dengue neles era produzido de maneira bem mais primitiva. Compreende-se, por meio das notícias, que os jornais e jornalistas de Teresina são analfabetos científicos e não tem um senso crítico e nem letramento científico para noticiar sobre a doença, pois o quantitativo das notícias mostraram que as notícias veiculadas eram advindas de agências de notícias e press-release, no qual não havia um tratamento crítico sobre o que estavam expostos nas notícias. O máximo que se faziam eram edições dos textos. Existe uma superficialidade no uso das fontes. Pouco se usa falas de pesquisadores, centrando em grande parte na fala da gestão ou do estado.

Nos quatro jornais, observou várias disfunções nos discursos sobre dengue, devido à velocidade da produção e divulgação da doença. Não há uma preocupação com as consequências éticas e sociais sobre a circulação e recebimento da informação.

Os quatro jornais silenciaram o fato de a dengue ser atravessada por processos sociais, históricos e políticos, não contemplaram a doença como um fenômeno híbrido que demanda abordagem interdisciplinar de descrever os surtos e focaram apenas num viés que descrevem aspectos biológicos e epidemiológicos.

Os quatro jornais deram mais importância ao espetáculo (em noticiar os números impactantes) do que os fatores que estão por trás dos números. Há uma fuga de responsabilidade em apurar a informação, tornando veículos passivos, informando apenas a atualidade, sem criticar e sem considerar as falhas da gestão, do poder público e da gestão em saúde no enfrentamento do aedes e diminuição dos casos de dengue. Nos quatro jornais há notícias e ou informações voltadas para a promoção de institutos de pesquisas, produtos e etc.

Quanto à relação da área de Divulgação Científica, ciência e saúde constatou-se, por meio das análises, que as notícias relacionadas à dengue, são uma mera adaptação do discurso do pesquisador, ou seja, transmissão e tradução das informações para o público leitor.

A noção de divulgação científica é definida com uma reformulação do que foi dito pelo discurso fonte, sem discussões de propostas, soluções sociais de serviços e de comunicação, aspectos que contribuem para efetividade da divulgação de medidas desenvolvidas pelo conjunto de ações de assistência, de higiene, de fiscalização sanitária, educação sanitária, socioambientais, de pesquisa, desenvolvimento tecnológico, investimento público, serviços, fortalecendo assim os sentidos institucionalizados.

Quanto ao aspecto de divulgação da doença, nota-se que existe uma mobilização dos jornais quando o assunto é dengue, mas os discursos produzidos por eles são poucos eficazes, isto porque, o tratamento sobre o assunto é simplificado, cheios de distorções e equívocos.

Observou-se por meio dos recortes analisados que, há uma desinformação e uso incorreto de conceitos básicos sobre os aspectos científicos do vetor, como tratar o *aedes aegypti* como sinônimo de dengue, sobre a dinâmica de transmissão do vírus tanto no inseto, quanto no homem; não sabem diferenciar as dinâmicas dos surtos: ondas epidêmicas, endêmica/epidêmico e hiperendêmico/hiperepidêmico; confundem ciclo de transmissão domiciliar com transmissão de áreas urbanas; tratam vigilância como sinônimo de controle e confunde controle com controle químico. Assim notou-se, por meio das análises, que há um desrespeito conceitual, pois em muitas notícias ressalta-se a ineficiência na compreensão e conhecimentos específicos sobre o *aedes aegypti* e dengue; além da incapacidade de aplicar

habilidades, criatividade e aplicação dos conhecimentos científicos com foco na vida cotidiana, centra-se em apenas transmitir conceitos sem aplicá-los nas notícias. Apenas demonstram relações afetivas voltadas a noção de morte e sofrimento da população acometida pela dengue. Não aplicam emoções, atitudes e valores para outros fins, apenas para marcar dor, tristeza e doença.

Para mudar este panorama serão necessários mudar a dinâmica de divulgação na imprensa. Uma solução que poderia exercitar nas regiões do país seria propor um debate que venha a fomentar um fórum de questões multidisciplinares sobre a dengue tanto para jornalistas quanto para cientistas e à própria administração pública com relação aos conhecimentos específicos da dengue, ouvir outros especialistas que não estejam envolvidos e usados na pauta, palestras à imprensa, congressos científicos e etc., para que haja uma mudança no foco das informações, pois se continuar como estar será a continuidade do mesmo discurso naturalizado.

Quanto às conclusões sobre o ciclo jornalístico dos discursos sobre dengue, nota-se a efetividade do ciclo jornalístico ser parecido com o ciclo biológico e epidemiológico da doença. No entanto, só foi possível constatar devido ao caráter adotado nos jornais, que foi a cultura da gestão de risco, uma característica similar adotada pelos Programas Educativos de Combate e Prevenção da doença. Fator importante que contribuiu para a efetividade e construção do ciclo jornalístico, pois se observou uma linha de administração de pautas e discursos sobre dengue, de acordo com o início, surto e declínio da doença no território. Contudo, os jornais não tiveram o senso crítico de perceber que os surtos das doenças não são iguais aos anos anteriores, há uma dinâmica do surto, nunca uma mesma região pode ter um mesmo tipo de dengue, ou o mesmo tipo de epidemia, isso ocorre por causa da dinâmica de contágio/infecção, pois uma pessoa não pode ter dengue tipo 1 ou tipo 2 ou tipo 3 ou tipo 4 mais de uma vez, ou seja, se no ano de 2014 uma certa região existiu notificação de dengue tipo 1, no ano de 2015, pode a mesma região ter dengue, porém não tipo 1 e sim as outras formas de manifestações da doença.

Nota-se que a sazonalidade da rotina de produção, formulação e circulação de notícias sobre dengue acompanham a sazonalidade dos números de casos da doença e as ações do mosquito no ambiente urbano. Além disso, as condições históricas, institucionais influenciavam, diretamente, aos modos de conduta e comportamento da sociedade e sujeitos sociais no combate e prevenção da doença.

O ciclo jornalístico sobre dengue descreve o ciclo de transmissão do *aedes* e dos casos de dengue a partir de uma abordagem voltada apenas para os referentes biológicos, epidemiológicos e na relação unicausal da doença.

Quanto à funcionalidade da intersecção dos níveis e os marcos do ciclo, analisa-se a eficiência, eficácia e efetividade da manutenção de certos discursos naturalizados no decorrer do desenvolvimento das fases.

Concluimos que, o nível amplo ou histórico contribuiu para percebermos as inúmeras versões, os furos, fugas de sentidos e silenciamentos presentes no ciclo jornalístico sobre dengue, por meio da história e memória, esquecimentos, silêncio, condições sócias históricas, interdiscurso, efeito de pré-construído, memória, paráfrase. O nível institucional contribuiu para a manutenção dos mecanismos de aproximação ou distanciamento, através da polissemia, metáfora, aposto, metalinguagem, formação discursiva. Destacando que na sazonalidade das notícias existem discursos que: estabilizam, destacam, marcam, repetem, regularizam a dengue durante o ano, reproduzindo um discurso semanticamente normal que negam as múltiplas interpretações do acontecimento dengue contribuindo diretamente no nível relacional, assujeitando os sujeitos sociais, dominando pensamentos, calculando e domesticando os sujeitos e a próprio enfrentamento da doença.

Há em todo ciclo uma forte presença de marcas linguísticas e ou palavras que denotam sentidos e que visam intervir na relação do sujeito e espaço urbano, onde ocorre maior circulação do *aedes aegypti*, destacando essas marcas e ou palavras como condutores de significação e mantenedores da memória do dizer ao transmitir uma informação conforme as condições social, cultural, histórica de produção mantida na sociedade, refletindo na palavra-discurso um caráter familiar, individual da doença.

No ciclo manifestam-se vários gestos de interpretação capazes de mostrar o equivoco. Marca-se a dengue como uma questão doméstica, tanto como quando é relacionado ao ambiente doméstico (privado), quanto na forma que a população domestica a mesma, gerando metáforas ou palavras discursos para renomea-la. E essa característica notamos em todo o ciclo. Uma inversão de responsabilidades, direitos e deveres.

Quanto à questão polissêmica e denominação de dengue, percebemos que houve posicionamentos discursivos nos jornais marcando o vírus causador da dengue e chikungunya como membro da família dos sujeitos sociais. Um primo, um ente da família indesejado que todo verão ou sempre no início do ano vem visitar os familiares.

Encontramos no cruzamento ou intersecção das fases do ciclo jornalístico sobre dengue que cada fase ordena e marca um movimento permanente de discursos naturalizados, equivocados, estabilizados e negligentes sobre dengue materializando-os nos jornais.

Nas fases, quanto à questão da gestão, medidas de prevenção e controle, notaram-se uma desinformação dos jornais quanto aos aspectos básicos do ciclo de vida do *aedes aegypti*.

Quando se aborda influência de fatores e determinantes, percebe-se um equívoco em denominar a influência dos determinantes para o controle da dengue, bem como, nas notícias voltadas para o gerenciamento do risco e notificações de criadouros como influenciadores na densidade do mosquito. O primeiro equívoco foi confundir controle criadouros como forma de identificar a densidade e disponibilidade de criadouros potenciais versus risco e notificações do vírus dengue.

Os jornais tem preferência em abordar o fator de gestão das medidas preventivas voltadas ao controle mecânico do mosquito, controle da produção de recipientes descartáveis favoráveis à proliferação de aedes. Nos jornais existe uma preocupação com as fases larval e pupal do inseto.

Nos quatros jornais, existe um silenciamento constante dos fatores relacionados à falta de saneamento, grau de desenvolvimento, industrialização das cidades ou regiões afetadas pelos casos de dengue e da desresponsabilização do Estado. Houve uma preocupação em centralizar os discursos nos hábitos e costumes domiciliares das populações como sendo diretamente ligados à presença e densidade do vetor. Quando foi para fortalecer as ações do Estado, silenciavam a ação dos fenômenos climáticos (precipitação pluviométrica e a temperatura ambiente) na manutenção dos criadouros e casos da dengue.

Sabe-se que a principal característica do aspecto básico de proliferação do mosquito é transitoriedade dos criadouros e isso é totalmente silenciado, pois dependendo da temperatura, haverá em certa região com probabilidades diferentes de surtos. Houve uma desinformação ao tratar do gerenciamento, em apenas focar num ou outro determinante, sendo que fatores climáticos, ação popular e ações do estado na manutenção das áreas urbanas devem andar de mãos dadas para o combate e controle dos criadouros. O segundo equívoco é tratar a vigilância do vetor *aedes aegypti* ou do criadouro do vetor como sinônimo como controle do vírus dengue.

As ações de gerenciamento são voltadas para ações que se restringem ao momento de crise. Nas notícias analisadas não houve atividades que fortalecessem, ampliassem e preenchessem lacunas das iniciativas encabeçadas pelo governo. O eixo de atuação das notícias voltava-se para marcar ações dos mutirões de limpeza como forma de contribuir para o aumento da conscientização da sociedade sobre os cuidados e externos.

As informações voltadas apenas para o conhecimento do indivíduo mostrou a ineficiência das medidas porque sempre discutiam que a prevenção e o controle deveriam partir do morador, vir do ambiente domiciliar, mas compreendeu-se através dos grandes índices e dados que a população não compreende, não aceita e não apoia os esforços para controlar os criadouros. As orientações para a gestão adequada era voltado para questão do conhecimento

sobre os potenciais criadouros dos mosquitos, formas de transmissão, sintomas, riscos e prevenção que não foram trabalhadas nas notícias de maneira prática e atrativa.

O foco principal nas fases foi o indivíduo ou culpabilização da vítima e os jornais não trataram o controle numa perspectiva coletiva e complexa, mas sim simples e individualizada, sem focar nas questões de vulnerabilidade do território. O terceiro equívoco foi tratar a participação popular e participação social como sinônimo.

Quando a questão são os criadouros, os jornais analisados centram-se em destacar a dispersão ativa do mosquito, a concentração de recipientes encontrados nos ambientes domiciliares, silenciando a dispersão passiva (a mobilidade das pessoas e mercadorias) e criatório limpo (que ficam bem escondidos, como o buraco do elevador, recipientes de ar condicionados e etc.).

Quanto às estratégias de controle encontradas nas análises podemos destacar que o jornal O Globo utilizou as estratégias de controle voltadas para o controle mecânico, controle do mosquito adulto e controle biológico – Wolbachia. Além disso, centrava-se nos macrocriadouros; O jornal Folha de S. Paulo utilizou as estratégias de controle do criadouro, controle biológico (transgênico e wolbachia), controle químico uso de inseticidas. Os jornais Meio Norte e O Dia focavam-se em estratégias voltadas para o controle mecânico. Quando se referia ao controle biológico era apenas através de releases e agências de notícias. Os quatro jornais se interessaram em divulgar sobre a eficiência das vacinas, no entanto, sem senso crítico. Da mesma forma aconteceu com os controles biológicos e a questão das resistências das estratégias de controles como o fumacê, wolbachia, transgênico, uso de inseticidas e larvicidas.

Compreende-se que durante as fases existiu uma confiança equivocada quando se referia ao controle do vetor. As notícias voltavam-se para o controle como sinônimo de controle químico do vetor. Não realizavam uma distinção entre controle das larvas, das pupas, controle adulto, eliminação de população, colocavam tudo no mesmo bojo. Há diferenças entre controle do vetor e controle químico, distinção entre repelentes e inseticidas e dicotomias entre resistências quando o foco é o *aedes aegypti* versus larvicidas e *aedes aegypti* versus adulticidas, situações que não foram amplamente discutidas nos jornais.

Nos marcos do ciclo, o foco principal foram as ações de eliminação de locais, onde o vetor costuma depositar os ovos. Existe o silenciamento quanto à conduta e uso das palavras, por exemplo, “tampar uma caixa d’água não é sinônimo de vedar, para o mosquito por os ovos”, “eliminar objetos versus virar objetos”; quanto às lonas nas piscinas e usadas para cobrir objetos não devem ser colocadas de qualquer jeito, as pessoas devem ter uma conduta adequada para esticar, tratar os lugares com armazenamento de água, aplicar telas protetoras. Observou que,



os discursos sobre dengue eram voltados para medidas que os indivíduos teriam que realizar para controlar os criadouros, mas não foram especificadas as habilidades, práticas e conduta do indivíduo para controlá-los.

Quanto à questão do número, os dados epidemiológicos da doença que foram dispostos nos jornais seguem a noção de interpretação. Os números expressam aquilo que o jornal ou o jornalista quer expressar. Os números dispostos nas notícias são expostos de uma maneira em que a matemática foi usada para mascarar ou silenciar determinados favores em detrimento do outro, como forma de influenciar na ação do homem. Conforme a interpretação dos dados a informação sobre um dado poderia ser manipulado, não pelo caráter político de ocultar outras problemáticas, mas porque o jornal não tem pessoal de comunicação preparado para interpretar, leitura, averiguação, apuração da mesma forma como se faz quando se faz uma entrevista.

Logo, acabam fazendo uma leitura errada da base de dados. No entanto, não por causa de desinteresse, mas por causa da rotina produtiva e da temporalidade da empresa jornalística que é cíclica e intensa. Diariamente, existe uma correria, desde quando o repórter chega à redação, checa todas as mensagens, as sugestões de pautas que estão expostas nos jornais do dia ou que chegam por e-mail ou telefone, elaboram pautas, redige matéria, seleciona imagens e gráficos para ilustração das páginas e escolhe os assuntos mais importantes que constarão nas capas dos jornais.

Observa-se que a rotina jornalística teve ligação direta na caracterização dos números sobre dengue como sinônimo de fala vazia, pois por causa da automação e do enxugamento do quadro de profissionais que sobrecarregam os jornalistas de tarefas, comprometem a linguagem e o processo de divulgação científica nos jornais e no próprio fazer jornalístico, pois as buscas por controvérsias, incentivos a formações profissionais, educativas para aprimorar e trazer novos olhares no noticiar a doença ficam em último plano. Além disso, por causa de fatores internos e externos coloca-se em xeque a forma de noticiar, como por exemplo, a grande inserção de profissionais jovens (estagiários) não capacitados em fazer leituras críticas e questionamentos sobre a problemática.

Os números e os discursos sobre dengue são voltados diretamente para espetacularização e impacto da informação. Nas análises percebemos discursos de alerta, de comunicação de risco, de descontrole, fragilidade, medo de contágio, morte por dengue, ou seja, é uma comunicação baseada em rumores influenciada pelo nível de vigilância e atuação do governo no combate, controle, prevenção, diagnóstico da dengue.

A dengue se impõe na sociedade como um evento que pode atingir a todos, em um determinado tempo e lugar, como se fosse uma relação direta de causa e efeito, no qual a população não consegue entender.

Os discursos sobre a dengue ou a produção de sentidos sobre a dengue acontecem seguindo uma ordem cíclica, caracterizando-se como ciclo de epidemia de notícias, que permite que as pessoas perceberem a crise epidêmica da dengue do início ao fim, no qual, percebe-se um período de crescimento, um período de surto, um período de declínio e quando a rotina de produção ou o ciclo da doença atinge um determinado patamar, o ciclo começa a reativação e reinicia o período.

Outro fator encontrado é que os discursos sobre dengue é voltado para uma cobertura pautada na ideia de sociedade de risco e medicalização. Não há um alinhamento quanto à comunicação dos dados epidemiológicos. Os números são falhos e quando estão corretos há divergências numéricas, pois cada secretaria tem uma agenda para divulgação de boletim epidemiológico e isso influencia diretamente na comunicação, pois haverá uma disparidade quanto à veracidade dos dados. Assim como, a influências dos interesses políticos que fragiliza o processo de resposta dos casos. O político muitas vezes oculta, escondem e não admitem os reais casos da doença, nos municípios e estados. Outro fator que determina o funcionamento dos discursos sobre dengue são as questões de conflitos de interesses.

A comunicação dos discursos sobre dengue relacionados à epidemiologia da dengue ainda é insipiente, simples. Os jornais não contemplam a dengue como uma doença complexa, em que demanda de fatores globais que influenciados pela migração acelerada e viagens; urbanização acelerada que trazem os grandes riscos conhecidos por todos: desabastecimento de água, infraestrutura urbana e domiciliares inadequadas, crescimento populacional e outros tantos determinantes que contribuem para que a dengue seja uma doença de risco e prospera. Além disso, nota-se a influência de mudanças de comportamento e hábitos. Ou seja, a produção de discursos sobre dengue ainda é voltada para o plano bidimensional, que é traduzir a doença em uma relação direta.

Quanto à apresentação clínica da doença, observou-se que quando a questão são os fatores que influenciam ao aumento de números de indivíduos suscetíveis à doença e aos determinantes que contribuem para o aumento das transmissões do vírus dengue, percebeu que as notícias, os discursos sobre dengue abordam apenas a ponta do “iceberg” (óbitos, casos graves, e aumentos das infecções pelos sorotipos da dengue), silenciando as outras formas de distribuição dos sintomas, do diagnóstico laboratorial, monitoramento clínico, raça, etnia, o

aumento da virulência (a capacidade infecciosa de um micro-organismo, medida pela mortalidade que ele produz).

Os discursos sobre dengue não trás discussões aprofundadas sobre a capacidade sanitária básica para vigilância e repostas para as notificações; fragilidade na identificação, avaliação e notificação, adoção de medidas e controle voltados para o comportamento; as curvas de casos de incidências não são claras e corretas; há uma divulgação da notificação e respostas tardias; a dengue foi tratada como uma enfermidade eventual, devido a sua manifestação ou ocorrência e potencial de causar surtos e a caracterizasse como um risco para a saúde pública.

A análise dos recortes, nos mostraram que na comunicação dos jornais, quando o assunto é dengue voltaram-se para a questão de risco do mosquito de contribuir para algumas consequências como a mortes, sintomas e sequelas, que são resultantes de determinantes naturais, ameaças (introdução do vírus dengue/fator extrínseco) e vulnerabilidade (fator intrínseco: acesso aos hospitais, população vulnerável e etc.).

As repetições dos dados epidemiológicos são falas vazias, estratégia usada pelos jornais para manter a governança e a gestão dos conjuntos de medidas para que a emergência não se transforme em crise e o país não perca a governabilidade. Desta forma, o ciclo de repetições de dados, identificações, verificações, notificações é bem comum. Além disso, os discursos dos jornais tentam sem muito sucesso caracterizar-se como uma comunicação voltada para o risco, com foco em intervir sobre vulnerabilidades, agir sobre ameaças para evitar e reduzir riscos, mas é um discurso reproduzido que se repete, sem trazer efeito algum, pois os casos permanecem crescendo, apenas mudam o foco das regiões e a dinâmica dos sorotipos.

Quanto à questão de gerenciamento dos dados epidemiológicos, os jornais ainda não têm um olhar para delimitar as probabilidades e consequências de riscos. Não existe uma preparação; conhecimento aprofundado sobre a dinâmica do aspecto biológico e dos dados epidemiológicos; noções básicas sobre o controle do vetor químico, biológico e resistências às inseticidas; não repercutem os índices de formas diferentes, a não ser alarmando ou espetacularizando a doença em números; não propõem avaliações trazendo, boas práticas, anúncios prévios, transparência, outras percepções com influência da cultura, normas, crenças, hábitos e etc., que envolva o público e que tragam expressões claras para superar a expectativa do público; mensagens que aceitem aceitações e etc.; e acima de tudo trazer e produzir informação confiável.

Nas análises, constatou-se que a dengue foi caracterizada como sinônimo de pobreza, pois está diretamente relacionada à precariedade de habitação, ausência de fornecimento de água adequado, onde se observa a ausência de saneamento básico, coleta de lixo e etc.

A constituição de sentidos dos números de casos de dengue foi determinada pela historicidade, que mostra a incidência da dengue como algo naturalizado. Os jornais tiram proveito da quantidade de registros de criadouros de *aedes aegypti* para denotar uma sensação de alarme a fim de correlacionar a dengue a conduta do indivíduo no espaço domiciliar.

Além disso, o agente público ou gestor transfere as responsabilidades que é do poder público para o cidadão, dando a entender que o morador é culpado pelo descontrole das infecções. Notou-se, também, o uso da metáfora para marcar para o leitor o contexto onde a dengue se insere.

Os sentidos dos números são da ordem da circulação, quanto mais os índices da dengue, mais se formulam replicas dos dizeres, produzindo a reiteração do mesmo produzindo a ilusão do diferente e desenvolvendo mais discursos vazios que serão produzidos por outros meios de comunicação.

Deste modo, nos processos discursivos dos números, observou-se o funcionamento da produtividade que formulam os números, fornecendo a variedade do mesmo em série, no qual os dados numéricos circulam no seu próprio eixo de circulação, sem explorar a multiplicidade de causas e nem suas múltiplas formas de se apresentar. Observou-se um silenciamento a respeito dos fatores relacionados à saúde e o domínio do pensamento em culpabilizar e responsabilizar a vítima pela presença e persistência do *aedes aegypti*. Além, do domínio de pensamento associado à ordem social que criticam a conduta do indivíduo no ambiente e as recomendações de prevenção da dengue voltadas para o ambiente domiciliar.

Percebe-se a inversão de responsabilidade e os silenciamentos ocorridos por causa da violência estrutural que a sociedade sofre, pois o Estado não exerce seus direitos, deveres e responsabilidades tanto na esfera pública ou privada. A comunicação de risco silencia as falhas dos testes de diagnósticos laboratoriais, exames e monitoramento que desempenham o papel na detecção do vírus, dos casos e à assistência das pessoas. Fatores que fortalecem o sentido incompleto da denúncia.

## 5. REFERÊNCIAS

- AEDS, velho inimigo. Blog de *HCS-Manguinhos*. [viewed 5 April 2016]. Available from: <http://www.revistahcsm.coc.fiocruz.br/aedes-velho-inimigo/>
- ADINOLFI, Valéria Trigueiro Santos. **Discurso Científico, poder e verdade**. Revista Aulas (UNICAMP), v. 03, p. 1-10, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo, 2008.
- ALBAGLI, Sarita. **Divulgação científica**: informação científica para a cidadania. Revista Ciência da Informação, v. 25, nº 3, 1996.
- ALONSO, Julio. **Grafía. El trabajo en un agencia de prensa especializada en infograficos**. In: Revista Latina de Comunicación Social. Número 8. Agosto de 1998. La Laguna.Tenerife. URL: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/49inf6.htm>. Data de acesso: 20.09.2015.
- ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2007.
- ARAÚJO, Inesita Soares. **O olhar semiológico**. IN: **A reconversão do olhar** - Uma contribuição semiológica para a reflexão sobre as práticas de comunicação na intervenção social no meio rural. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Rio de Janeiro: UFRJ, 1995. p. 114-149.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer . Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- BARBAI, Marcos Aurelio. A construção das representações identitárias: o brasileiro clandestino deportado. Rua (UNICAMP), v. 14, p. 63-77, 2008.
- \_\_\_\_\_. O Brasileiro Deportado a Falar de Si: Um Acontecimento Limítrofe. Estudos Linguísticos (São Paulo), v. 3, p. 133-139, 2007.
- \_\_\_\_\_. Discurso e vida: o sequestro como um acontecimento. Estudos Linguísticos (São Paulo), Estudos Linguísticos XXXIII, v. I-1978, p. 619-624, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal, 1977.
- BARROS, Adriana Sales. **As não-coincidências do dizer**: análise metadiscursiva da configuração textual charge. Revista do GELNE, 2012.

BUENO, Wilson. **Discurso Científico e Jornalístico**. Goiânia (Goiás), Escola Brasil de Jornalismo Científico, 8 de julho de 2011. Aula do curso de extensão universitária em Jornalismo Científico.

BUENO, Wilson. **Jornalismo Científico: história e prática**. Goiânia (Goiás), Escola Brasil de Jornalismo Científico, 8 de julho de 2011. Aula do curso de extensão universitária em Jornalismo Científico.

BRAGA, William Dias. **O Deus Secular da Ciência e seu Filho Discurso: a legitimação do saber científico na mídia**. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância em Doenças Transmissíveis. **Plano Integrado de Ações Estratégicas de Eliminação da Hanseníase, Filariose, Esquistossomose e Oncocercose como problema de saúde pública, Tracoma como causa da cegueira e Controle das Geohelmintíases: plano de ação 2011-2015**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

CALDAS, Graça. **Comunicação, Educação e Cidadania: O papel do jornalismo científico**. In GUIMARÃES, Eduardo (org.). **Produção e Circulação do Conhecimento: Política, Ciência, Divulgação**. Campinas: Pontes Editores, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mídia, Ciência e Sociedade**. Goiânia (Goiás), Escola Brasil de Jornalismo Científico, 7 de julho de 2011. Aula do curso de extensão universitária em Jornalismo Científico.

\_\_\_\_\_. **Divulgação Científica e a Relação de Poder**. Informação e Informação, 2010. Disponível: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/5583/6763>. Acesso: 25 fev. 2014;

CALADO, Liliane de Andrade. **Ciência e jornalismo: a construção do sentido do discurso jornalístico-científico no texto verbal e não-verbal de reportagens da revista ÉPOCA**. (Mestrado em Comunicação e Culturas Midiáticas). Paraíba: UFPB, 2012.

CÂMARA, Fernando Portela, GOMES, Adriana Fagundes, SANTOS, Gualberto Teixeira dos, CÂMARA, Daniel Cardoso Portela. Clima e epidemias de dengue no Estado do Rio de Janeiro. IN: **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical** 42(2). P. 137-140, mar-abr, 2009.

CARDOSO, Janine Miranda. **Entre vítimas e cidadãos: risco, sofrimento e política nas narrativas do Jornal Nacional sobre as epidemias de dengue (1986-2008)**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Rio de Janeiro: UFRJ, 2012.

COSTA, Antonio Ismael Paulino da. **Distribuição espacial da dengue e determinantes socioeconômicos em localidade urbana no sudoeste do Brasil**. Revista. Saúde Pública, 32 (3):232-6, 1998.

CZERESNIA, Dina; MACEIL, Elvira Maria Godinho de Seixas; OVIEDO, Rafael Antonio Malagon. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: editora Fiocruz, 2013.

DE PABLOS, José Manuel. **Infoperiodismo. El Periodista como Creador de Infografia**. Madrid, Editorial Síntesis, 1999.

\_\_\_\_\_. **Siempre ha habido infografia**. In: Revista Latina de Comunicación Social. Número 5. Mayo de 1998. La Laguna. Tenerife. URL: <http://www.ull.es/publicaciones/latina/a/88depablos.htm>. Data de acesso: 20.08.2004.

DINES, Alberto. VOGT, Carlos, MELO, José Marques de (Orgs). **A imprensa em questão**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

DINES, Alberto. **O papel do Jornal**: e a profissão de jornalista. 9.ed. São Paulo: Summus, 2009.

FIOCRUZ. **Projeto de vídeo-aulas**: 'Aedes aegypti - Introdução aos Aspectos Científicos do Vetor'. publicado 4.04.2013 <http://www.ioc.fiocruz.br/dengue/textos/longatraje.html>. Acesso em 20.12.2014.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa. Análise de Conteúdo. IN: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2ed. São Paulo: Atlas, 2005.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

\_\_\_\_\_. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. Segurança, território, população. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrolo** – o que a globalização está fazendo de nós. 6 ed. RJ, Record, 2007.

GUIMARÃES, Eduardo (Org). **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas/SP: Pontes Editores, 2013.

GLUBER, D J. **Dengue and dengue hemorrhagic fever**: its history and resurgence as global health problem. In: GLUBER, D J. & KUNO, G. (Ed.). Dengue and Dengue Hemorrhagic Fever. New York: CAB International, 1997.

GLUBER, D. J & CLARK, G G. **Dengue/dengue hemorrhagic fever**: the emergence of a global health problem. Emerging Infectious diseases, 1:55-57, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **O acontecimento discursivo na mídia:** metáfora de uma breve história do tempo. In GREGOLIN, Maria do Rosário (org.) **Discurso e Mídia:** a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na construção da Análise do Discurso:** diálogos e duelos. São Carlos: Claraluz, 2004.

HALSTEAD, S.B. **Dengue:** overview and history. In: HALSTEAD, S B. (Ed.). Dengue. V.5. London: Imperial College Press, 2008. (Tropical Medicine: Science and Practice).

LOPES, Boanerges, NASCIMENTO, Josias (Orgs). **Saúde & imprensa.** O público que se dane! Rio de Janeiro: Mauad, 1996.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Discurso científico e discurso jornalístico:** uma análise discursiva de seu funcionamento. Informação & Sociedade. Estudos João Pessoa - PB, v. 13, n.02, 2003.

MARIANI, Bethania Mariani. **O PCB e a imprensa:** os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989), 1998.

MOREL, Carlos Medicis. **Inovação em saúde e doenças negligenciadas.** Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 22, n.8, p.1522-1523, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. In: **Revista Intexto.** Porto Alegre: UFRGS, v.2, n.17, p. 1-25, julho/dezembro de 2007.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli . **Discurso e texto:** formação e circulação dos sentidos (1a. edição: 2001, Ed. Pontes). 3. ed. Campinas: Pontes, 2008. v. 1. 218p.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento** - As formas do discurso (1a. edição: 1983, Ed. Brasiliense). 4. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2006. v. 1. 276p.

\_\_\_\_\_. **Interpretação** - Autoria, leitura e feitos do trabalho simbólico. 4. ed. Campinas: Pontes, 2004. v. 1. 156p.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Gestos de Leitura:** da história no discurso (1a. edição: 1994, Ed. da Unicamp). 2. ed. Campinas: Unicamp, 1997. v. 1. 268p.



\_\_\_\_\_. **Discurso, imaginário social e conhecimento.** Em Aberto. Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994. Disponível em: <http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/911/817>. Acesso em: 04.02.2016.

\_\_\_\_\_. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas – SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Interpretação:** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Discurso e argumentação:** um observatório do político. In: Fórum Linguístico, Florianópolis: n. 1 (73-81), jul-dez., 1998.

\_\_\_\_\_. **Terra à vista.** Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1990.

\_\_\_\_\_. Claude Lévi-Strauss, Michel Pêcheux e o estruturalismo. In **Revista Comciência**, n.108, 10 mai. 2009. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=46&id=547>. Acesso em 28/03/2016.

\_\_\_\_\_. Silêncios: Presença e Ausência. **Revista Comciência**, n.101, 10 set. 2008. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=38&id=456>. Acesso em 15/01/2016.

\_\_\_\_\_. & Guimarães, Eduardo. **Unidade e dispersão:** uma questão do texto e do sujeito. In: Orlandi, Eni Puccinelli. Discurso e leitura. Campinas. Editora da Unicamp. Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. Cidade dos Sentidos. Campinas/SP: Pontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **Parkour: corpo e espaço reescrevem o sujeito.** Língua e Instrumentos Linguísticos, v. 34, p. 75-86, 2014.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. v. 1. 160p.

\_\_\_\_\_. **Papel da memória** (colab.) (1a. edição: 1999, Ed. Pontes). 1. ed. Campinas: Pontes, 1999. v. 1. 72p.

\_\_\_\_\_. Conversa com Eni Orlandi. In. BARRETO, Raquel. Teias: Rio de Janeiro, ano 7, nº 13-14, jan/dez, 2006.

\_\_\_\_\_. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. RUA [online]. 2010, no. 16. Volume 2 - ISSN 1413-2109.

\_\_\_\_\_. A desorganização cotidiana. Escritos: percursos sociais e sentidos nas cidades. v. 1, p. 3-10, 2001b.

\_\_\_\_\_. Silêncio e implícito (Produzindo a monofonia). In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.), História e sentido na linguagem. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 39-46. \_\_\_\_\_. (1990)

\_\_\_\_\_. N/O limiar da cidade. In: Rua, Campinas, número especial: 7-19, 1999.

\_\_\_\_\_. A Casa e a Rua: uma relação política e social. In: Educação e Realidade. Porto Alegre, 2011.

\_\_\_\_\_. (org.) Discurso e políticas públicas urbanas: a fabricação do consenso. Campinas, SP: Editora RG, 2010. 160 p.

OMS. **Temas de saúde – Dengue.** Disponível em: [http://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_joomlabook&Itemid=232](http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_joomlabook&Itemid=232). Acessado em: 20.12.2014.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In ORLANDI, E. (Org.) **Gestos de leitura.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Discurso:** estrutura ou acontecimento. Campinas – SP: Pontes, [1990] 2006.

PELTZER, Gonzalo. **Jornalismo iconográfico**, Lisboa, Planeta Editora Ltda., 1992.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo.** São Paulo. Ed. Contexto. 2005.

\_\_\_\_\_. (Org.). **1000 perguntas sobre teoria da comunicação.** Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PESSOA, Victor, SILVEIRA, David Aurélio, CAVALCANTE, Izabel, FLORINDO, Maria Isabel. **Aedes albopictus no Brasil:** aspectos ecológicos e riscos de transmissão da dengue. ENTOMOTROPICA Vol. 28(2): 75-86. Agosto 2013.

**Revista Superinteressante.** Sondas no Universo, Edição nº 257, outubro de 2008. Consultoria: Alberto Cairo e Luiz Iria Ilustração e Modelagem 3D: Alberto Cairo; Desenvolvimento: Douglas Kawazu e Fabiane Zambon; Texto: Daniel Schneider; Edição: Rafael Kenski. Disponível em [http://super.abril.com.br/multimedia/info\\_345143.shtml](http://super.abril.com.br/multimedia/info_345143.shtml), acesso em 09/08/2015.

RIBAS, Beatriz. **A narrativa webjornalística – um estudo sobre modelos de composição no ciberespaço.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2005.

RIBAS, Beatriz. Ser infográfico – apropriações e limites do conceito de infografia no campo do jornalismo. In III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJor, 2005, Florianópolis – SC. **Anais do III Encontro de SBPJor** – CD, 2005.

RIBEIRO, Lavina Madeira. Repensando os Conceitos Contemporâneos de Comunicação e Cultura. In: **XIV ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, 2005, Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Anual da Compós. Rio de Janeiro- RJ: CD-ROM do Evento, 2005. v. 1. p. 15-30.

SOUSA, Jorge Pedro. As notícias e os seus efeitos: As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos. Disponível em: < <http://bocc.ubi.pt/pag/sousapedro-jorge-noticias-efeitos.html> > Acesso em: 04/02/2016,

SANTOS, Antônio Raimundo dos. Metodologia Científica: a construção do conhecimento. 3ed: DP&A, 2008.

SOUZA, Wanderley de (org). **Doenças Negligenciadas**. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro, 2010.

TEIXEIRA, Tattiana Gonçalves e RINALDI, Mayara. Promessas para o futuro: as características do infográfico no ciberjornalismo a partir de um estudo exploratório. Trabalho apresentado no **6º. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, UMESP/São Bernardo do Campo, novembro de 2008.

TEIXEIRA, Tattiana Gonçalves. 2005. Crítica ao elogio do senso comum – Ensaio sobre a linguagem e a redação jornalísticas. *Pauta Geral*, 1(7):21-51.

\_\_\_\_\_. 2003. **A ironia do efêmero – análise das crônicas políticas de Carlos Heitor Cony, Machado de Assis e Luiz Fernando Veríssimo**. Salvador, BA. Tese de Doutorado em Comunicação. Universidade Federal da Bahia, p.250.

\_\_\_\_\_. 1998. **O bom-humor da imprensa – análise das charges contemporâneas**. Salvador, BA. Dissertação de mestrado em Comunicação. Universidade Federal da Bahia, 170 p. RIBAS, Beatriz. **Infografia multimídia: um modelo narrativo para o Webjornalismo**. In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE PERIODISMO EM INTERNET, 2004, Salvador/BA. Disponível em: <[www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004\\_ribas\\_infografia\\_multimidia.pdf](http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2004_ribas_infografia_multimidia.pdf)>. Acesso em: 8 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Comunicação Coordenada Infografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 3, 2005, Florianópolis. **Anais do III Encontro**. Florianópolis: s.d., 2005.

\_\_\_\_\_. As imagens do singular ensaio sobre o uso do infográfico no jornalismo científico brasileiro. In: CONGRESO ALAIC – 2004, La Plata.

\_\_\_\_\_. A infografia no jornalismo digital: conceitos e metodologias de pesquisa. In: PALACIOS, Marcos e DIAZ NOCI, Javier. **Metodologias de Pesquisa em Jornalismo Digital**. Salvador: Edufsc, 2008.

\_\_\_\_\_. A presença da infografia no jornalismo brasileiro, proposta de tipologia e classificação como gênero jornalístico a partir de um estudo de caso. In **Revista Fronteiras**, IX (2): 111-120, mai/ago 2007. Disponível em: [http://www.unisinos.br/artefiles/111a120\\_art04\\_teixeira.pdf](http://www.unisinos.br/artefiles/111a120_art04_teixeira.pdf). Acesso em 23/10/2015.

\_\_\_\_\_. Que beleza! O Infográfico e o Jornalismo informativo. In FELIPPI, A.; PICCININ, F. e SOSTER, D. de A. (Org.) **Edição de Imagens em Jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. SCHNEIDER, D. Sobre as sondas.

TASSO, Ismara, Campos Jefferson (Orgs.). **Imagem e (m) discurso** – a formação das modalidades enunciativas. Coleção: linguagem & sociedade. Vol. 8. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

Tauil Pedro Luiz . **Aspectos críticos do controle do dengue no Brasil**. Caderno Saúde Pública 18: 867-871, 2002.

\_\_\_\_\_. **Urbanization and dengue ecology**. Cad Saude Publica 17 Suppl: 99-102, 2001.

Teixeira Maria Gloria, Barreto Mauricio Lima. Guerra Zouraide. **Epidemiologia e Medidas de Prevenção do Dengue**. Informe Epidemiológico do SUS, 8: 5-33, 1999.

Teixeira Maria Gloria, BARRETO Mauricio Lima, COSTA M aria da Conceição, FERREIRA, Leila Denise, VASCONCELOS, Pedro, Cairncross Sandy. **Dynamics of dengue virus circulation**: a silent epidemic in a complex urban area. Trop Med Int Health 7: 757-762, 2002.

TEIXEIRA, Maria Glória, COSTA, Maria da Conceição; BARRETO, Florsneide; BARRETO, Maurício Lima. **Dengue**: Vinte e Cinco anos da reemergência no Brasil. Caderno Saúde Pública. vol.25 Supl.1 Rio de Janeiro 2009.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. 4.ed. revista. São Paulo: Summus, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** – a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: insular, v.II, 3. ed. ver.2013.

UJVARI, Stefan Cunha. **Pandemias**: a humanidade em risco. São Paulo: Contexto, 2011.

VALLE, Denise, PIMENTA, Denise Nacif, CUNHA, Rivaldo Venâncio da Cunha (Org.). *Dengue: Teorias e práticas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015.

VALERO SANCHO, José Luis. **El relato en la infografía digital**. In: DÍAZ NOCI, Javier e ALIAGA, Ramón Salaverría. *Manual de Redacción Ciberperiodística*. Ariel, Barcelona, 2003.

VASILAKIS, N. & WEAVER, S. C. The history and evolution of human dengue emergence. In: MARAMOROSCH, K.; SHATKIN, A. J. & MURPHY, F. A. (Eds.). *Advances in virus research*. San Diego: Academic Press, 2008.

VOGT, Carlos. **A Espiral da Cultura Científica**. Disponível em <<http://www.comciencia.br/reportagem/cultura/cultura01.shtml>>. Acesso em 23/06/2004.

VOGT, Carlos, DIAS, Susana; PALLONE, Simone; BARATA, Germana, KANASHIRO, Marta (Orgs.). **Comunicação, divulgação e percepção pública de ciência e tecnologia**. 1ª. ed. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Brasília, DF: CAPES; CNPq, 2013.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 3º. ed. Lisboa: Presença, 1994.